

ANIBAL MACHADO, GRACILIANO RAMOS
JORGE AMADO, JOSÉ LINS DO REGO
E RAQUEL DE QUEIROZ



BRANDÃO

ENTRE O MAR E O AMOR

ROMANCE

LIVRARIA MARTINS EDITORA
S. PAULO

BRANDÃO

ENTRE O MAR E O AMOR

Não são muitas as obras em colaboração, que a literatura brasileira poderá apresentar. Com exceção de "O Mistério", romance no qual colaboram Medeiros e Albuquerque, Coelho Neto, Viriato Correia e outros, nada mais possuímos, no gênero. No entanto, o sucesso desse livro impunha uma "réprise". Ao entrar na sua nova fase, "Diretrizes", a popularíssima revista carioca, resolveu — em combinação com a Livraria Martins — lançar a idéia de um novo romance coletivo. Vencidas as primeiras dificuldades, constituiu-se o grupo que deveria arrojarse à aventura. Cinco grandes nomes da literatura brasileira — Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Anibal Machado e Raquel de Queiroz — comprometeram-se a levar avante o plano. Coube a Jorge Amado, o romancista de "Jubiabá", escrever a parte inicial. Com a desenvoltura adquirida em meia dúzia de obras das mais populares na América, Jorge Amado permitiu que "Diretrizes" pudesse dar início à publicação seriada de "BRANDÃO ENTRE O MAR E O AMOR". José Lins do Rego, fazendo uma pausa na composição de "Água-Mãe", retomou o tema lançado no papel pelo autor de "Cacau", e prosseguiu nas aventuras de Brandão, passando a Graciliano Ramos, que, com a sua maneira tôda original e característica, levou Brandão a caminhos que Jorge Amado jamais supusera. Nestas alturas a empresa já co-

en

é

res)

lin

BRANDÃO
entre o mar e o amor

1572

B

ç
ap
ri
e
n
c
v
s
r
l

BRANDÃO

entre o mar e o amor

ROMANCE POR

ANIBAL M. MACHADO, GRACILIANO RAMOS, JORGE
AMADO, JOSE' LINS DO REGO e RAQUEL DE QUEIROZ

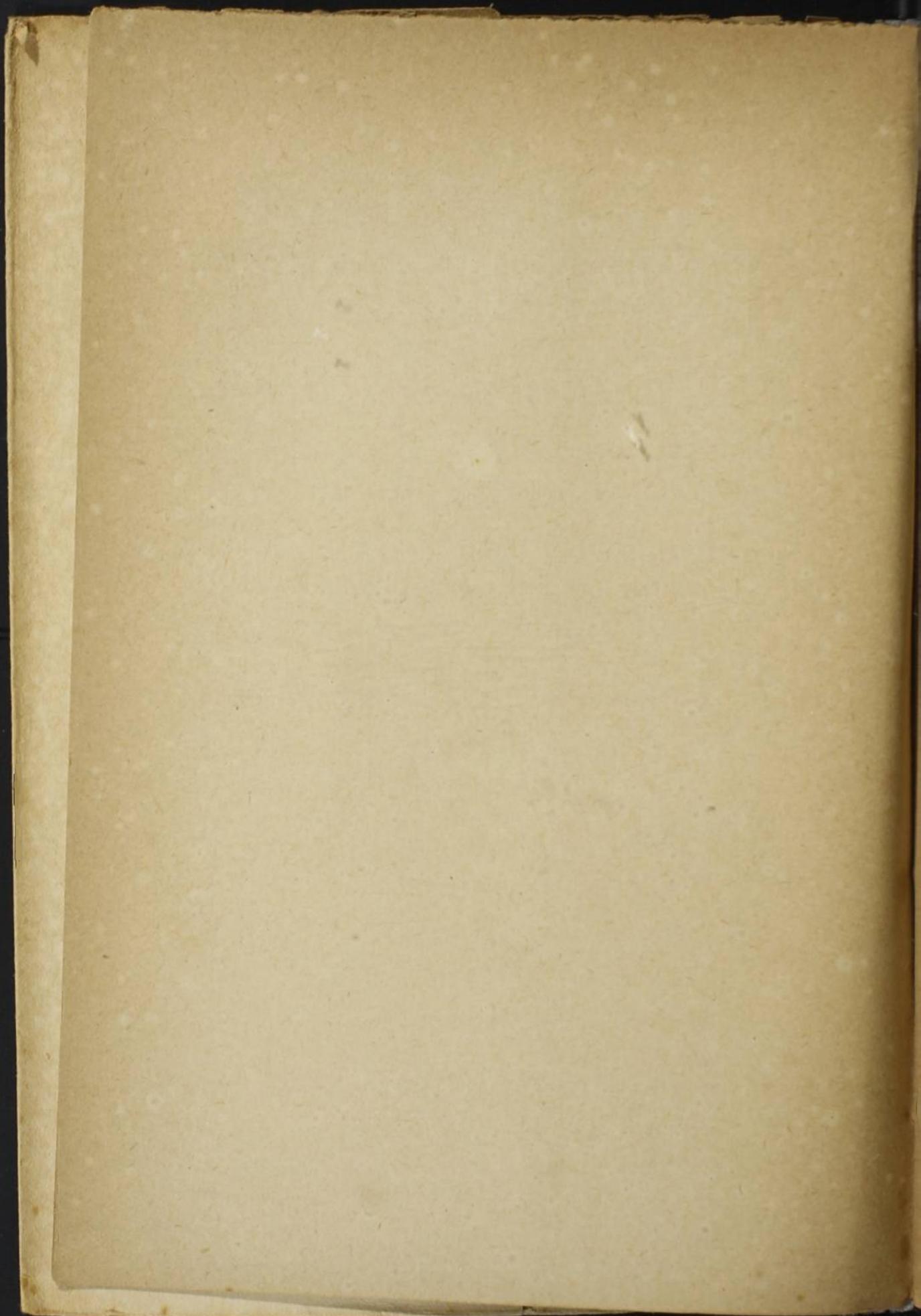
Capa de SANTA ROSA



LIVRARIA MARTINS EDITORA

Rua 15 de Novembro, 135 — S. Paulo

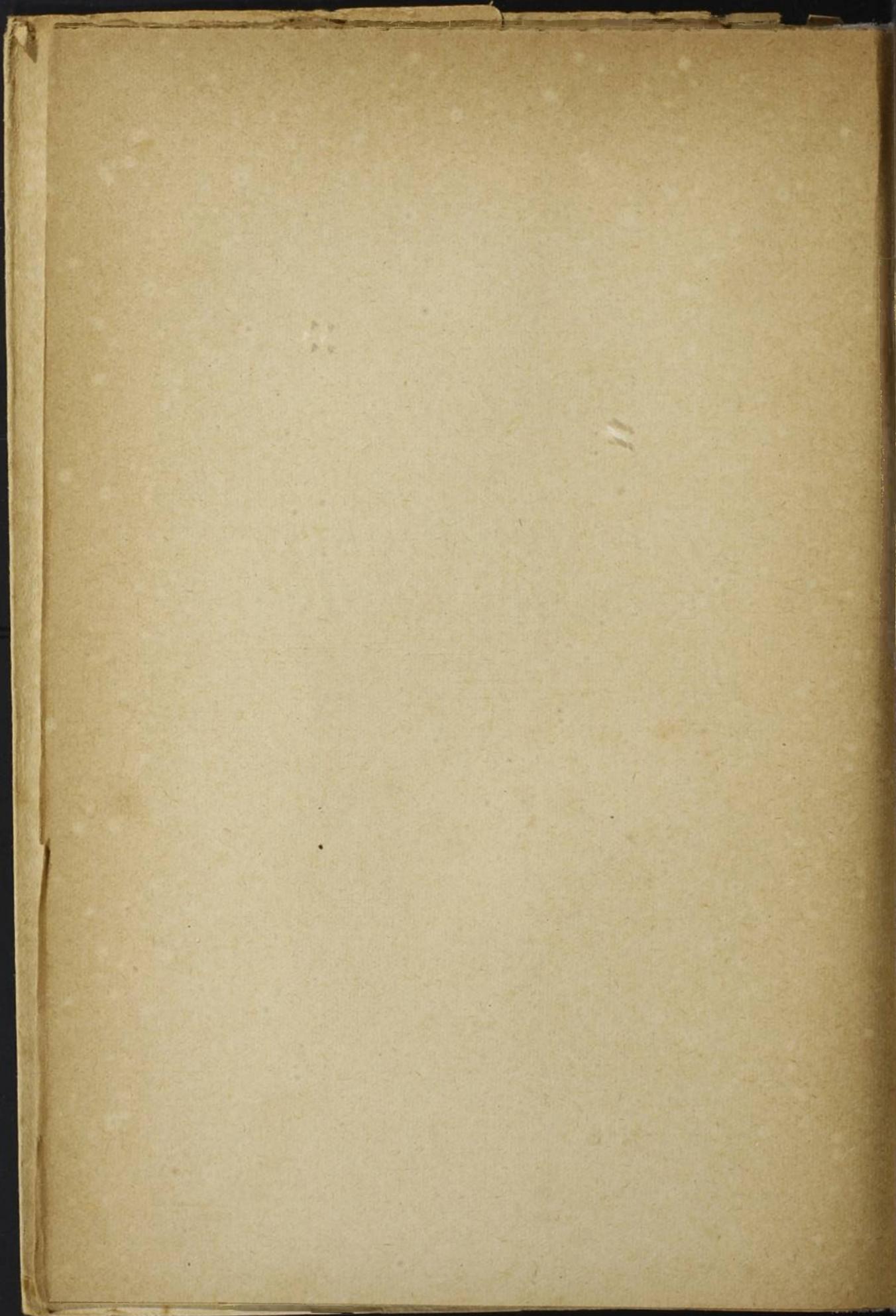
1 9 4 2



PRIMEIRA PARTE

Jorge Amado

*Mais que branca,
mais que pálida*



MOSTROU-LHE a mão, o talho fora profundo, Lúcia se curvou sobre ele:

— Coitadinho...

Correu para ir buscar iodo e gaze, Mário se deixou ficar sentado a seguí-la com os olhos. Era esbelta, os olhos um pouco amendoados, os cabelos castanhos feito tranças sobre a cabeça, o rosto sério que se transformava todo quando ela sorria. Tinha certa palidez que o levava a perguntar se não descendia de chineses. Ela costumava sorrir com a pergunta e fechar as mãos sobre o peito num gesto de oriental.

Voltou, as mãos cheias de medicamentos, apressada e nervosa:

— Louco. Não sabe que esses espinhos do mato podem ser venenosos?

Puxou a banqueta, sentou-se diante de Mário. Tomou-lhe a mão ferida, descansou-a sobre o seu joelho. Desdobrara ao lado o rolo de algodão, curvou-se sobre o talho. Mário via-lhe a nuca onde alguns fios de cabelos não se haviam prendido totalmente às tranças enroladas. Que cor ela tinha, mais que pálida, mais que branca, uma cor diferente, lembrando mistura de raças, algum avô mandarim! A dor do álcool sobre a ferida

arrancou-lhe um suspiro abafado. A voz de Lúcia veio carinhosa:

— Medroso...

E apoiou mais fortemente a mão doente sobre o seu joelho. Agora Mário sentia este contacto, tinha consciência que sob aqueles vestidos, em que as costas da sua mão se apoiavam, estava a carne de Lúcia. A descoberta perturbou-o, um frio o invadiu. E agora o espetáculo da sua nuca diante dos seus olhos, tão próxima aos seus lábios, era uma tentação desesperada. Bastava baixar a boca e teria nos lábios o gosto daquele cangote, o perfume que se evolava dele, o mistério da cor daquela carne. Fez um esforço contra a tentação que embaciava seus olhos, tentou conversar:

— O mato é traçoeiro...

— Dizem que tem cobras — suspendeu o trabalho para responder, e seus olhos claros buscaram os dele.

Mário perturbou-se novamente, novamente a tentação se apossou dele. Por que não a beijaria, não tomaria da sua nuca primeiro, dos seus lábios depois, e os esmagaria com beijos doidos? Ela o perturbava desde que chegara e a vira vir com seu passo miudo, quase deslizando, o corpo flexível de palmeira. Seus sonhos se encheram dela, de beijos que nunca lhe dera, de passeios que nunca haviam realizado juntos. Parecia sempre que ela, de tão fragil que era, se partiria se alguém tomasse do seu corpo e o trouxesse para junto de si. E os longos silêncios que ela tinha durante as mais animadas conversas davam-lhe que pensar. Seria feliz? Tudo indicava que sim, a alegria ruidosa de Brandão, o sorriso bom dos lábios dela quando via o marido chegar, as botas altas, o corpo robusto se balançando, já que ele

nunca se esquecera que fora homem do mar e mesmo na roça, repentinamente agricultor, parecia estar no tombadilho do seu barco, se equilibrando.

Sim, tudo indicava que eram felizes e que se amavam. Mário mais de uma vez a surpreendera de olhos presos na estrada, à espera de Brandão. E havia alegria, quase comoção, nesses olhos amendoados quando ele chegava, trazendo todas as vezes uma lembrança para ela: uma flor de campo, uma fruta madura, uma borboleta de asas lindas. Era como se ele voltasse de uma longa viagem marítima, perigosa e aventureira. Tomava-a delicadamente nos braços fortes, punha-lhe a flor nos cabelos ou a borboleta nos ombros e beijava seus olhos. Sim, eram felizes.

Mas por que então — pensava Mário — aqueles repentinos silêncios, aquela melancolia que se podia entrever nos seus olhos quando mais alegre iam as conversas, quando mais animada ia a reunião? Lúcia como que se perdia de repente, fugia para um outro mundo, se fechava na tristeza. Nesses momentos uma certeza de que ela não era feliz, que algo lhe faltava, enchia o coração de Mário e — era estranho — isso o alegrava, dava-lhe esperanças. Mas esperanças de que, meu Deus? Se nunca pensara sériamente em possuí-la, em amá-la? Bastaria ser ela mulher de Brandão para que qualquer pensamento nesse sentido fosse rigorosamente controlado. Só não podia controlar era seus sonhos e esses ela invadia cada noite e cada noite viviam uma vida, bela, radiosa, esplêndida, doce e alegre. Iam pelos campos, borboletas e flores, até o rio de águas murmurantes. Ela sorria diante das águas e então seu rosto se refletia na água, parado, mais lindo que nunca. E

havia beijos roubados ao luar, carícias prolongadas, um silêncio povoado de amor. Acordava cheio de angústia, a visão dela ainda diante dos seus olhos, se perdendo na madrugada que raiava. E não era sem um certo remorso que atendia às pancadas na porta e via o rosto aberto de Brandão:

— Vamos ao leite, homem de Deus. Já estão colocando as vacas.

Só a água fria do banho a afastava totalmente, e, então, durante todo o dia ela era apenas a amiga recém-conhecida, esposa do melhor dos colegas.

Mas agora, de-súbito, diante da visão da sua nuca descoberta de cabelos, úmida ainda da água do banho, diante do calor que vinha do seu joelho, da maciez da sua mão que curava a dele, os sonhos não esperavam o sono para voltar. Por que não se curvaria um pouco mais e não beijaria essa nuca, não sorveria a gota d'água que rolara dos cabelos castanhos? Seus olhos embaçados, seu coração batendo apressado. A voz de Lúcia o arrancou daquela perturbação:

— Sim, senhor... Agora teve coragem... Não gritou com o iodo.

E logo ela se levantou e, apanhando dos remédios, partiu para a copa no seu passo miudo de dansarina oriental. Ele se deixou ficar, os olhos no chão, um ligeiro tremor nas mãos. Quis acender um cigarro, os fósforos se apagavam. Lúcia voltava, o rosto sério se abrindo num sorriso:

— Está pronto para outra...

Ainda parou, tirou do seu ombro uma folha seca que nele se prendera. E então Mário, a voz estrangulada

lada, teve coragem de articular a pergunta. Ele estava nas suas costas, de pé, a folha na mão. Mário suspendeu os olhos, voltou a cabeça, nem reconhecia a sua voz:

— Tu és feliz, Lúcia?

A transformação do rosto dela o amedrontou. Parecia que o odiava por ter-lhe perguntado aquilo, a folha, machucada por sua mão que se fechara, estalou no quebrar das fibras secas. E aquela expressão de ódio terrível, que dava a seu rosto um ar de máscara de tragédia, e as mãos cerradas como se quisesse lhe bater no rosto. Fitou-o um momento e sem descerrar os lábios partiu para os lados da varanda, apressando seus passos miudos, o vestido quase voando.

II

Brandão amava contar as histórias das suas aventuras marítimas e não era preciso que instassem com ele para desfiar as recordações dos tempos de mar. Mário conhecia aquelas histórias em todos os seus detalhes, quantas vezes não ouvira o amigo narrar de tabernas em portos distantes, de brigas em negros ancoradouros, de amores fugidios nos tombadilhos iluminados pela lua. E até hoje não pudera compreender como Brandão tivera forças para abandonar aquela vida que fora sempre seu sonho e vir se enterrar na fazenda que o pai lhe deixara. E — o que era mais estranho — sem que nenhuma tristeza o perturbasse, recordando suas aventuras de antes com alegria mas sem falar em retornar para o oceano. Era como se contasse a vida de outro, de um conhecido a quem se admira sem invejar.

Desde cedo o mar exercera fascinação sobre ele. Já nos bancos de colégio, de mistura com livros de estudos, ele carregava romances de aventuras em portos longínquos, de viagens, temporais e naufrágios. Já sabia o nome que os marinheiros davam às menores partes dos seus navios. E quando fugia das aulas não era para ir ver Eddie Polo amarrotar bandidos no oeste americano. Era para se misturar com os marinheiros no cais, conversar com eles, ouvir histórias que depois repetia para os colegas em meio a gestos espantosos e a pontos-de-exclamação. Era melhor que as fitas de cinema, mais heróico e tentador. Nesse tempo ainda a família sorria dessas bravatas e desses desejos.

Só não sorriu quando no terceiro ano da Faculdade ele desapareceu um dia. Seu pai, juiz que não compreendia um filho seu senão de toga, distribuindo justiça, que já sonhava comarcas para o filho quando ele se formasse, quase morre de dor. Aquele seu único filho, sua esperança e sua alegria, quebrava-lhe de repente todos os seus sonhos, partia-lhe todas as esperanças.

O pai de Brandão — o dr. Luiz de Sousa Brandão — esperava para o filho tudo aquilo que não pudera conquistar na sua carreira. Começara advogando na capital do seu estado, mas a magistratura era sua vocação e conseguiu ser nomeado promotor de uma vila distante. Foi juiz preparador muitos anos e quando chegou a juiz de direito foi para não subir mais na carreira. Não quisera nunca fazer política, podia perturbar seu senso de justiça. E por isso lhe estavam vedadas as portas do alto tribunal, desembargador era cargo para juizes amigos do governo. E ele só amava a lei que

fazia cumprir rigorosamente, sabendo de-cor os menores textos dos códigos, deslindando facilmente as mais intrincadas questões. Uma aura de honestidade e de saber o cercava, a cidade o tratava com respeito, mas não se aproximavam muito dele como se a sua honestidade e o seu saber os amedrontassem e fizessem dele um ser aparte. Na capital falavam dele, das suas sentenças onde o caminho da lei era sempre reto, mas não cogitavam nunca do seu nome para o Tribunal quando havia vagas. Diziam que ele poderia ser um entrave para a solução daqueles casos que necessitassem certa habilidade, certa maleabilidade que não estavam na sua maneira de encarar o direito. Mas esses elogios que lhe vinham dos desembargadores, essas citações das suas sentenças, eram quanto bastava para fazê-lo feliz. E nesses dias, ao jantar, contava para a mulher e para o filho estudante o ruído que nos meios forenses provocara a sua distribuição de justiça. A mulher sorria orgulhosa do marido, se bem acalentasse no fundo do coração a esperança de vê-lo um dia se afastar da sua rigidez e pleitear a cadeira de desembargador que então não teriam coragem de lhe negar. Ou que pelo menos prestasse um pouco mais de atenção à fazenda que ela lhe trouxera de dote e que, abandonada pelo juiz desinteressado de vacas e carneiros, decaía de ano para ano. O filho também se orgulhava do pai. Mas por vezes estranhava a justiça distribuída, e algumas das mais ruidosas sentenças do dr. Luiz deixavam-no perplexo. Certa vez interrogou o pai sobre uma destas sentenças. Não lhe parecera perfeita a justiça. O dr. Luiz explicou-lhe que assim é a lei e que, acima de tudo, mesmo dos sentimentos de humanidade, ela deve ser aplicada. Talvez nesse

dia Brandão tenha desistido em definitivo de seguir a carreira do pai. Este sonhara para o filho tudo que não tivera. Uma carreira começando já do alto. Advogado brilhante que, com a tradição da cultura paterna e o talento que revelava, conquistasse larga clientela, para abandoná-la por um lugar no Tribunal que fatalmente lhe ofereceria diante do seu brilho e do seu saber. Via-o também fazendo um brilhante concurso para professor da Faculdade, assombrando os lentes com os seus conhecimentos, renovando a matéria. Aquilo que nunca tivera coragem de fazer — bulir com as leis, transformá-las, modernizá-las — via o filho a fazer num futuro próximo. Via-o cercado de jovens estudantes, jovem ele também mas já mestre, a dar aulas inesquecíveis. E quando Brandão obteve distinção nas duas cadeiras do primeiro ano, ele saiu da sua rigidez e o abraçou ruidosamente, na sua chegada para as férias, tratou-o como a um igual quase, abrindo-lhe os cordões da bolsa. E passou a acompanhar o filho na Faculdade da capital distante com cartas cheias de conselhos sobre livros a ler, sobre mestres estrangeiros a estudar. Essas cartas enormes, cheias de citações de textos de lei, de acordãos, de sentenças, vinham encontrar Brandão obediente e disposto a fazer seu curso. Aquela amizade do pai, aquele interesse pela sua carreira o comoviam. E se atirava aos livros de direito, pouco falava agora para os colegas sobre o mar e a tentação dos navios. Mário, que era seu inseparável, medíocre estudante, agarrado sempre à saia de atrizes e de costureiras, sentimental e metido a fazer versos, de quando em vez lhe perguntava pelos sonhos de outrora. Brandão sorria, respondia com uma frase vaga e se jogava para os tratados de direito, como

se o mar tivesse deixado de existir ou houvesse perdido o seu encanto.

Por isso maior foi a surpresa quando um dia ele sumiu, deixando uma carta para o pai onde lhe pedia desculpas e falava em "vocaçãõ irremediavel". O dr. Luiz se abateu como uma árvore da floresta sobre a qual cai o raio. Não mais quis ouvir as raras notícias que chegavam do filho. Para os íntimos dizia que "era como se ele tivesse morrido". E, no fundo, preferia que ele tivesse morrido, cortado suas esperanças com a morte e não com a fuga. Considerava o filho um covarde e um traidor. Nunca mais disse o seu nome.

O espantoso, porem, o que deixou surpresos Mário e os demais colegas, é que Brandão não fugira para o mar, não se fora num navio negro por uma noite de estrelas. Fora com um circo, de-repente tentado pelo brilho dos trapézios, pelas roupas colantes dos ginastas, pelos malabarismos do mágico. E tambem pelos olhos de Eleonora, uma espanhola que cantava mistérios de Granada com sua voz quente e sensual. Fez-se atleta no circo, já era na sua juventude um gigante agil e forte, de mãos enormes e peito largo. Não quis mudar de nome, ficou mesmo Pedro Brandão, o Pedro era homenagem de seu pai a um grande jurista da época. Andou com o circo muitas cidades do interior, levantando pesos e fazendo acrobacias na barra. Aprendera a saltar e saltava muito bem, o corpo enorme se deslocando agilmente. E mesmo quando Eleonora se foi, levando com a sua voz a sedução do seu corpo que o arrastara para o circo, ele se deixou ficar já agora totalmente fascinado por aquela vida, errante e incerta.

Um dia, porem, o circo embarcou num navio para outras terras. E a sedução do mar voltou, a vontade de correr terras longinquas que o circo jamais alcançaria. E o circo desembarcou sem ele, se deixara ficar como carvoeiro, aprendeu a cantar as canções dos marinheiros. E a grande carreira que seu pai lhe sonhara nos tribunais ele a realizou no bojo dos navios. Porque de carvoeiro chegou a piloto, passando de barco para barco, andando os mares, vendo as madrugadas se levantar e os crepúsculos cair nas mais diversas cidades. Andou em navios de muitas nacionalidades e aprendeu uma mistura de línguas. Amou mulheres de vária cor, contavam histórias sobre ele. De uma mulher que levava escondida no porão de um cargueiro contrariando todas as regras do mar. E de como isso lhe valeria um castigo que talvez o forçasse a abandonar o mar, se ele não fosse piloto de um comandante meio boêmio, beberrão e gritador, que, ao descobrir a mulher, se encantou com ela, e para os amores do seu piloto e da jovem grega cederam seu camarote e o seu melhor whisky, que ele não compreendia amor sem álcool. Contavam também que quando fora do naufrágio do cargueiro sueco, se não fosse a coragem e a calma do piloto (o comandante morrera antes que qualquer outro, esmagado pelo mastro que a tempestade rompera), os homens teriam morrido todos. Ele salvou quase toda a tripulação e atravessaram dias e noites num barco por altas ondas. Chegaram esfaimados e sequiosos, mas Brandão ainda pôde dizer um galanteio à mulher que veio lhes trazer água num jarro sobre o ombro. Também quando daquela tremenda rixa no cais de Manta, ele salvou um dos seus homens, ao qual tinham arrancado um olho a punhal, carregando-o no

ombro enquanto as balas silvavam em torno. Tinha lembranças destas brigas no rosto e nas mãos. Talhos de navalha sobre as costas da mão direita, uma cicatriz no queixo que quase deformava seu rosto.

Certa vez embarcou num navio de passageiros. Não tinha atração por estes barcos carregado de luzes e de gente. Não tinham para ele o mesmo encanto que os negros cargueiros, não podia ficar só diante da noite, ouvindo na solidão a canção do grumete que falava nas aldeias da França, numa mulher que lá ficara guardando seu coração. Não podia acender, sozinho, diante do mar, do céu de estrelas, seu cachimbo que o vento apagava. Em todos os momentos havia gente perto dele, mulheres que sorriam, homens que perguntavam coisas, meninos que se metiam entre as suas pernas.

Vinha então pelas madrugadas gozar o silêncio do mar, cortado tão somente de quando em vez por uma sineta ou uma voz que dava ordens. Acendia seu cachimbo, se estirava sobre o bote de salvamento e ficava envolvido pelo mistério que vinha das ondas e do céu. Era plenamente feliz nesses momentos, não tinha pensamentos que o perturbassem. Lembrava-se às vezes da casa distante, da mãe temerosa com as finanças da família, do pai grave, curvado sobre os seus textos de lei. E jurava a si mesmo escrever-lhes do primeiro porto, mandar-lhes uma lembrança. A lembrança quase sempre ia, fazenda para sua mãe, uma cigarreira para seu pai (numa gaveta da mesa do juiz se acumulavam aqueles presentes do filho que ele nunca usava), mas a carta só de raro em raro, ligeiro cartão dando notícias e mandando um abraço. Fazia tempo que não tinha notícias dos seus, a última fora que seu pai finalmente tivera premia-

dos os seus trabalhos com um lugar de desembargador e que se tornara ainda mais vigilante no cumprimento da lei a-pesar-de doente. Eram cartas de sua mãe, cheias de pedidos para ele voltar, cartas que muitas vezes só o iam alcançar meses depois que ele havia mudado de navio e tomado diverso rumo.

Foi numa destas madrugadas, quando aproveitava o sono dos passageiros para contemplar o mar, que ele a viu pela vez primeira. Ela estava de olhos presos ao mar, as mãos sobre o peito, ao lado de um dos barcos de salvamento. A princípio ele julgou que ela estava com alguém, um destes casais que tão comumente se formam nas viagens e que procuram o silêncio da madrugada no tombadilho deserto para as carícias proibidas. E já ia se afastar discretamente, uma praga na boca contra aqueles amantes que perturbavam sua madrugada, quando ela o enxergou e o cumprimentou. Se aproximou então. E ficaram um minuto um ao lado do outro, contemplando em silêncio o mar que nesta noite estava de uma formosura incomum: a água de um verde escuro, quase negro. Logo ela novamente cumprimentou e se afastou, ele não se voltou para vê-la. Mas a via no mar, aquela tez de cor mais que branca, mais que pálida. Que mistura de raças dera aquela cor tão linda como ele nunca vira?

Apenas a enxergara de longe, nos dias seguintes, ou reclinada sobre a amurada a fitar as águas, ou deitada na sua cadeira de lona os olhos chineses presos a um livro. Ela não mais voltara na madrugada ao tombadilho. E ele pouco pensou nela nesses dias seguintes. Mas quando o navio se trepou nos arrecifes, naquela noite de nevoeiro e naufragou tão rapidamente diante da

costa, foi a ela que ele procurou como um doido, correndo pelo tombadilho e pelos corredores. Finalmente foi encontrá-la muito calma, a olhar a névoa, as águas que enguliam o navio. Tomou dela, se jogou n'água, levou-a no seu braço potente. O mar bravio brincava com os barcos de salvamento, ele a levou a nado. A costa não era longe mas só um grande nadador a conseguiria atingir devido à força das ondas. Ele a depôs na praia, voltou para salvar gente do barco de salvamento que visara próximo à costa. E quando arriou sem forças, ela estava ao seu lado, um sorriso doce nos lábios, nos olhos de amêndoa também.

E quando os amigos, que ainda se lembravam dele, da sua fuga dez anos atrás, tiveram notícias suas foi para saberem que abandonara o mar, se casara com uma bela mulher e agora estava na fazenda de Pau d'Arco que herdara com a morte do pai.

III

Dona Elisabeth andava pela casa como uma alma perdida. Se arrastava de um canto para outro, um pouco espantada de tudo, não entendendo mais a vida da fazenda, à qual só o negro velho Josué ainda a ligava, chamando-a de "sinhá" como nos tempos em que ela era mocinha e ele um forte trabalhador. Não entendia tão-pouco a nora e guardava certa distância dela, achando-a difícil e misteriosa por mais que ela se fizesse agradável. Não sabia conversar com aquela que seu filho fora buscar no mar, no meio das ondas. Não tinha palavras para ela, ficava estúpidamente calada. E só

ao lado de Brandão tinha alegria, se reencontrava, porque o filho não mudara, era a mesma alegria esfuziante dos tempos de menino, a mesma calma, os mesmos momentos de sonho e de solidão.

Mas o próprio Brandão passara tantos anos longe dela que se tornara um pouco distante, não tinham mais aquela perfeita intimidade dos tempos idos, quando, sentado no seu colo, ele lhe falava dos marinheiros do cais, das bandeiras dos navios. Ainda assim o filho era a única coisa que não era misteriosa para ela, na fazenda onde nascera e se criara.

Nascera alí, conhecia cada detalhe do caminho que conduzia ao rio, cada árvore do bosque próximo, cada habitante do curral. Isso nos tempos de seu pai, quando a fazenda próspera era das melhores da região, de gado gordo e pastos verdejantes. Filha mimada, orfã de mãe desde cedo, cercada do cuidado de duas tias velhas e solteironas, corria a fazenda no cavalo negro que para ela o fazendeiro comprara, orgulhoso daquela filha que montava bem e que se interessava pela criação que pastava nos campos da propriedade.

Um dia o promotor da vila vizinha se hospedara alí. Era um belo moço, alto e com um ar sério para a sua idade. O namoro começara sob as vistas carinhosas das duas solteironas que se comoviam com o saber e as maneiras finas do bacharel. Depois ela viajara para a vila, eram as festas do fim do ano. E o namoro prosseguira, se transformara em noivado, na fazenda aias e mucamas prepararam o enxoval enorme.

Acompanhara o marido, muitos anos os dois somente, que o filho viera tarde quando já não era esperado.

E esquecera a fazenda, os anos que vivera perto do campo, do gado, da gente que manejava a enxada. Já não se recordava do caminho do rio, das árvores, das vacas e dos bezerros. O marido só se interessava por leis e códigos, as citações de direito passaram a ser o interesse da sua vida também. Aos poucos foi se habituando à cidade, ao viver do marido, àquele andar de uma comarca para outra nas transferências e promoções. Vira-o juiz e desembargador, vira-o alegre nos seus triunfos, desesperado com a fuga do filho. Aquela fuga terminara por lhe arrancar os últimos vestígios de alegria. Sofria pela ausência daquele ser que era não só seu filho como o seu mais íntimo amigo e sofria com a dor do marido. E quando ele morreu, sem querer se recordar nem nos últimos momentos do fugitivo, ela se encontrou sozinha, sem amigos e sem parentes. O pai e as tias velhas há muito que descansavam enterrados no solo da fazenda.

Foi quando inesperadamente Brandão surgiu um dia, casado, a esposa pela mão e declarou-lhe que ia tomar conta da fazenda, reerguê-la. Dona Elisabeth ficara diante dos dois sem uma palavra. Abraçava Brandão, prendia-o junto ao peito, só minutos depois pôde dizer:

— Eu sabia que ainda ia ver meu filho . . .

Nem prestara atenção à nora que sorria num canto seu sorriso tímido. Dona Elisabeth comia o filho com os olhos: era ele, bem ele, o mesmo rosto, a mesma alegria, apenas havia crescido e o sol lhe queimara a cor. Por fim olhou para Lúcia, talvez sua cor, nem morena nem branca, nem pálida também, aquela cor sem palavras que a definissem, muito bela sem dúvida, mas que afastava dona Elisabeth. Tomou dela mas com

cuidado e não a apertou contra si. Lúcia não teve tão-pouco transportes filiais e quando Brandão gritou com sua voz brincalhona: — Quero que se queiram muito bem . . . elas sentiram que isso nunca seria possível, que a intimidade nunca se estabeleceria entre elas.

Dona Elisabeth acompanhou o filho para a fazenda. Mas já não reconheceu os campos da sua infância. Não só já se desacostumara deles como também elles haviam mudado nesses anos de abandono. Como antes sofrera falta da fazenda ao ir com o marido para a cidade, agora sentia falta da sua casa na rua movimentada. E, como uma sombra perdida, se arrastava pelos quartos e salas da casa-grande, os vestidos negros de viuva, os olhos amedrontados.

Chegou à varanda, encontrou Lúcia que chorava. Aquilo a espantou como nada seria capaz de espantá-la. Nunca julgara que fosse possível Lúcia chorar. E as lágrimas deslizando sobre aquele rosto de tez de um amarello-pálido (como seria mesmo a cor de Lúcia? — pensou num rápido instante) a deixaram parada num espanto. A outra não a via e chorava um choro sem soluços, apenas as lágrimas descendo sobre a face. Dona Elisabeth se aproximou de manso:

— Teve alguma coisa, Lúcia?

Lúcia se sobressaltou, respondendo docemente:

— Não tive nada, não. É nervoso . . .

— Mas você é tão calma . . . Quer um chá? Vou fazer . . .

— Não precisa, dona Elisabeth — e agora Lúcia já sorria seu sorriso que lhe modificava o rosto. — Já passou.

Dona Elisabeth ficou um momento indecisa. Não sabia se devia continuar a conversa, se devia ir-se embora, se devia se demorar em silêncio. Foi Lúcia quem a tirou do embaraço:

— Eu sou assim mesmo . . . De vez em quando tenho dessas crises de choro sem motivo . . . Sou assim desde pequena . . . Nunca ninguém me entendeu direito, nem mesmo eu.

Dona Elisabeth arriscou a pergunta:

— Não foi Brandão? Lhe fez alguma coisa?

Lúcia sorriu novamente:

— Não. Ele é tão bom.

Dona Elisabeth bem o sabia. Era testemunha diária da adoração de Brandão pela mulher. Via como seus olhos brilhavam ao enxergá-la vindo de dentro da casa com seu passo miúdo de filha de outras raças. E havia em todo aquele amor qualquer coisa que dona Elisabeth não percebia. No seu pensamento de senhora do interior isso se resumia numa reflexão que atravessava seu cérebro: eles não parecem casados, parecem mais amantes". E agora ela chorava. Por que? Que motivos tinha ela para chorar? Era fragil mas não era doente. Era calada mas não era triste. Muito a amava Brandão, que motivos tinha ela para chorar? Dona Elisabeth tem medo desta cor que Lúcia tem, mais que branca, mais que pálida. Agora Lúcia sorri como quem pede desculpas. Dona Elisabeth resmunga qualquer coisa e se afasta em direção à sala. Lúcia a vê partir, volta-se depois, curvando-se sobre a varanda. Espia o pasto que se perde ao longe. Seus pensamentos retornam, seus olhos se embaciam, as lágrimas começam novamente a cair.

Mas ainda através das lágrimas que cobrem seus olhos ela vê Brandão que vem chegando e corre para ele, os braços abertos, um sorriso chegando para seus lábios, as lágrimas fugindo. E se abraça nele longamente.

IV

Mário levanta-se da cadeira, começa a sentir o ardor do iodo na sua mão. Conseguiu ficar calmo e reflete que foi uma estupidez a pergunta que fizera a Lúcia. Agora que não tinha o cangote dela próximo à sua boca, que não sentia a sua carne nas costas da sua mão, compreendia que não só nada lhe autorizava aquela pergunta como que ela era uma indelicadeza. Pensou em partir, em voltar para a cidade, arranjar uma desculpa qualquer para Brandão, tomar o primeiro trem. Mas aí lembrou-se de tudo que o esperava na cidade, da fisionomia da sua casa, do inferno da sua vida. Em cinco anos aqueles eram os primeiros dias bons, de calma e de paz. Chegara a se esquecer de todas aquelas coisas que o infernavam. A chegada de Brandão modificara sua vida, dera-lhe a possibilidade de descansar aqueles dias. Encontrara-o na rua e logo se reconheceram. No primeiro café Mário contara-lhe a vida: formara-se, entrara para o escritório de um advogado célebre, começara a trabalhar com coragem mas sem prazer. O advogado, amigo de seu pai, ajudava-o, e, como ele era inteligente, pudera ir para a frente apesar da ignorância jurídica que trazia da Faculdade e da nenhuma fascinação que o forum exercia sobre ele.

Frequentara a casa do advogado e o namoro entre ele e uma das filhas do dr. Gomes começou quase que de imediato. Rápido namoro e rápido noivado. Ela era linda, loira, de olhos muito grandes, boca pequena que ele, relembrando os versos de acadêmico, comparara a um botão de flor. Os versos eram maus mas ela os elogiou e se mostrou meiga e carinhosa. No rápido noivado Mário não teve tempo de conhecê-la. Casaram-se, a lua-de-mel foi uma viagem, e nessa viagem ela começou a se revelar. Era brusca e autoritária, vaidosa e inquieta, admirava o brilho sobre todas as coisas, tudo que desejava era que Mário ganhasse dinheiro e nome, fosse como fosse. A vida dos dois começou a ser um inferno, a chegada dos filhos, uma menina primeiro, um menino um ano depois, não conseguiu modificar aquele viver. Glória, era o nome dela, não se satisfazia com a todo momento dizer-lhe que ele era um fracassado, de apontar-lhe o exemplo do pai e da sua fama de advogado, como ciumava brutalmente dele. Não que ela fosse um modelo de virtudes. Era frívola e gostava de ser cortejada. Tão-pouco Mário podia acusá-la de uma traição. Nunca chegara a isso, amava apenas se ver cercada de homens que diziam coisas bonitas sobre ela, sobre seus cabelos loiros, sobre os olhos muito grandes e úmidos. Alegrava-se com a inveja das amigas mas bastava um dos seus olhares altivos para afastar de si o galanteador mais ousado. E, como inimigos, viviam os dois, a se perturbarem e a se fazerem coisas odiosas. Mário envelhecia rapidamente na banca de advogado que não lhe trazia alegria, na casa onde Glória o acusava a todo momento de não serem mais ricos, de não terem uma melhor situação social, gritando que tinha sido uma

desgraça ter deixado o conforto da casa paterna para o acompanhar. Onde metia ele o dinheiro que ganhava? E se maldizia e chorava e se francava no quarto numa crise de nervos.

Mário contou tudo isso de um jacto, era a primeira vez que desabafava com alguém nesses cinco anos. Brandão ouviu assombrado, sem compreender como ele não mandava aquela mulher embora, não partia para outra terra a recomeçar a vida.

— Mas por que você não manda ela ao diabo que a carregue e não vai embora? Não muda de cidade, de vida, de profissão?

— Nem todo mundo tem a sua coragem, Brandão. Eu, por exemplo... Fico agarrado à clientela que já fiz, ao miserável dinheiro que ganho, essas coisas...

Brandão sacudiu a cabeça. Estava acima da sua compreensão, não sabia por que o outro não partia, não se ia embora, tanta terra na sua frente, tanto lugar mais belo onde começar de novo. Mas Mário só encontrava palavras de desânimo e de desespero:

— Você sabe lá o que é o casamento? Parece que não vale nada, que não prende ninguém... Isso o que você pensa... Porque não casou ainda...

— Engano seu. Casei, sim, faz um ano.

— Você casou?

— E foi por isso que deixei a vida de mar. Agora estou na fazenda, levantando aquilo. É um trabalho bonito também.

Pensou um pouco, depois propôs. Porque Mário não viria com ele, passaria uns dias na fazenda, longe de tudo descansaria. A princípio Mário recusou horri-

zado. Como iria explicar para a mulher aquela viagem, aquela fazenda, aquele amigo de quem nunca lhe falara?

— Mas não tem nada que explicar. Eu vou lá com você, digo a ela que vou lhe levar... Por uns dias, homem.

Afinal Mário aceitou. Brandão no fim da tarde foi buscá-lo no escritório e partiram os dois no carro do advogado. A casa era numa rua de palmeiras, fresca e agradável. Brandão, enquanto esperava na saleta de onde via o crepúsculo da cidade, pensava se Mário não exagerava a infelicidade da sua vida. Tudo parecia tão tranquilo na casa senhorial, tão calmo e tão sereno...

Glória entrou, muito elegante, um ar de grande senhora. Mas muito amavel tambem:

— Vai comer um mau jantar, mas a culpa é de Mário que não avisou nada... — e sorriu para o marido o mais amigo dos sorrisos.

Depois se interessou por Brandão. Quis saber das suas aventuras no mar de que ligeiramente Mário acabava de lhe falar:

— Veja o senhor como são os homens. Têm amigos tão interessantes, com uma vida tão agitada e nem contam para as esposas...

— Mário já tinha se esquecido que eu existia...

Contou-lhe das suas viagens. Ela ouvia muito atenta, parecendo muito interessada. Quando ele lhe disse que tinha sido foguista ela se admirou:

— E como não tem o rosto sujo de carvão?

Riram longamente, ele continuou a contar. Depois as crianças vieram, a menina era linda, tinha herdado

toda a altiva beleza da mãe. O menino, doentinho, espiava de longe. Glória fez com que ele se aproximasse, tomou um ar de mãe muito carinhosa, alisou as cabeças dos filhos. Mas Brandão notou que o menino tinha medo dela, que preferiria mil vezes estar longe dali. Então o chamou, tirou-o mesmo dela, puxando-o com sua grande mão e fez mágicas para ele, tostões que desapareciam para surgir nos cabelos da criança, uma flor que sumindo do vaso ele foi buscar no pequeno bolso da blusa do menino. Mário olhava a cena sem uma palavra, esperava ver como os acontecimentos se desenrolariam.

Veio o jantar. E foi longo e cheio de pratos delicados, a bebida servida em cálices finos. Glória parecia encantada com Brandão, a conversação quase que se desenrolou entre eles dois. Mário apenas lembrou os tempos de Faculdade, a desapareição súbita do outro. Glória quis saber como era essa Eleonora que o arrastara pelo mundo a fora.

— E eu sei mais... — se recordou. — Só lembro os cabelos... Negros, nunca vi tão negros... Paixão de menino.

À sobremesa, num momento de silêncio, Brandão voltou-se para Glória e lhe falou de-repente:

— Sabe que vou roubar seu marido por uns dias?

Glória abriu mais os olhos numa interrogação.

— Moro numa fazenda que não é longe, uma noite de trem. Vou levar Mário para passar uns dias comigo. É o amigo que me resta daqueles anos e há muito que não conversamos... Assim mataremos as saudades...

Ela abriu a boca, ia dizer qualquer coisa. Mas Brandão continuou sem dar tempo que ela falasse:

— E demais ele está precisando. Está envelhecendo de-prêssa, esse negócio de advocacia cansa muito...

— Se ele quer ir...

— É claro que quer. E quem não quer sair uns dias da vida que leva? Até eu desembarcava de quando em vez e demorava numa cidade quinze dias, um mês, antes de engajar noutro navio...

E agora Mário estava na fazenda, há oito dias já, longe de tudo, e seria totalmente feliz se a presença de Lúcia não o perturbasse, se o desejo de tê-la não houvesse se instalado no seu coração. Terminara por lhe fazer aquela pergunta absurda e imbecil. Agora só lhe restava ir embora, voltar para Glória e para os seus ciúmes e seus desejos de maior luxo.

Mas Brandão entra na sala e vem logo gritando para ele:

— Então, rapaz, não quis montar hoje? Não disse que ia escalar a serra? Cadê a coragem?

Mário forçou o sorriso. Mostrou a mão ferida que o impedia de segurar a rédea. E falou-lhe do seu desejo de regressar, negócios que o chamavam.

— Deixe disso, homem. Você tem é medo de sua mulher. Não volta nada. Deixe-se ficar que isso será uma lição para ela. E quando você voltar vai ver como ela está mesmo que é uma seda...

Mário ainda quis argumentar mas a entrada de Lúcia fez com que se calasse. Ela chegou com seu passo de ave, sentou ao lado do marido. Trazia uma costura na mão, uma blusa de lã que tecia para Brandão, e nada Mário viu nos seus olhos que lhe lembrasse a expressão

terrível de ódio que vira no seu rosto momentos atrás. Estava serena como sempre, tão-pouco sua voz mudara:

— Mas tem realmente motivos para ir?

Não iria mais. Novamente o desejo começava a perturbá-lo. E agora era mais ardente e perigoso porque não respeitava a presença de Brandão. Agora já podia pensar nela com maus pensamentos, mesmo o amigo estando presente. Desde esta manhã ela saíra dos seus sonhos e viera se postar na sua frente. Havia nela um mistério, ele não sabia qual fosse. Sabia que a desejava, que uma mulher assim é que ele queria, capaz de ressuscitar nele o gosto pela vida, de lhe dar coragem e confiança em si próprio.

Ficou vendo os dois, muito chegados um para o outro. Ela acendia o cachimbo de Brandão e a cada fósforo perdido ria baixinho enquanto ele lhe puxava a orelha como a uma criança. A-pesar-de todo o carinho de um para o outro, Mário sentia que havia entre os dois, o gigante aventureiro e a fragil mulher, qualquer coisa de sutil que não se ajustava bem. A impressão que lhe dava era que ele era grande demais para ela, enormes mãos para as suas mãos tão finas, lábios tão grandes para a boca de Lúcia.

E começou a sentir necessidade de sair, de se afastar do espetáculo da alegria dos dois. Parecia que ela desejava com aquela alegria dar uma resposta à pergunta que ele lhe fizera. Mas ela bem devia saber que essa alegria ele já presenciara e, ainda assim, não lhe ficara a certeza da felicidade dela. Porque — como agora mesmo — de-súbito ela se perdia, estava de olhos longe, toda longe, mergulhada numa tristeza que só os olhos revelavam.

V

Pela janela do quarto entrava um vento frio que o lençol ralo não conseguia vencer. Vicente tentou levantar-se para fechar a janela, mas a perna doía muito, não se sentia ainda com forças. Gritou por Joana, ela veio de dentro, enxugando as mãos no avental. Ele teve pena da mulher, cujo rosto envelhecido, marcado de rugas, aparecia à claridade que chegava da outra sala:

— Ainda está trabalhando? Você não descansa nunca...

— Lavando a louça. Assim quando sair amanhã deixo tudo pronto.

Cosia há muitos anos já para um atelier próspero da cidade. O ordenado era magro mas dava para ajudar, e Vicente nem imaginava como poderia ter se arranjado durante esse tempo de doença se não fosse o dinheiro da mulher. E a fitava com carinho, com pena, ela estava tão velha! Qualquer pessoa dar-lhe-ia cinquenta anos e no entanto ela mal fizera os trinta. Quando casaram ele fez com que ela deixasse o emprego e tudo correu bem, a princípio. O que ele ganhava na garage ia dando, bem ou mal, para os dois viverem. Não moravam ainda no cortiço, tinham dois quartos pequenos numa casinha do subúrbio. Mas com a falência da garage ele ficou desempregado, e o jeito foi ela voltar para o trabalho. A patroa gostava dela, deu-lhe um lugar igual ao que ela deixara. Vicente arranjou-se numa outra garage, com ordenado menor mas com possibilidades de ganhar mais se os negócios prosperassem. O

patrão era um português, estava tentando aquele negócio pela primeira vez, tivera antes um botequim. Vicente percebeu que lhe seria fácil se tornar indispensável ao patrão, subir rapidamente no emprego. Conseguiu sustentar os quartos da casa suburbana, se bem que andasse atolado de dívidas, todas as contas atrasadas. Joana começara a receber costuras para fazer em casa, vestidos pobres das vizinhas. E ele sentia-se aflito quando ao chegar a encontrava no quarto de dormir que virara também atelier, às voltas com fazendas cortadas, moldes e tesouras. Aquele silencioso trabalho, a agulha a arrastar a linha através da fazenda, Joana de cabeça curvada, sem querer conversar para não se distrair, deixava-o nervoso e irritado. E na maior parte das noites terminava por sair para o bar próximo onde se discutiam os problemas políticos do mundo, com muita cerveja e muita gritaria. Falavam da guerra que parecia inevitável, do possível vencedor, de como seriam as armas novas que cada estado-maior mantinha em segredo...

E ao voltar ainda encontrava a mulher, os olhos quase fechando de sono, debruçada sobre as costuras, a agulha que ia e vinha prendendo fazenda. Se estirava na cama, contava os acontecimentos do dia, o movimento da garage, as discussões no bar. Ela ouvia em silêncio, uma que outra vez narrava também um caso passado no atelier. Quase sempre para louvar **madame**, a calma de **madame**, o seu bom-gosto. Vicente tinha um secreto ódio a esta **madame** que o tratara com muito desprezo a primeira vez que o vira. Olhara-o por cima do **lorgnon** e apenas comentara para Joana:

— É este que é teu marido? Não pensei que fosse tão escuro... — e voltou-lhe as costas sem qualquer outra palavra.

Vicente tomara-lhe ódio e um dos seus dias mais felizes foi quando Joana deixou o atelier. E quando ela teve que voltar, ele fez tudo para a impedir, chegou a mentir, a dizer que estava de emprego prometido para o outro dia. Mas ela descobriu a mentira e ele ficou incapacitado de impedi-la de retornar ao lugar. Mas ainda tinha raiva quando ela começava a elogiar **madame**:

— É uma estúpida, isso sim. Uma cavala...

— Não diga isso. Ela é antipática no princípio. Depois é que se conhece ela direito. É de bom coração.

Vicente fazia um muchocho de quem não acreditava muito, mas não levava a discussão adiante, sabia que aquilo não agradava a Joana. Em todo caso iam pagando as dívidas aos poucos, na garage as coisas não corriam mal, as perspectivas eram animadoras. Foi quando veio o desastre de bonde, a perna partida, os médicos, a assistência, aquele horror de despesas. O português andara decentemente, garantira-lhe o lugar e os ordenados. Mas as contas subiram, contas de farmácia, remédios caríssimos. E há quase dois meses estava em cima da cama, incapacitado ainda para o trabalho, Joana se demorando na costura até alta madrugada, a-pesar-de ter de levantar manhãzinha para estar no atelier às oito horas.

Parara diante dele e esperava ele falar. Na mão ainda trazia marcas da cozinha, e o seu ar era tão cansado que Vicente ficou sem saber se devia lhe pedir que fechasse a janela. Ela perguntou:

— Alguma coisa na perna?

— Não. Era só para você fechar a janela. Está vindo um frio...

Ela andou para a janela, ele a acompanhou com o olhar. Joana estava macilenta, precisava de um descanso:

— Logo que eu volte a trabalhar e endireite um pouco a vida, você vai parar com estas costuras...

— A gente ainda tem tanta conta para pagar...

— Eu arranjo uns biscates para fazer à noite. Deixe por minha conta. O que não está direito é você aí se matando o dia todo no atelier e ainda cosendo de noite. Não há quem aguente...

Ela sorriu tristemente, começou a cerrar as janelas. Mas antes olhou para a rua, as luzes da iluminação elétrica sobre o asfalto, os automoveis que passavam, os cinemas iluminados ao longe. E teve a sensação que tudo aquilo era irreal, que não existia, que a vida de todos era igual àquela que ela levava, o dia no atelier, a noite sobre a costura.

Teve um gesto de ombros, gesto de completa resignação, e antes de baixar a veneziana olhou uma última vez. Foi quando viu o vulto de Glória que descia do automovel que as crianças da rua cercavam, se oferecendo para montar-lhe guarda. Joana fechou rapidamente a janela, disse para Vicente:

— Dona Glória vem aí... — e começou a ajeitar os travesseiros, a catar os pedaços de papel dos moldes recortados, a fazer uma rápida limpeza no quarto. Vicente fechou a fisionomia, mas o olhar de Joana o comoveu:

— Só não ponho ela pra fora a pontapés por causa de você. . .

— Bonitos pontapés você poderia dar com essa perna assim.

Batiam na porta, ela correu a atender. E Glória entrou, altiva e desdenhosa, evitando tocar nos moveis pobres, respondendo vagamente à pergunta de Joana sobre "como ia o dr. Mário". Na porta do quarto parou, olhou o mulato que se cobrira até o queixo com o lençol. E seus olhos perderam toda a altivez, uma imensa doçura vinha agora do seu olhar. E não teve mais medo da pobreza dos moveis, sentou-se na cama, perguntou com a voz trêmula:

— Está melhor?

VI

Na noite de rãs coaxando no rio, de aves noturnas piando na mata, Brandão descalçou as botas, meteu os pés na bacia de água morna. Sentiu alívio, a água tinha carícias de mulher. E deu notícias a Lúcia. "Princesa", a vaca mais leiteira da fazenda, estava com uma ferida e grande parte do dia passara a tratar dela. Examinara também a plantação de capim-manteiga no pasto novo. Queria nesse inverno engordar gado para vender para os matadouros. A fazenda se levantava aos poucos, voltaria em breve à prosperidade de antes. Lúcia recolheu a bacia, deixou-a do lado de fora do quarto para a empregada levá-la. E quando voltou, Brandão já se estirava na cama, sem coragem de tirar a roupa.

— Está com preguiça?

— É engraçado... Essa vida cansa muito mais que a de marinheiro. Nem nos meus tempos de carvoeiro eu me sentia tão cansado quanto agora. Não sei explicar isso...

Ela deitou a cabeça do gigante no seu colo, tentou explicar:

— Não é nada, não. Trabalho novo, você não entendia disso, agora quer saber de tudo. E anda demais, anda para todos os lados, vê os bois, os pastos, tudo, tudo... Você precisa demorar mais em casa...

— Saudades?

— E também sua saúde. Você não se cuida, Pedro — era a única pessoa que o chamava de Pedro — e eu tenho às vezes medo. Gostaria que você visse outro médico. Dizem que na cidade tem um muito bom...

Ele se levantou sobre um braço, a voz agora aborrecida:

— E vem você com isso de médico... São uns burros... Não viu o outro? Um regime como se eu fosse um agonizante. Saúde eu tenho, minha filha, é o que não me falta...

Ela não quis continuar com assunto, bem sabia que quando ele se aborrecia era inútil prosseguir. E procurou outra conversa:

— E o que te falta então? O mar?

Brandão deitou novamente no seu colo. Lembrava-se dos navios, havia um cargueiro inglês, "Benedit", que ele estimava particularmente. Andara nele ainda no começo da sua vida de marinheiro, era um pequeno barco que fazia a linha de Nova-Iorque a Porto-Alegre. Os oficiais voltavam à Inglaterra apenas uma vez por ano,

que só uma vez para uma demora de um mês o navio retornava anualmente ao seu porto de partida. Brandão era contra-mestre da marinhagem, espécie de ligação entre os oficiais ingleses e os marinheiros, na sua maioria brasileiros. Sua diversão nas noites longas era ouvir o rádio-telegrafista falar da família que ficara na Inglaterra, que ele só via naqueles rápidos 30 dias. Chegava carregado de presentes, carregado de saudades. Deixava um filho na barriga da mulher e a sua vida a bordo era esperar que o filho nascesse, escolher nomes para ele, imaginar como seria. Já tinha cinco, dois homens e três mulheres, e em cada porto encontrava retratos deles que a esposa enviava em todos os correios. E para os cinco escrevia cartas, mesmo para o de um ano, coisas sobre os peixes do mar, as tartarugas enormes, o rio Amazonas. E para Brandão desfiava as histórias das brincadeiras dos meninos, as graças que faziam e que a mulher religiosamente narrava nas suas cartas. Brandão acabou por conhecer aquela família como se ela fosse a sua, saber de todos os seus segredos, se interessar, quase tanto quanto o pai, pelo crescimento dos garotos. Mandava-lhes presentes quando o rádio-telegrafista ia na sua visita anual à esposa e aos filhos. Escrevia cartões-postais e recebia também, garantida pela menina maior, votos de feliz Natal e de feliz Ano Novo.

A pergunta de Lúcia fizera-lhe recordar o rádio-telegrafista inglês. Porque certa vez tendo a companhia lhe oferecido um lugar nos escritórios de Londres, ele, contra a expectativa de todos, não aceitara. Brandão se surpreendera. Se ele amava tanto a família, se sentia tantas saudades dela, por que então não aprovei-

tava aquela ocasião para ter de uma vez para sempre a mulher e os filhos junto a si? Ele lhe explicou enquanto acendiam os cachimbos, após o jantar, debruçados na amurada:

— Creio que não me acostumo mais em terra. Como você eu sentí desde menino uma vontade de viajar, de me meter em navios. Vim um dia, depois de fazer o curso. Gostei. Numas férias conheci uma moça, filha de um pastor, pareceu-me que daria uma boa esposa. Ora, eu sempre tinha tido vontade de ter filhos. Casei nessas mesmas férias e ao voltar podia dizer que mal conhecia minha esposa. É até hoje isto acontece. Nesses cinco anos, estive com ela apenas cinco meses, trinta dias de cada vez, cinco luas-de-mel... Valerá a pena conhecê-la mais profundamente, conviver com ela, sair da lua-de-mel para a existência de casado? Creio que não vale a pena... E depois eu sou um verdadeiro homem do mar, não posso passar sem ele, sem navios, sem escalas, essas coisas que você sabe...

Brandão contou o caso a Lúcia. E concluiu:

— Onde se vê que eu te amo mais que mesmo ao mar, pois não tive dúvidas em deixá-lo para viver contigo... E não tive medo que a lua-de-mel acabasse...

Ela sorriu, meteu a mão em seus cabelos, falou:

— Não acabou, nem acabará...

— A vida toda? — ele riu seu riso alto.

— A vida toda...

— Mesmo que a gente viva cem anos?

A voz dela não veio. Ele suspendeu os olhos, a cabeça num esforço, conseguiu enxergá-la. Ela estava perdida dali, os olhos fitos na parede alva. Perdera a ale-

gria de um minuto antes, estava triste, parecia mais debil ainda. Ele puxou o seu nariz, ela soltou uma exclamação de dor:

— Brutão!

— Puxei tão de-vagar...

Ela tomou-lhe a mão enorme, bateu-lhe com sua mão fina e de dedos longos:

— Mão de macaco...

— Por que você estava triste?

Brandão virou-se de lado, assim podia olhar para ela à vontade, perscrutar cada um dos seus movimentos. Ela continuava com a sua mão presa entre os dedos e a apertou suavemente. Ele esperava uma resposta e já ia insistir na pergunta quando ela se decidiu:

— Que é que você faria se eu morresse?

— Não sei — fechou o rosto, a testa se enrugou — Nunca pensei nisso. Mas, por que essa pergunta? Você não está doente... Ou está?

— Não, nem sinal de doença. Sou magra mas sou forte. É que eu queria saber.

Ele pensou:

— Sei lá... Talvez me matasse, talvez resistisse e voltasse para os navios, talvez desse para beber. Aliás, sempre tive vocação... — e riu espantando o motivo triste da conversa.

Ela sorriu também. Soltoou a sua mão, ele se levantou, começou a trocar a roupa pelo pijama. Ela se debruçou na janela, ficou ouvindo o pio das aves. Havia estrelas na negrura da noite, pontos luminosos que dançavam diante dos olhos dela. Uma estrela correu no céu, diziam na fazenda que quando alguém vê uma estrela cair deve fazer um pedido que será atendido.

Ela tinha também vontade de pedir alguma coisa. Mas não acreditava em milagres, sua esperança se desvanecera com a visita ao grande especialista. Ele fora franco, brutalmente franco e ela tivera suficiente coragem para não rebentar em soluços. E compreendeu tudo que havia de solidariedade no gesto paternal com que ele botou a mão no seu ombro na hora da despedida e lhe disse:

— Pelo menos faça com que esses meses sejam cheios de felicidade.

Balançou a cabeça, prometendo. Isso acontecera há dois meses e o prazo que o especialista dera fora de seis. Tinham sido dois meses de felicidade, de completa felicidade.

Pedro veio para junto dela, passou a mão na sua cintura, com a outra metia fumo no cachimbo. Deu-lhe a caixa de fósforos para que ela o acendesse. Não havia lua mas da mata vinha um cheiro intenso. Ele o aspirou a plenos pulmões:

— Nunca pensei de chegar a gostar desse cheiro...

— Do cheiro de terra?

— Vou te dizer: no princípio eu o achava horrível, Tão diferente da maresia... Mas já me acostumei, hoje até gosto.

Ficaram de novo em silêncio. O coaxar das rãs chegava até eles. Lúcia se encostou no peito do gigante, contou-lhe:

— Sabes que hoje Mário me perguntou se eu era feliz?

— Que idéia...

— Por isso que eu tenho de ficar às vezes séria... Mas tu sabes que eu tenho sido feliz, muito feliz, não

sabes Pedro? Que ninguém no mundo podia ter sido mais feliz que eu...

Olhou-a comovido:

— Tola...

— Mas queria te pedir uma coisa...

— Pede...

— Queria um filho. Um filho teu.

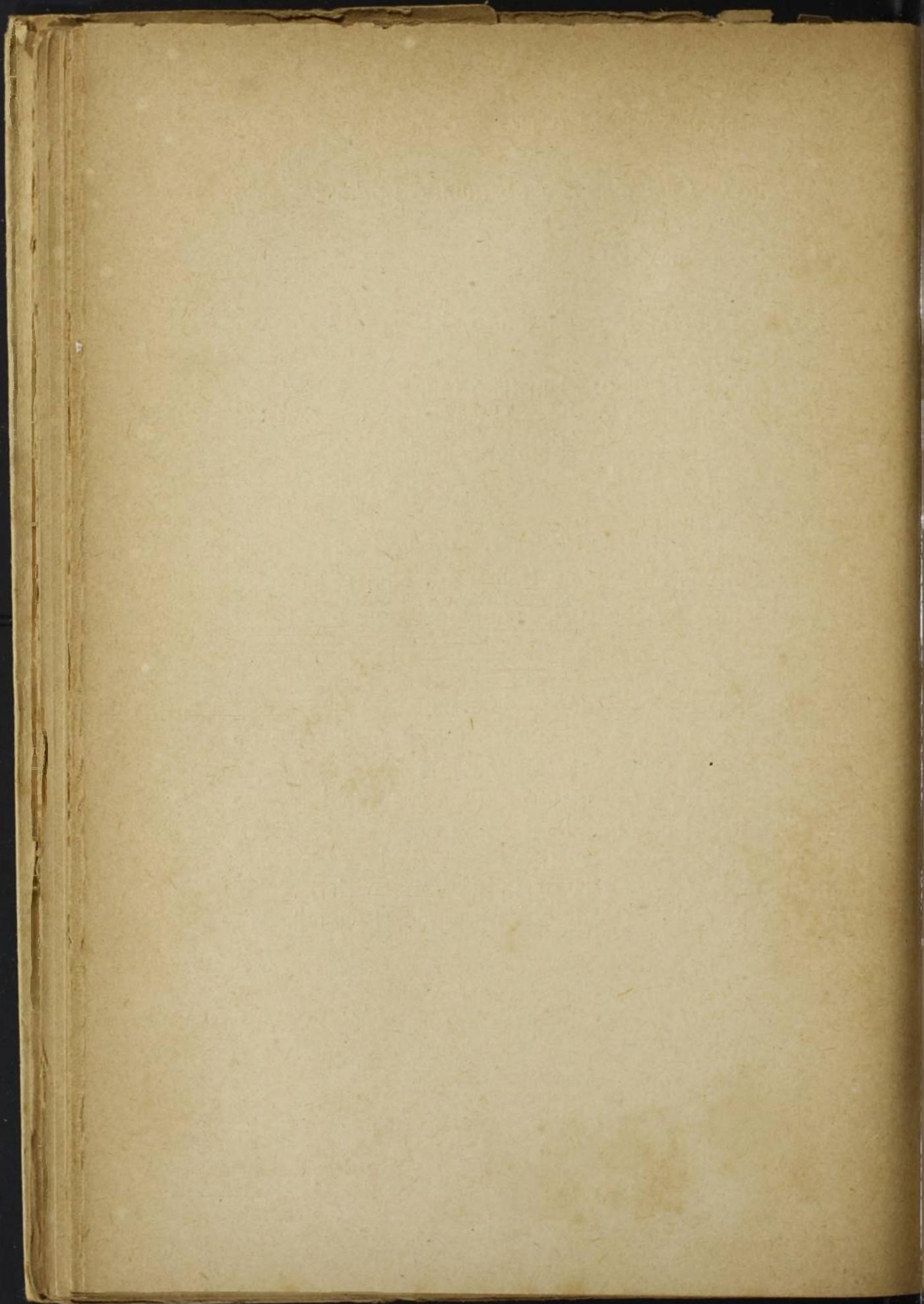
— Não tínhamos combinado que só após a fazenda estar levantada, as coisas bem encaminhadas?

— Mudei de idéia, Pedro. Eu o queria logo. Estou te pedindo.

Ele olhou o céu, as estrelas, uma caiu, Lúcia repetiu o pedido em voz alta. Ele a beijou nos olhos:

— Mamãe é que vai ficar contente com o neto...

E quando ele adormeceu, Lúcia pensou que agora sofreria menos quando daí quatro meses o coração de Pedro parasse e ele morresse. Aquele filho seria igual a ele, o seu rosto, o seu riso, o seu amor a aventura. Ia começar a imaginá-lo mas lembrou-se que não devia ainda pensar nele, aqueles quatro meses deviam ser totalmente para Pedro, que ia partir na viagem derradeira, para fazê-lo feliz. Curvou-se para ele, beijou-lhe os olhos também.

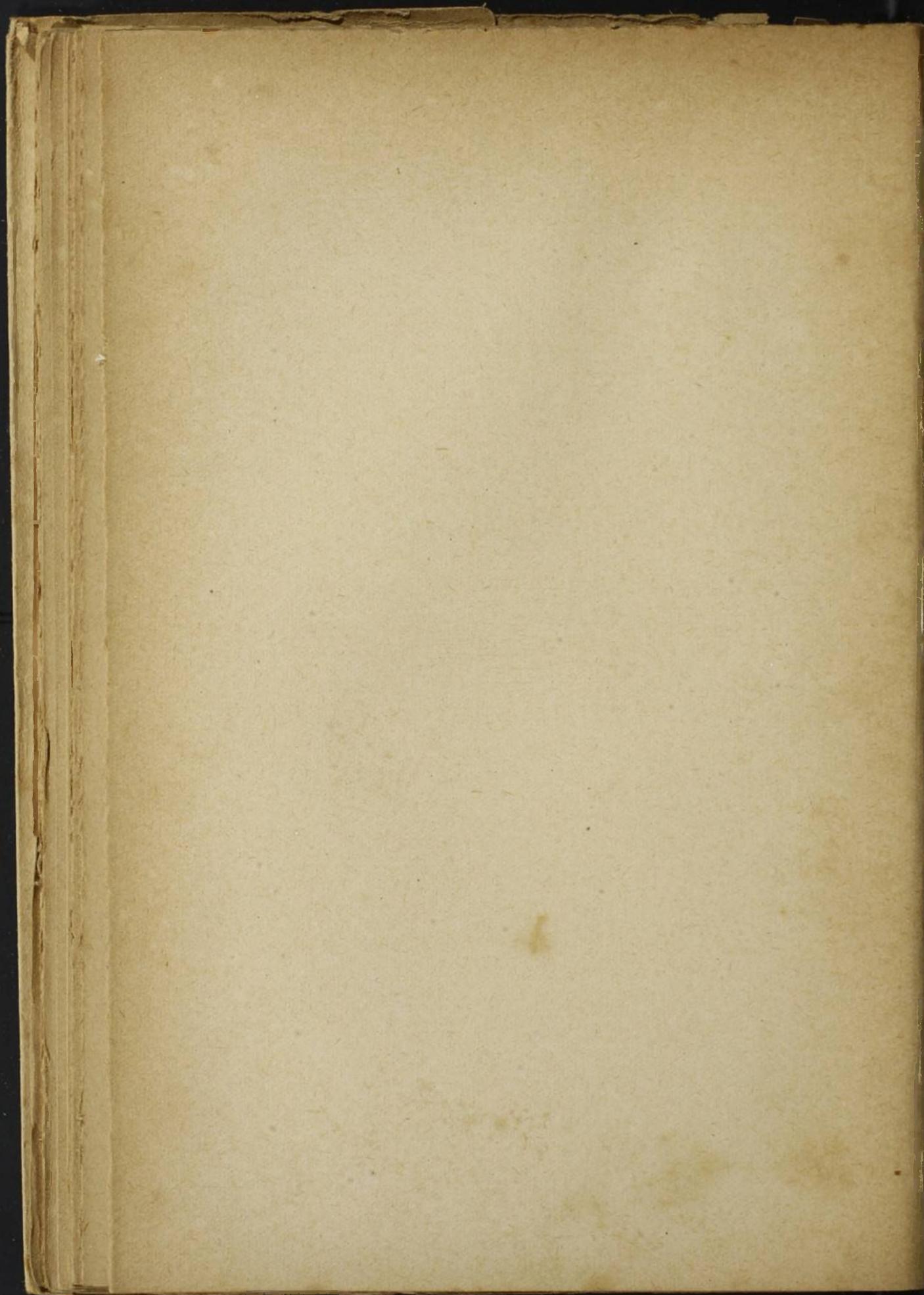


SEGUNDA PARTE

José Lins do Rego

Mistério de Brandão

(Glória)



TODOS a julgavam uma leviana, criatura cheia de preocupações vulgares. Fora criada fazendo tudo o que queria, adorada por um pai, que tudo fazia para vê-la contente, feliz. Tivera assim uma infância de muitos brinquedos, de muitos vestidos, como as meninas mais ricas da cidade. Sempre gostara de suas festas de aniversário, de contar os presentes, de sentir-se dona de um mundo de bonecas. O seu pai queria ver sempre a sua Glorinha, radiante. Todos a elogiavam, falavam de sua beleza, da sua cabeleira em cachos loiros, dos seus olhos claros. Ouvia sempre os comentários dos estranhos com íntima alegria: — Esta menina vai dar uma moça linda. A frase soava-lhe aos ouvidos como um acalento. Correu os colégios, conquistou a simpatia dos professores, das freiras, das colegas. Era linda, julgava-se linda de verdade. Via como os rapazes a olhavam, como os homens se viravam para vê-la. Os cabelos loiros em cachos, depois em tranças, não tinham perdido a cor com o tempo. Via-os no espelho, apalpava-os, sentia-os macios. Eram os seus cabelos os mais belos dentre todos os de suas amigas. Sabia que a sua mãe havia morrido quando ela ainda não tinha conhecimento de nada. Tinha um ano quando morrera a sua mãe.

Ouvia falar dela como de uma santa. A negra que a criara não se cansava de falar de D. Esmeralda. Era uma santa, uma pintura de beleza. O seu pai não se casara mais e só vivia para adorar a filha, para a sua felicidade. Falava-se na dedicação do Dr. Gomes pela filha pequena como de uma coisa de romance. Era tocante o amor daquele pai, homem tão moço, que poderia ter encontrado outro casamento para levar melhor a vida e que se entregava de corpo e alma à filha. Não saía de casa a não ser em casos de urgência, todo entregue ao amor de sua Glorinha. Ficara falado. As mulheres o invocavam sempre como um modelo. Aquilo é que era uma vocação de chefe de família. Crescera Glória assim, naquele ambiente de adoração. O seu pai fazia tudo rodar em torno dela. Os colégios deviam se acomodar aos luxos de Glorinha, Glorinha devia ser o centro do mundo para o pai muito satisfeito de sua filha.

Glória ficou moça e começou a sentir que lhe faltava uma coisa. Tinha um guarda-roupa cheio, tinha as jóias que foram de sua mãe, tinha tudo que uma moça desejava, mas lhe faltava qualquer coisa, faltava-lhe o gosto de viver. O pai era rico, a roda que frequentava era de gente rica, as suas amigas eram as moças mais finas da cidade e no entanto havia um vazio, uma ausência que não sabia explicar de onde vinha. Viu o pai glorioso levando-a para as festas, gozando o espetáculo de uma filha bonita. Não sabia explicar e até doía-lhe confessar: aquele entusiasmo constante de seu pai fatigava-a. Às vezes ficava com raiva de tantos cuidados, de todas aquelas precauções com que ele a cercava. Punha-se a julgar-se e vinha quase sempre uma certa vontade de escapar de tudo. Não havia dúvida que

era uma prisioneira. Por outro lado o dr. Gomes chegava ao extremo da dedicação. Os amigos o julgavam um tanto gira, as mães das amigas de Glória já olhavam os exageros do pai como exibição. Não precisava o Dr. Gomes andar daquele jeito, querendo fazer da filha uma princesa. Glória sentia os excessos do pai e tinha medo de ferí-lo, fugindo de tantos agrados, de tanta admiração. Era o que mais lhe doia aquele seu desprezo pelo amor de seu pai. Podia ferí-lo, e era melhor que sofresse que o magoar. Vivia só, na grande casa de muito luxo. O pai queria que desse festas, que fosse uma dona de casa perfeita. Era todo seu orgulho poder convidar um amigo para jantar, e ver a filha aparecer como uma grande dama, fazendo as honras da casa. Glória era a sua obra-prima. Os amigos concorriam para a sua felicidade com elogios. E o Dr. Gomes enchia-se, envaidecia-se com a distinção que queria dar aos seus jantares. Depois deu para querer que a filha o acompanhasse às reuniões literárias, às conferências, às sessões do Instituto Histórico. Aparecia de braço com a filha, enchia de cobiça os homens e havia mesmo um certo deleite de sua parte em escutar um amigo, um conhecido dizendo: — A Glória parece irmã do Gomes. De fato, os seus 45 anos não pareciam mais que 35. Tinha os cabelos pretos e o rosto era bem jovem para a sua idade. Glória, porém, foi se enfadando, sentindo-se por demais um objeto de decoração. Era uma moça que queria viver e o que estava fazendo era dando vida à vaidade de seu pai. Precisava reagir. Tinha direito a viver. Havia colegas suas casadas, outras noivas. E ela entregue àquela casa como uma senhora, levando uma existência, que, para as outras, poderia parecer brilhante mas que

para si era a mais triste e a mais penosa. Teria que achar um meio de fugir daquela adoração exagerada de seu pai. Ainda não conhecera nada que a fizesse estremecer de verdadeira alegria. Todos os rapazes que conhecia, todos os homens de suas relações pareciam-se com seu pai: sempre a cercavam de admiração, de palavras de elogios, e todos estavam muito longe dela. Será que não podia amar? Tinha aquele espelho onde se podia ver de corpo inteiro. Era linda, tinha aqueles cabelos, aqueles olhos, aquele corpo que ela gostava de vê-lo nu, na brancura que o sangue animava de vida. Era bela. Passava horas se olhando no espelho grande. Fechava-se, e só, entregava-se assim a sua própria adoração. Queria viver assim toda a vida. De-repente porém, despertava deste enlevo e caía no tédio que a perseguia. Vinha logo a imagem de seu pai, com aqueles olhos de adoração, com aquelas suas palavras, com aqueles seus cuidados, e Glória ficava a mais abandonada, a mais infeliz das mulheres. Chorava, imaginava tudo que era plano tolo de evasão, e por fim o que existia mesmo para ela, era solidão, o pai fazendo dela uma deusa, os elogios dos homens. E a sua existência foi se tornando uma repetição, em dias que se sucediam, sem que lhe surgisse um incidente que a despertasse, que acordasse a sua alma. Não gostava de ler, não gostava de música. Foi então, que se entregou inteiramente às festas de sociedade. Passou a ser a figura obrigatória do melhor clube da terra. Gostava de dançar e dansava admiravelmente. O dr. Gomes fazia na vida o que não se habituara. A filha passara a ser a atração dos bailes, dos chás dansantes. A princípio não se importou, aos poucos foi se sentindo roubado, verdadeiramente roubado,

Glória não parava, era de um para outro, procurada, admirada. Não era mais a sua Glória, passara-se para outras admirações. E assim começou a ver sua filha a correr de noivo para noivo. Ela tinha mesmo prazer em atrair os candidatos, pedia-lhes amor, armava-lhes situações difíceis. Vinha o noivado, corriam os dias e, com pouco, Glória despedia o pobre diabo sem a menor piedade. O dr. Gomes achava esquisito mas tolerava. A sua filha era dona de seus sentimentos, que resolvesse o seu destino a seu prazer. Glória manobrava os noivados com maestria. Fora noiva de oficial de marinha, de um médico, de um estudante de direito, de fazendeiro de cacau, jovem que viera dos Estados- Unidos com um automovel que encheu a Baía de admiração. Passava por todos sem vacilar um instante. Criava fama, era tida como um perigo. As amigas invejavam o poder espantoso de Glória. Ela, porem, cultivava o donjuanismo, com absoluto sucesso. O Dr. Gomes é que começava a sofrer. A filha passava a figura de comentários. Sofria, amargurava-se. Sabia que os colegas, os amigos começavam a ter pena dele. Irritava-se com as perguntas sibilinas. Via-se coberto de ridículo. Glória fugia dele, não era a filha que ele imaginara, a obra-prima que modelara. A filha estava cada vez mais longe do pai. E foram-se anos assim, até que apareceu aquele Mário. Era um jovem medíocre, que um amigo apresentara para seu auxiliar de escritório. Nunca pensara que Glória terminasse se casando com ele. Por outro lado gostou da solução, — até que afinal a filha pararia com aquela vida agitada. Recebeu a notícia do novo noivado sem acreditar no sucesso. E se casaram. Mário era uma mediocridade sob todos os pontos-de-vista. E não

se podia dizer que fosse um rapaz belo. Pelo contrário, tinha um ar quase doentio, olhos miudos. O que nele parecia melhor era o tom da voz. Falava com uma doçura de encantar. E Glória se casara com ele. Ela mesma não sabia explicar. Ficara com Mário, com ele se cansara de suas experiências. Os dias que vieram não foram melhores do que os da casa de seu pai. Fugira de lá, da sua adoração para viver com um homem que o sentia menor do que ela. Pobre homem, aquele Mário, que ela sabia submetido, escravo incapaz de um gesto que tomasse conta dela. Teve nojo dele, um verdadeiro asco, e no entanto não podia viver sem Mário. Os seus anos de casada vinham sendo atravessados de cenas de ciúmes, de escândalos, de desgostos terríveis para o seu pai. Mário era uma vítima. Sabia que fazia uma vítima e não se apiedava do marido. Queria-o assim, atormentado. Viu-o por mais de uma vez chorando aos seus pés, como uma lesma. Tinha nojo daquele homem e não podia viver sem ele. Não abandonava as festas, queria luxar, queria o marido para lhe dar esse luxo. E castigava-o, humilhando-o com reclamações. Não queria nada que viesse de seu pai. Mário teria que trabalhar para servi-la. Era cruel. Sabia que era cruel e em certos momentos se analisava, cobria-se de vergonha. Era aí que o seu marido lhe parecia mais repelente, era quando ela se sentia culpada, quando media o mal que vinha praticando. O pai envelhecera, perdera a filha, vivia no seu escritório, encerrado, acabado. A menina Glória de cabelos em cachos, a jovem Glória de beleza radiosa seria para ele de um mundo morto. Agora o que existia era um genro reduzido a nada, uma filha que era outra criatura.

O grande advogado Afonso Gomes de Sousa perdera a maior causa da sua vida.

II

Vira aquele Brandão, que Mário levava para jantar e tivera a primeira impressão real de um homem. Um homem para ela, até aí, era muito pouco. Conhecera muitos e quase sempre os que conhecera nada valiam, nada tinham para dar-lhe que não fosse insignificâncias. Nunca se impressionara, se abalara por homem algum. Sempre que os conhecia ligava-os a seu pai, e esta aproximação fazia-os mortos para ela. Tinha sempre a imagem de seu pai ligada à idéia de morte. Mário era o único que escapara a esta semelhança com o seu pai, e por isto era o único que ela podia suportar. Agora viera aquele Brandão. No primeiro momento a impressão daquele gigante de cara de menino fizera-lhe mal. Depois quando o viu falar, quando o homem se descobriu, foi com surpresa que verificou que era ele a razão da sua vida. Procurava-o por toda a parte, mesmo em sonhos e aparecia-lhe assim, levado pelo seu marido, como a cousa mais natural do mundo. Ficara vulgar diante dele, dissera tolice, não pudera se conter. Agora estava alí sem força para nada. Mário estava com o amigo na fazenda. Estava só e sem força. Pela primeira vez verificava que não podia com o seu desejo. Era fraca, incapaz de se impor, de se realizar. Passou a primeira noite sem Mário e a falta do marido deixou-a intranquila, como se lhe houvessem arrebatado o seu ponto de apoio. Era sobre Mário que firmava a sua superioridade sobre os

outros. E depois Brandão começara a existir de uma maneira absorvente. Estivera em sua casa durante poucas horas e enchera tudo, ficara dono de tudo. A primeira noite que passou sem Mário ficou sem encontrar jeito de dormir. Parecia que lhe escapava a segurança, o domínio de si. E a figura do homem novo, daquela firmeza de fala, daquela maneira enérgica de existir não saía de sua cabeça. Mário havia-lhe falado deste amigo aventureiro, corredor de mundo, e ela pensava que fosse como tantos outros, homem de muitas viagens, de muitas terras. E era, ao contrário, o homem, como se fosse o primeiro, o único da espécie, e que tivesse nascido e se criado sem relação alguma com o resto do mundo. Era o homem. Para Glória este Brandão era a vida que lhe chegava. Vivera no meio de sombras, e um ser vivo aparecia de repente e tomava conta inteiramente dela. Só poderia viver para ele. E viveria. Foi ficando inquieta, não dormia bem, passava o dia inteiro imaginando um meio de chegar aos seus fins. Mário estava por lá, sem dúvida que falando mal dela. Era seu hábito fazê-la odiosa para os outros. Em casa submetia-se, humilhava-se como ninguém. E desde que encontrava uma oportunidade não a perdoava. Lá em companhia do amigo estaria destruindo-a. E Glória não parava, não se detinha, como antigamente para olhar-se, admirar-se. Havia longe dela uma força maior, um poder que a abafava. Não poderia nunca imaginar que chegasse àquele ponto. Não era mais nada. Vira um homem, conversara com ele umas três horas e a verdade é que não poderia viver sem este homem, sem a sua presença. Outra entregava-se a si mesma, punha e dispunha sobre o que era seu. Fugira do pai, da sua adoração. Fora

um trabalho que realizou com o sucesso que não esperava. Tivera capacidade para dominar toda a sua sentimentalidade. Sabia que o mataria, e não trepidou. Agora, porém, não sabia se manter, um só instante, na idéia do domínio, do comando. E o que seria aquele homem? Um insignificante aventureiro que gostava de Mário, um pobre rapaz estouvado que abandonara a família para entregar-se à vagabundagem. Não era bonito, não era atraente. E no entanto só pensava nele. Teve mais ódio ao marido, mais desprezo ao pai. Recordava-se, um por um, dos namorados, dos noivos para mais sentir asco de todos. Todos eram homens, todos se humilhavam, foram seus escravos, pobres escravos de sua beleza, de seus cabelos loiros, de sua carne rosada. Todos dariam a vida para servi-la. E ficou com Mário, bacharel medíocre, caráter fraco e pobre. Mas ia vivendo bem com a miséria do marido, gostava mesmo de ligar-se às suas fraquezas, provocava-o para senti-lo sempre baixo, de baixeza de cão. Aparecia Brandão. Era dele, sem o mínimo obstáculo. Procura recompor a figura física do rapaz. E não podia. O que existia para ela era uma presença que era mais que física, uma presença que se manifestava com tal força que ela não podia distinguir a forma, a expressão, a maneira. Brandão. E só em imaginá-lo sucumbia ao seu poder. O que seria aquilo? Abandonou-se ao encantamento sem reação alguma. Caía, entregava-se sem limites. Só podia ser uma grave doença. Seria possível que chegasse a uma situação daquela sem que a sua vontade reagisse? Teria que tomar uma providência séria, libertar-se daquilo. Era como se fosse um feitiço. Lembrou-

se da Joana, a costureira que sempre lhe falava de histórias de xangô, uma pobre mulher que se consumia de trabalho e de amor pelo marido. Pensou em procurá-la. Nunca acreditou em coisas de feitiçaria, mas agora acreditava. Teve medo de apelar para Joana, não queria fugir de Brandão. Queria era ficar com ele, entregar-se, dar tudo que fosse seu, do íntimo, do exterior, tudo para ele. Joana viera trazer-lhe uma costura e lhe falara do marido doente, da pouca sorte, das sessões do pai Leandro onde ela ia procurar alento para viver. Quase que falara a Joana para ir com ela ao pai Leandro. Teve medo — talvez que fazendo isso fosse destruir o amor que despontara no seu coração. Fosse destruir um amor que ela não sabia qualificar. Era um amor. E era tudo. Deixou que Joana se fosse e quando ela saiu, arrependeu-se. Estava sofrendo sem motivo, estava abafada, incapaz de conduzir os seus nervos. As noites longas, as horas compridas, os dias vazios, e Brandão distante, muito longe, ouvindo histórias de Mário. Era casado. Foi aí que o amor lhe doeu, abriu-se em feridas. Era casado, tinha uma mulher que Mário lhe afirmara que era bela, uma criatura maravilhosa. Que mulher seria aquela? Procurou arranjar um retrato a seu gosto da rival. Seria uma pobre moça que Brandão arrastara com ele numa de suas viagens. Teria sem dúvida uma vida vulgar, modos grosseiros. Nada representava para ele. Brandão deveria estar cansado desta mulher inferior. Esgotava-se nestas divagações. E o que ficava era a mulher que Brandão amava, a mulher que Mário gabava a beleza sem ter conhecido. Fora Brandão que lhe fizera o elogio da mulher. Era horrível sentir aquilo, aquele despeito impossível do qual não podia fugir. Uma

mulher mais bela do que ela, mais feliz, mais atraente existia, tomava conta do homem que ela amava desesperadamente. Uma noite não se conteve, não pôde ficar em casa. Chamou a negra velha que a criara, mandou procurar um automovel e foram à casa de Joana. Era uma rua pobre, por de-baixo dum velho sobrado em ruínas. Era tarde. No pardieiro habitava uma população de miseráveis. Teve nojo de entrar. Vinha lá de dentro um cheiro horrível de gente suja. Quis voltar. A rua deserta. Ouviu um canto de homem, um violão gemendo. Aquilo animou-a mais. Joana morava no andar térreo. Bateu na porta e ouviu uma voz de homem respondendo. Estava no quarto de Joana. A máquina em cima de um caixão de querosene, e a cama de dormir coberta de trapos. O marido olhou-a de relance e virou o rosto para outro lado. Glória queria falar com Joana em particular. Deixaram a negra velha no quarto e saíram para a porta da rua. Cantava ainda o homem. — É o Chico Leitão, leva a vida nisto. A mulher cozinha para a casa de um rico em Amaralina.

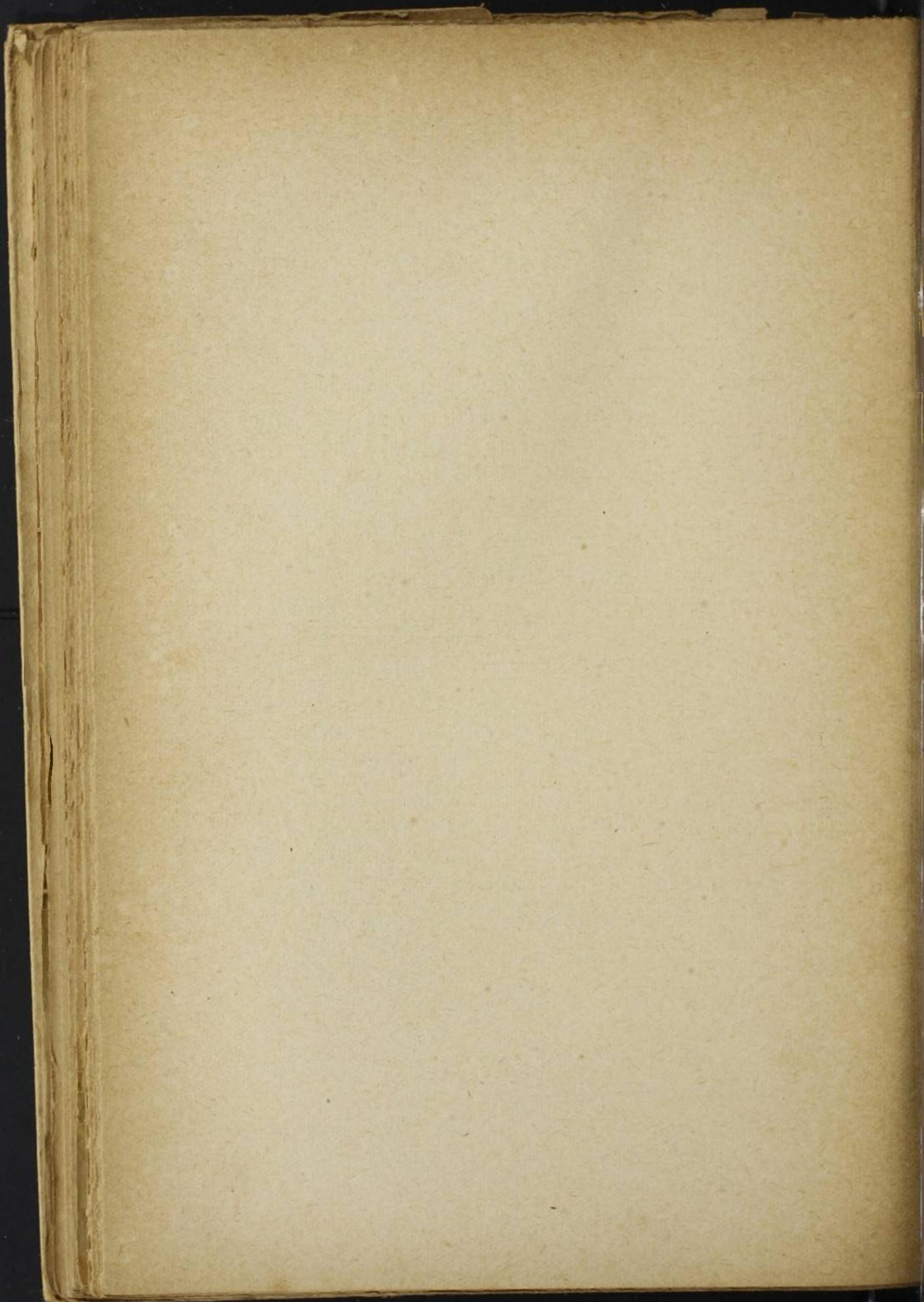
Então Glória baixou-se, sentiu-se pequena para falar com Joana. A sua voz tremia, não tinha expressão para dizer o que queria. Por fim falou. Sabia que Joana conhecia o pai Leandro. Estava precisando do pai Leandro. Joana se ofereceu para tudo. Falaria no outro dia com o velho e estava certa que ele faria uma sessão para D. Glória. Ele tinha muita força. Ele sabia acalmar coração, dar coragem para viver. E Joana procurou entrar no segredo da patroa. Aí Glória fechou-se. A costureira devia ir procurá-la no outro dia para acertar tudo. E saiu da rua sinistra. Ainda a voz de Chico Leitão se derramava na noite escura. Um

homem aproximou-se de Glória espantado de ver gente de posição àquela hora, num lugar perigoso. Tomou o automovel que ficara na entrada da rua. Um cheiro de incenso andava no ar. O automovel rompia por uma estrada sem calçamento e ouvia-se, de muito longe, um bater de instrumento de percussão. Vinha de lá, do fundo do mato. Devia ser algum "terreiro" em trabalho. Glória mandou que o chauffeur andasse mais de-pressa. Chegou-se para perto da negra, com medo. Era como se estivesse ouvindo história do bicho carrapatú, as histórias da sua ama Generosa. Chegou em casa alarmada com o que fizera. Estava perdendo o domínio sobre si, estava perdida. Naquela noite viu chegar a madrugada, escutou o reboiço da vida acordando. Não se conteve. Abriu a janela do quarto e ficou a olhar o movimento da rua. No seu jardim uma magnólia cheirava ainda para a aurora. Ainda era noite para ela. Cheiro de amor no fim, cheiro de carne satisfeita. É a imagem de Brandão, e a mulher de Brandão, e a ausência de Mário, tudo se juntando, ligando-se para aquela angústia, para aquele anseio que não se acabava mais. Voltou para a cama e os lençóis frios arrepiaram-lhe o corpo. Cantavam os galos nos quintais e o grito do padeiro parecia um rumor de trovão. Glória encolhia-se na cama, contorcia-se de desejo, de precisão de amor, como uma serpente atacada. Todo o seu corpo se enlanguescia para depois esticar-se em fúria. Entrava para a sua cama o cheiro doente da magnólia. E não vinha o amor. Era o amor em carne e osso o que ela queria, aquele Brandão que tinha uma mulher bonita, era ele que a subjugava daquele jeito. A manhã aparecia pela janela aberta. Já era o sol que entrava pelo seu quarto. A rua movimentava-

-se, passavam vendedores ambulantes, cantarolando, e Generosa falava alto com os outros criados. Lembrou-se de seu pai. Veio-lhe aquela lembrança como uma cunha para mais apertar a sua angústia. A sua infância surgiu-lhe de repente, com o pai sacrificando toda a sua mocidade pela filha pequenina. E fugiu dele, abandonou-o, tinha asco de seu pai. Devia ser um caso de doença grave. Quis chorar na manhã radiosa. Ouviu cantar os passarinhos pelas árvores; bem em cima de sua janela um canário cor de gema de ovo estalava a sua cantoria com ostentação feliz. Estava desprezada. Não tinha ninguém, era só, pagava o que fizera a seu pai. Joana viria e, à noite, procurariam o pai Leandro. O feiticeiro encontraria um meio de salvá-la daquele aperto. Precisava retornar à sua vida de antigamente. Ouviu a voz de Generosa chamando por ela. A preta velha estava dizendo que era muito tarde e que ela precisava comer qualquer coisa. Só tinha vontade de desaparecer atrás de uma coisa que lhe faltava, de correr, correr, até ficar de corpo sem vida. Por que não fazer isso? Outra vez a imagem do pai debruçava-se sobre ela. Agora o via feliz, de braço com ela, entrando nas festas, orgulhoso da sua Glorinha. Teve pena dele. Perdera a mocidade, pusera a vida à sua disposição, era seu escravo. E fugira dele. Aquela idéia do pai sacrificado, do pai sem mocidade, cobria a ausência de Brandão. Teve raiva do pai que aparecia assim para tomar o lugar de um amor que era o seu primeiro entusiasmo verdadeiro. Mas a cara doce, a expressão de sacrifício do Dr. Gomes dominava, crescia para a filha monstruosa. Era um monstro, pensava, era um monstro. Mário distante não lhe oferecia um solo firme para

poder defender-se. Não contava com ninguém. Levantou-se da cama. Generosa apareceu com o café. Espantou-se do abatimento da menina. Tinha os olhos fundos, precisava comer alguma coisa. Falava muito e Glória nada ouvia. Outra vez Brandão aparecia, com violência, outra vez o pai cedia o lugar aos desejos de Glória, e o amor terrível tomava conta dela. Fora-se Generosa. Lá fora a manhã estendia-se sobre tudo. Para ela era como se fosse noite profunda. Uma noite de pavor, de mistérios do outro mundo. Deitou-se na cama revolta, enterrou a cabeça nos travesseiros e chorou, baixo, bem baixo para ninguém a ver assim. Depois do choro dormiu um pouco, o bastante para um sonho que era do tamanho de uma vida. Um sonho de muita morte, de muito amor. Nem sabia contar direito o que sonhara. Devia ser tarde. Tinha o corpo mole, mas sentia-se mais aliviada. Generosa falava sempre e a réstea de sol que ao meio-dia se punha em cima do tucador estava lá. Andou um pouco pelo quarto, chegou à janela e viu gente passando. Eram os operários da fábrica de cigarros que voltavam do almoço. Rapazes e moças tagarelando. Generosa veio chamá-la para o almoço. Preparou-se e quando desceu encontrou o seu pai que viera almoçar com ela. Há muito tempo que ele não fazia aquilo. Estava velho, reparou bem nas suas feições marcadas pela idade, e no entanto era homem moço. O dr. Gomes parecia um estranho, falou-lhe como uma visita de cerimônia. O seu pai estava morto. Quando ele saiu sentiu-se responsável por um crime de morte. Ficou mais agoniada naquela tarde. Quis sair, chegou a preparar-se para dar um passeio, procurar uma amiga e não teve coragem. Deitou-se no divã do es-

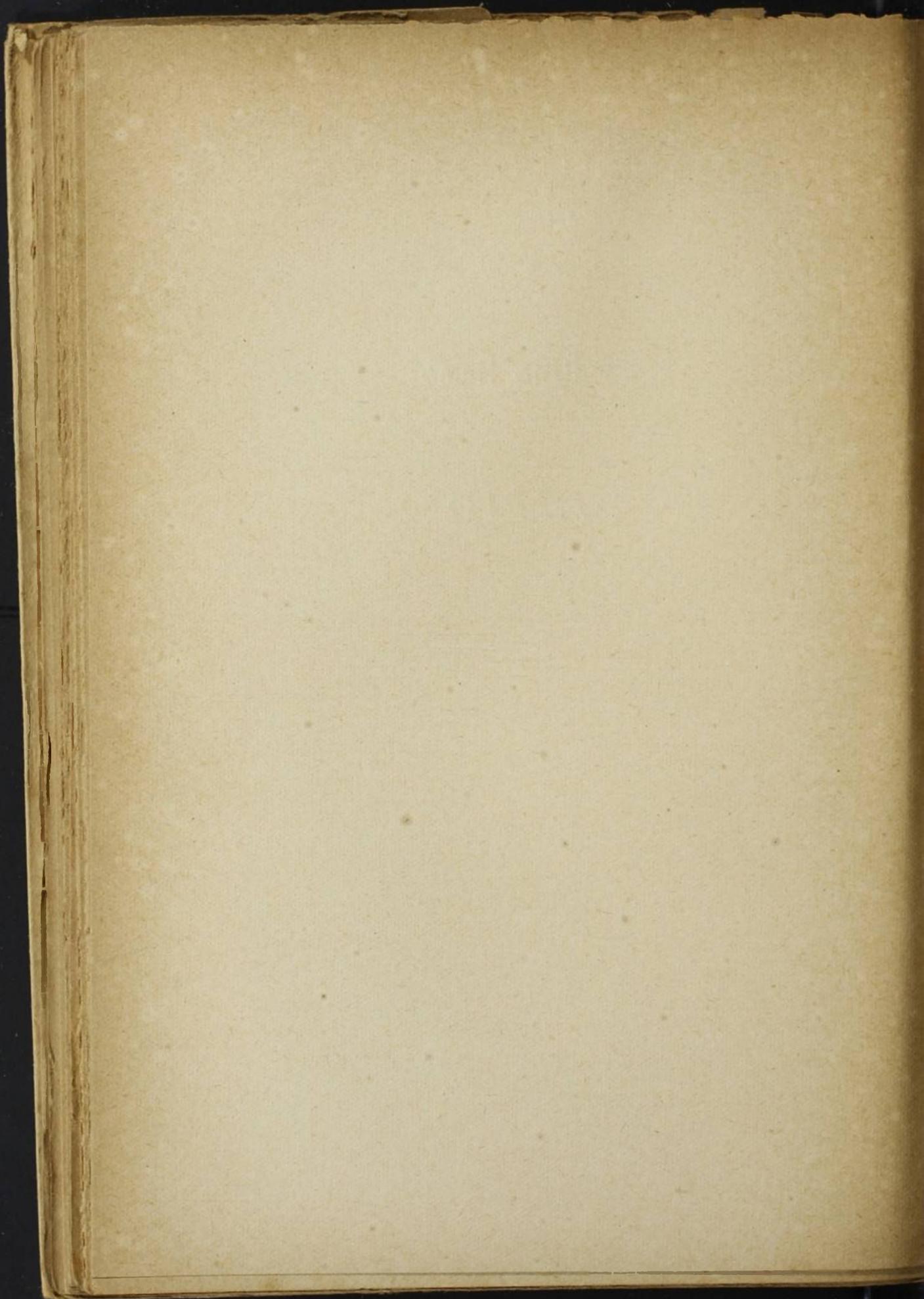
critório do marido, e ali ficou até que lhe deu na cabeça mexer nos papéis de Mário. Abriu uma gaveta e sem querer deu com um punhado de cartas. Abriu-o. Eram cartas de uma mulher. Leu uma por uma. Mário tinha uma amante, um amor escondido. Ficou lívida. Cada carta era um choque. A mulher tratava-o com um amor imenso. Derramava-se de carinho para o seu Mário, o seu querido Mário, como o chamava. Teve ódio, mas continuou lendo. Havia uma carta que falava dela. Era terrível ler aquilo. Falava dela, lamentava que Mário a suportasse, uma mulher que todo mundo sabia que era infiel, que se dava a um e a outro. Rasgou a carta de ódio. Daria tudo para saber quem era aquela miserável. Começou a ver se a descobria entre as suas amigas conhecidas. Ligou fatos, situações, incidentes. E nada. Não aparecia uma sequer que lhe sugerisse aquela mulher que amava o seu marido de maneira tão terna. Sentiu-se roubada. Até Mário lhe escapava. Vira o seu pai tratando-a como estranha e agora Mário tinha uma amante. A noite vinha chegando, a sala escurecia. Ficou na penumbra, envolta nas sombras. Estava só. Não tinha mais niguem. Chegou-lhe outra vez uma vontade forte de chorar. Ouviu que batiam na porta. Apareceu Generosa com um telegrama. Ficou com medo do telegrama. Abriu-o. Era um chamado de Brandão: — Mário muito doente, convem vir.



TERCEIRA PARTE

Graciliano Ramos

Mário



DESASTRE. Umas férias curtas para afastar os desgostos ordinários tinham dado naquilo. Envergonhava-se, reconhecia-se inutil e incômodo. Três meses em casa alheia, comendo em mesa alheia, dormindo em cama alheia. Hóspede de três meses não é hóspede: é intruso, quase parente, espécie de tia solteirona que adula e resmunga.

Não imaginara semelhante coisa. Ao aceitar o convite, supunha demorar duas semanas. Viera-lhe de-chofre aquela explosão, aquela doidice, e depois de sentir nas costas da mão rasgada a quentura da perna da moça, tudo fora de mal a pior. Decidira voltar, recolher-se às aperreações normais. Infelizmente as suas decisões se realizavam a custo, necessitavam impulso exterior. Saira da capital arrastado pela mão forte do antigo companheiro. Mãos fortes e grandes as de Brandão, enormes, habituadas ao trabalho e às brigas, duras, calosas. Essa dureza e esses calos detinham-se no corpo de Lúcia, e a pele de cor indecisa certamente se avermelhava.

Impossível regressar, mergulhar de novo nos autos e nas razões. Seria preciso que o levassem para a cidade, o arrojassem na multidão. Por que diabo o dr. Gomes

não o chamava com urgência? Repetia muitas vezes a pergunta, que não correspondia a um desejo.

— Frase ambígua.

Avezava-se a monologar.

— Ambígua.

Urgente o chamado do sogro? Ou o retorno aos arrazoados e às amolações é que devia ser urgente? Não chegara a ordem, a intimação indispensável: dr. Gomes desdenhava os serviços do ajudante medíocre. Chegara a doença, uma trapalhada medonha. Delírio, febre, sangue dos pulmões, e a família do marinheiro agricultor se alarmara.

Agora tinham passado os arrancos, o desespero. Consumia-se de-vagarinho, barbudo, escanzelado, olhando os frascos, as caixas de injeção, a mata, os currais. E a negra que fazia a limpeza, d. Elisabeth e Brandão diziam naturalmente: "O quarto do doutor, o quarto de seu Mário, o quarto do Mário". Um abuso. Parasita.

— Que é dos títulos?

Homem da lei, procurava um direito para a longa permanência e nada achava. Nenhuma justificação. Considerava-se peça de mobília, armário aparatoso e vazio, que se espanava cuidadosamente em conformidade com as exigências sociais.

— Como vai, Mário? Tomou o xarope? Não tomou. Olhe o relógio. Você hoje está excelente. Isso não é nada. Em poucos dias se apruma e endurece. Você tem uma natureza de ferro.

Encolhia-se, enrugava os beiços numa careta, procurava diminuir, sentia a penugem suave do espanador arranhando-o, fazendo-lhe cócegas, tirando-lhe a poeira e as teias de aranha.

Já na tarde em que estragara a mão no espinheiro notara essa maciez. O iodo queimava-lhe a carne. Mas a dor fugira depressa. Dos dedos finos de Lúcia saíam faíscas; das pernas de Lúcia, onde a mão ferida esmorecia, vinha uma doce tepidez. Tonturas, um nevoeiro. Era como se a figura resplandecente se evaporasse e o envolvesse. Perturbado, arriscara a pergunta indiscreta. A fumaça luminosa se dissipara de-repente — e estava em pé diante dele uma senhora fria e indignada machucando uma folha seca. D. Lúcia, pessoa de muitas viagens, mistura de oriente e ocidente, exprimindo-se em sintaxe universal, a cortesia requintada do chinês no sorriso constante, nos sussurros, nos gestos miudos. A plumagem do espanador tomara uma consistência de lâmina. Pior que os espinhos.

Na comprida noite de inconsciência aquilo penetrava fundo numa chaga indeterminada que se alargava pelo corpo inteiro. Lúcia cortava-o lentamente com pedaços de algodão e murmurava em chinês, um chinês compreensível: "Coitadinho. Agora está pronto para outra". E recomeçava a tortura. Os instrumentos de algodão agitavam-se num vôo, chegavam de manso, operavam delicadamente, deslocando, serrando. Ao cabo de minutos Mário se achava dividido em cem pedaços. E os pedaços cresciam, tornavam-se Mários completos, em pouco tempo havia no quarto uma população de Mários.

— Onde é que Brandão vai acomodar tanta gente?

Tude se sumia. Os dedos de Lúcia, luminosos e sem cor, apagavam-se.

— Tire o termômetro, Brandão.

Esfregara os olhos, fizera um esforço desesperado para sentar-se. Recaira no travesseiro, zozno, os tímpanos lacerados pela voz aguda e odiosa. Tornara a esfregar as pálpebras doidas, percebera um vulto. As feições que lhe apareciam, nítidas, eram as de padre Xavier. Na igreja rica, iluminada com fartura, pingavam dos beiços delgados de padre Xavier conselhos prudentes, muito repisados: "E vós, senhora noiva . . ." A senhora noiva devia acompanhar o homem escolhido, atrelar-se a ele, grudar-se a ele, chateá-lo, importuná-lo, sempre, sempre.

Estava alí, indistinta, na meia-luz que a lâmpada espalhava no quarto. Últimamente ia-se desvanecendo. Mas escutara a palavra judiciosa de padre Xavier: "A esposa deve seguir o esposo". E estava alí.

— Veja o termômetro, Brandão.

Com certeza a moléstia ia agravar-se.

— Mas por que é que você não deixa essa criatura, filho de Deus?

— Ora deixar! Deixar! Que é de coragem? Você sabe lá que desgraça é o casamento, Brandão? Vivo agarrado à clientela e ao resto. O diabo. Aquilo é visgo, é esparadrapo. Uma peste. Brandão.

II

O médico de Alagoinha não atina com o diagnóstico, e em falta disto emprega um vocabulário sábio que lhe dá importância. Não manda que o enfermo se deite de costas, ordena que ele se ponha em decúbito dorsal — e o exame se valoriza. Com isso e com algumas re-

ceitas vagas, Mário se levantou. Ainda está fraco, não aguenta uma caminhada ao curral. À tardinha enfia os olhos pela janela, prega-os nos paus-d'arco que tingem de amarelo e roxo a mata escura, e treme, bate os dentes, agasalha o pescoço, esconde as mãos nos bolsos do pijama. É uma doencinha safada e pérfida que vai, vem, avança cautelosamente e esquiva-se, baixa a cabeça, tímida, quase a pedir desculpa. Doença pobre, doença de gente pobre, vagarosa e oblíqua. O médico de Alagoinha mexeu na memória, cochilou nos livros e não descobriu o nome dela. Tosse, uma tosse impertinente, seca, pigarreada.

— Um instante, dr. Mário. Isto é rápido. Amanhã o senhor poderá escrever algumas folhas no caderno. Tenha paciência, dr. Mário.

A tosse raspa delicadamente a garganta de Mário, despede-se, é substituída por uma dorzinha aguda que se instala no ombro esquerdo, um pouco abaixo do ombro esquerdo, por dentro.

Mário se assusta. Necessário voltar para a cidade, consultar um tisiólogo, fazer radiografias. O médico de Alagoinha tenta sossegá-lo. Para que radiografias? A humanidade passou muitos séculos, dezenas de séculos, milhares de séculos, sem radiografias. E passou bem.

— A dorzinha? Temos aqui um linimento. E combatemos a tosse com estas gotas. A semana vindoura o senhor estará completamente bom. Vinte pingos num copo d'água, dr. Mário.

— Alimente-se, beba leite pela manhã, ao pé da vaca. Não esqueça a ginástica.

Estes conselhos são dados por várias pessoas: o médico de Alagoinha, Lúcia, Brandão, d. Elisabeth, Glória.

Toda a gente afirma que o infeliz pode, se quiser, livrar-se dos achaques. Contudo os achaques nasceram com ele, foram isto, foram aquilo, traduziram-se em gritos, em desaforos, em confidências, em sonetos, resistiram às vaias do primeiro ano, na Academia, atravessaram o curso, foram arrumar-se, domesticados, no consultório do dr. Gomes. Agora tomavam esta forma: uma dorzinha teimosa no lado esquerdo, perto do ombro, calor nas mãos à tarde, fastio, tosse de quando em quando, suor. Já haviam tomado outra forma: aquele desejo imenso de agarrar Lúcia, acariciá-la, maguá-la, mordê-la. Desejo, propriamente, não.

— Posso desejar uma coisa pela manhã, à noite outra coisa. Posso desejar ao mesmo tempo várias coisas. Deter-me numa só atrapalha-me, inutiliza todos os desejos anteriores.

Amor? Esta palavra acanalhou-se. A mulher que lhe mandava cartas românticas, fotografias com dedicatórias ardentes, desapareceu. Desbotou a fisionomia dessa criatura, que falava demais em amor, papagueava demais. Restam pedaços de conversa, malucos, e os vestidos. Não há meio de juntar os pedaços de conversa, dar-lhes direção conveniente. Estão soltos, boiando. Em cima duma cadeira, à-toa, no chão, havia roupas, muitos panos misturados, de cheiro forte, excitante. Só a recordação do cheiro dá vontade de tossir.

Mário tosse, pensa nos dedos luminosos e sem cor. Que é que está sentindo? Não se conforma com aquela imprecisão. Necessita um nome, um nome que resuma tudo: insônias, tremores, exaltações, abatimentos. Julga às vezes que vai crescer muito, subir muito e voar. De-repente uma queda. Tudo se restringe, um céu baixo

curva-se ali perto, teto de catacumba riscado por vãos de urubús. A abóbada aperta-se, não há lugar para vãos. Afinal ficam apenas duas asas negras de urubú cobrindo-o. Um urubú ferido. A abóbada se mexe e grasna.

Se houvesse imobilidade, Mário poderia descansar, tomar as colheres de xarope, esfregar a espádua com pedaços de algodão embebidos no linimento. E voltaria aos arrazoados em língua arcaica, receberia novas cartas inflamadas.

Impossível retirar-se. Da mata escura, onde as manchas amarelas e roxas dos paus-d'arco esmorecem, sopra um vento agudo, feixe de pontas de alfinetes. Mário treme como um velho. Nos cantos da boca duas rugas cavaram-se. Deve ter perdido vários quilos. A vista escurece, mal distingue as cercas, as casas dos trabalhadores, as árvores. Analisa-se e não se reconhece. Trocaram Mário, o homem dos requerimentos e dos provarás, acostumado à rotina, à sentença, ao exame, à chateação conjugal. E à fraude, naturalmente. O jeito que tinha era colar nas provas porque não sabia nada, e enganar a mulher ranzinza. Um sujeito comum, possuidor de virtudes chinfrins. Hora certa para chegar em casa, dia certo para cumprir os deveres fixados por padre Xavier, momento certo para trastejar, libertar-se, beijar os seios da fotografia. Afinal essa libertação tornara-se um hábito, como os outros, uma escravidão, como as outras. E era tão desagradavel ouvir os provarás de d. Glória como despertar as roupas da fotografia. Difícil achar os botões e os colchetes, o tecido leve engrossava e pesava demais. Aquilo entrava nas conveniências. Insuportavel. O adjetivo besta e a dedicatória melada eram insuportaveis.

Mário se revolta contra isso tudo, é um bicho novo. Um bicho combalido. Vai morrer. Percebe a custo as nódoas amarelas dos paus-d'arco na mata negra.

— Mário, levante-se. Endireite esse espinhaço. Monte a cavalo, rapaz. Caia na água, dê umas braçadas no rio. Aprume-se, Mário.

É a voz do pai, desaparecido há muitos anos em Macururé. Mário desprezou o conselho amigo do velho, embrenhou-se na literatura das revistas, compôs versos, gaguejou discursos, entrou na academia, saiu da academia e acabou feito um cachorrinho de luxo, bem lavado e bem escovado, instrumento de carícias, objeto de mimos ou de pontapés, conforme as disposições da proprietária. Mudou a coleira e adoeceu. Necessário mexer-se, reagir. Infelizmente não pôde reagir. Esqueceu os mimos e os pontapés antigos, mas precisa receber novos mimos e novos pontapés. A dona escolhida torce o rosto. Essa indiferença envolve Mário, confunde-se com o frio que ele sente na carne. A carne arrepiase e treme, parece que os ossos estão gelados.

Seria bom dirigir o pensamento a outras mulheres, recordar os atos delas em horas de irresponsabilidade, imaginá-las despertando, recompondo-se, armando frases, empoando-se, pintando-se.

Tudo isso desmaiou na longa vertigem, as palavras doces e os gritos ásperos sumiram-se no zumbido contínuo, fusão de todos os rumores, presentes e passados.

A dedicatória da fotografia era extensa, numa letra redonda e caprichada, com dois solecismos e alguns erros de pontuação. Se se pudesse dividir, entregar-se aos solecismos, depois à conversa da moça dos solecismos, às amabilidades de d. Glória e aos repelões de d. Glória,

às enxaquecas de dr. Gomes e às malandragens dos constituintes, Mário seria quase feliz. Os sofrimentos se dispersariam. Impossível. Concentrou-se, reuniu os cacos da sua pessoa atropelada, sacudida, rebentada e incompleta, composição absurda. Por que não procede como o médico de Alagoinha? O médico de Alagoinha não vê no cliente um indivíduo: vê uma coleção de órgãos avariados. Ocupa-se ora de um, ora de outro, sem atentar no conjunto. Mário tenta adotar o processo do homem, esforça-se por isolar um sentimento, arranjar-lhe uma designação, decompô-lo, rotular as partes obtidas. Terá enfim uma grande quantidade de pequenos desgostos inofensivos. Trabalho inútil. A coisa dolorosa é indivisível. A combinação de peças incongruentes está contaminada. De-fato não há peças. Parece que Mário se derreteu num calor de fornalha, solidificou-se pouco a pouco. E o desejo, imenso, está em todo o corpo. Os olhos baços não avistam a serra azul, mas distinguem, na sombra que se adensa, o rosto de Lúcia, os pés miudos e saltitantes. Tremura nas mãos, e as mãos pedem calor das mãos de Lúcia. O frio aumenta, sobe, erriça-lhe os cabelos. Os cabelos exigem a carícia dos dedos de Lúcia, finos e sem cor.

III

Está só, numa espessa neblina que oculta as pessoas. Dessa treva saem vozes amáveis, convencionais e destituídas de senso. Murmura agradecimentos vagos, muito longe dali:

— Obrigado. Não se incomode, Glorinha. Deixe, Brandão. Está bem. Não vale a pena.

Sobressalta-se às vezes, supondo que largou disparates. Agita alarmado a carcaça morrinhenta, morde os beiços, tenta dominar a desordem interior, subjugar as idéias, encaminhá-las a uma palestra regular.

Acham todos que ele tem melhor aparência que na véspera. Levanta os ombros, e o espinho fura-o por baixo da espádua, à esquerda. Sorri vexado. Já nem sabe que há-de responder à mentira piedosa, sempre repetida. Por que julgam que a consolação chocha tem valor? Não lhe interessa melhorar. Para que? Contem-se. Impossível mostrar-se um doente ranzinza que deita fora os remédios e engulha pensando na vida.

— Que maçada, Brandão!

Felizmente a maçada vai durar pouco. Brandão, imenso, revela uma bondade imensa. Quer tapar-lhe a boca, ameaça-o com o dedo grosso, que poderia derrubá-lo:

— Bobagem. Esteja quieto.

E procura confortá-lo narrando-lhe macacoas que também sente:

— É o diabo, menino. Você vê este corpão duro, com muito osso por dentro e muito calo por fora, e nem adivinha. Deu cupim nele, está tudo bichado. Mergulho qualquer dia. Mas enquanto não mergulho, vou remando. É o coração. Bobagem. Não vale a pena a gente amolar-se. Um homem tem esses troços escangalhados e, com os poderes de Deus, vai a cem anos, caduca.

Estende-se em considerações meio otimistas, meio pessimistas, chega quase a prometer que morrerá logo.

Mário não desprega do rosto o sorriso murcho. Enxerga na sombra a figura volumosa, que move os braços como se estivesse nadando. Pensa em São Cristovão.

São Cristovão devia ser um tipo assim. Ou seria melhor que Brandão? Não era, provavelmente. Se para o futuro resolvessem elevar Brandão, torná-lo uma espécie de São Cristovão, não haveria mal nenhum. Catariam dele alguns defeitos, reforçar-lhe-iam as virtudes — e o amigo se converteria em São Brandão. Nome feio, por causa da rima.

— São Brandão, São Pedro Brandão, São Pedro Brandão é melhor, a-pesar-dos rr.

Envereda por maluqueiras deste gênero, em poucos minutos está no mundo da lua, completamente alheio ao dono da casa, a Glorinha. Como Glorinha mudou? Não lhe distingue bem a cara, mas nota que os movimentos dela são vagarosos. A voz tomou inflexões desconhecidas. É uma voz quebrada, soluçada, quente. As notas agudas desapareceram. Mário espanta-se, enruga a testa, dirige uma pergunta aos paus-d'arco, à serra. O soluço harmonioso escorrega-lhe nos ouvidos. Onde percebeu um ruído como aquele? Afastou-se a possibilidade de virem pontas duras ferir-lhe os tímpanos. O vulto de Glorinha acomoda-se aos pés da cama. Está alí com modos de gata enroscada, miando suavemente. Os miados enchem o quarto, espasmódicos. Será que Glorinha está necessitada em demasia? Não poderá ter um pouco de paciência? Os deveres matrimoniais e os conselhos impertinentes de padre Xavier são azedos, vinagre puro.

— Glorinha devia... Padre Xavier devia...

Por que junta Glorinha a padre Xavier? Que é que Glorinha devia fazer? Que é que padre Xavier devia fazer? Bem. Refletindo, acha que padre Xavier não precisava martelar naqueles chavões. "É vós, senhora

noiva..." Onde tinha padre Xavier ouvido um cristão usar a segunda pessoa do plural? Quanto a Glorinha... Sim, realmente ela se excedia. Ia pegando trinta anos e aquilo destoava. Uma cantilena, um enroscamento.

— Pense no pecado, Glorinha. Baixe o fogo.

É um solilóquio imperceptível. Não se arrisca a manifestar-se em voz alta: isto exigiria grande esforço; implicaria uma confissão de impotência, pelo menos parcial; restabeleceria talvez a Glorinha antiga, áspera como lixa. Sacode a cabeça e não consegue afastar lembranças lastimosas, frases mofinas.

— Deixe, Glorinha. Para que isso? Para que essa brutalidade? A gente morre, leva o diabo, e os que ficam nem pensam em tantos desconchavos. Um sacrifício, Glorinha. Endireite-se.

Encolhia-se, medroso. Necessário retirar-se, bancar cigano, correr mundo, como Brandão. Que é de coragem? Estava ligado.

— Esparadrapo. Miséria.

Provisoriamente Glorinha se chegava à razão e abrandava. Uma fera cordata, a gentileza duvidosa rebentando às vezes, explodindo em fúrias logo sufocadas, em gritinhos nervosos que findavam em risos corciantes.

Dr. Gomes tinha aquela delicadeza superficial. Quando Mário, bacharel atrasado, cometia uma burrice grossa no consultório, dr. Gomes chamava-o, explicava-lhe docemente que havia um erro. Agitava a mão gorda, dava piparotes no erro. Insignificância. Mário se congelava, mas dr. Gomes fazia-se miudinho e prolongava a tortura, cravando-lhe sorrisos envenenados.

— Em última análise...

Dr. Gomes gostava da última análise. E acusava-se. Em última análise a culpa era dele, que tinha esquecido... Conversa. Não esquecia nada.

— Compreende?

Mário dizia besteiras, aflito. Nunca seria capaz de fazer aquilo, de maltratar os filhos de Deus empurrando-lhes no juízo textos e fórmulas.

Glorinha não dispunha de textos nem dispunha de fórmulas. Utilizava outras armas: as peles, a consideração, os perfumes, o chá, o teatro, o baile, os desejos dos homens. Firme, honesta, respeitava a opinião de padre Xavier. Amolecia, fechava os olhos, gemia. Depois levantava o espinhaço e era uma senhora perfeita, viva, atenta às conveniências.

Agora está alí caída, enrolando-se.

— Glorinha, pense no dr. Gomes. Contenha-se, Glorinha.

Glorinha mia como gata exigente. Quem é que ela chama? Para quem serão aqueles miados?

IV

Precisou mandar comprar pijamas. Meia dúzia de pijamas novos, e isto não basta. A lavadeira vem buscar roupa todos os dias. Um horror. É o suor, aquele suor frio, viscoso, nojento. Parece que tem na pele bichos molles decompondo-se. Toma a roupa da lavadeira e deixa-a em cima da cama. Não vale a pena guardá-la. Tranca a porta, despe-se, fica meia hora esfregando-se pacientemente com uma toalha. Difícil enxugar-se. Pode contar agora as costelas. Não as vê bem por causa do amaldiçoado nevoeiro, mas com os dedos consegue descobri-las, as verdadeiras e as falsas, quase expostas.

Passa a toalha sobre a gelatina que as reveste. Secaram. Evidentemente secaram. Esfrega as coxas e os braços. Antes de findar esta operação, sente coceiras no peito. Os bichos miudos, as lesmas, escorregam de novo entre as costelas. Fricciona-se. O coração bate descompassado. Vai dissolver-se, atravessar os buracinhos imperceptíveis, pingar no soalho. As fricções apenas servem para aumentar a transudação. Modera-se, trata as costelas delicadamente, afaga-as de-vagar com o pano. Chi! Como estão finas! Para que uns ossos tão finos? Tenta pensar em coisas afastadas. Quem sabe se, desviando o pensamento, não se livrará daquilo? Brandão viajou no Pacífico. Enorme o Pacífico. Por que foi que Brandão viajou no Pacífico? Exquisito. Dr. Gomes é um sujeito sisudo, nunca se viu tanta circunspeção. Ninguém se comportaria levemente na presença de dr. Gomes. Gravidade sólida. Muitas dívidas acumuladas, contas do alfaiate, da modista, prestações de várias espécies, um inferno. Dívidas dele, de Glória, dívidas que nunca se acabavam, um fervilhar de credores. Desapareciam uns, vinham outros. Paciência. Estavam na ordem natural das coisas. Não podia ser de outro modo. O relógio de pulso, um bonito relógio de platina com brilhantes, em atraso. Atraso no pagamento das letras. Que horas são? Chega-se ao criado-mudo, encosta o nariz ao vidro do despertador. Provavelmente faz uns cinco minutos que sonda o Pacífico, dr. Gomes e as dívidas. Jura que o suor estancou. Suspende os movimentos vagarosos da toalha, apalpa-se, desanima sentindo nos dedos a friagem nauseabunda. Não há meio de extinguir o corrimento pegajoso. Trabalho perdido. Veste-se praguejando, com vontade de

chorar. Algumas horas depois, quando tiver usado todos os panos que se amontoam nos pés da cama, voltará a servir-se deles. Insuficientes os pijamas. Lava as mãos diversas vezes, mas agora tem repugnância de enxugá-las na toalha úmida: utiliza uma ponta da coberta. Senta-se à mesa fatigado, abre a gaveta, retira o caderno onde há mais de um mês lança coisas absurdas e comprometedoras. Imprudência deixar semelhantes confissões na gaveta, sobre a mesa, pelos cantos, ao alcance de vistas indiscretas. É conveniente escondê-las no fundo da mala, por baixo de meias e lenços. Se Brandão lesse aquelas páginas cheias de loucuras, ficaria espantado. Necessário precaver-se. Pisca os olhos, arregala-os. Entre as linhas pálidas, trêmulas, do manuscrito dansam nuvens amarelas. Põe-se a escrever desordenadamente. Cansado. Tomará precauções no dia seguinte. A mão vai deixando no papel nódoas escuras, onde a tinta se espalha. Só consegue escrever pondo a munheca em cima dum mata-borrão grosso, que logo se empapa e é coberto por outro. Em pouco tempo há na mesa uma pilha de mata-borrões ensopados. Quando a folha estiver seca, será preciso avivar as letras, completamente ilegíveis em diversos pontos. A caneta resvala nos dedos. Que fadiga! A espinha verga, o antebraço esquerdo firma-se na coxa. Fuga de idéias, vertigem. As calças grudam-se às pernas, as mangas do casaco aderem aos braços, a horrível multidão de bichos formiga no corpo inteiro. Levanta-se, vai deitar ao sol o caderno lambusado e os mata-borrões, no parapeito da janela. O assento e o encosto da cadeira têm duas manchas negras. Muda a roupa novamente, num desespero. Não pode conservar-se em pé nem sentado. A febrezinha impor-

tuna vem chegando, os queixos entram a bater. E o contacto dos chinelos é insuportavel. Os chinelos estão encharcados, os pés mergulham em duas poças frias. Oculta os papéis de-baixo do travesseiro, estira-se na cama, enrola-se, treme, olhando a janela, o céu vermelho, a mata, as luzes que surgem nas casas dos trabalhadores. Durante a noite imensa o banho permanente é um suplício. Não poderá dormir. Se não fosse aquela obsessão, talvez achasse meio de repousar entre os lençóis molhados.

V

Páginas do caderno de Mário:

"Brandão é um vagabundo, sempre teve aquela mania de correr terra. Será desejo de observar, instruir-se, ou será impossibilidade de estar quieto? Visita-me duas vezes por dia, fica de cada vez meia hora, vinte minutos, a passear duma parede a outra.

Conta histórias de Samoa, quase tudo incompleto e rápido. Que sabe ele de Samoa? Saltou num porto, deu algumas voltas, viu a paisagem, as roupas dos habitantes e o mercado. Embarcou e foi desembarcar em outra ilha, ver novos mercados, novas paisagens, novos trajos. Se Brandão tivesse curiosidade, teria permanecido num lugar, numa rua, numa casa, estudando com paciência as pessoas e coisas. Não tem. Uma longa fita cinematográfica desenrolou-se diante dele e não o comoveu: deixou vestígios inúteis, farrapos descozidos pitorescos — tacape de antropófago num museu, tanga de selvagem na cintura duma dansarina de café-concerto.

Não tem curiosidade. Ontem à tarde, enquanto falava de Samoa, interrompeu a caminhada, parou junto à mesa, pegou o caderno. Pôs-se a folheá-lo — e a

frieza das minhas mãos aumentou. Que imprudência, pai do céu! Vou destruir esta porcaria. Foi um tormento. Brandão virava as folhas, descrevendo as moças de Samoa. Acho que leu algumas linhas, distraído. Soltou o caderno em cima da mesa, aberto. E despediu-se, normal, com a mesma voz, as mesmas palavras de todos os dias:

— Isso vai bem. A semana vindoura estaremos andando a cavalo, se até lá o meu coração encrocado não fizer uma safadeza.

Homem extraordinário. Contudo recalcou as suas tendências de nômade, obteve uma segunda natureza e retraiu-se, como tatú, neste buraco agreste. Será que se retraiu? Veio-me a idéia de que Brandão continua na vagabundagem. Apenas, em vez de arriscar-se a fadigas e naufrágios, guardou em casa um resumo do mundo que percorreu. Ainda o percorre. Provavelmente há em Lúcia quimonos e pagodes, coqueiros, bananeiras, cravo, canela e pimenta, bazares, mesquitas e turbantes, malaguenhas e castanholas, tudo combinado com figurinos de Nova-Iorque. As viagens de Brandão não foram interrompidas. Mas Brandão é isento de curiosidade. Será que ele percebe realmente quimonos e pagodes, bazares e turbantes, malaguenhas e castanholas, figurinos e especiarias?"

"A transformação de Glória avulta. A princípio era aquela moleza enroscada aos pés da cama, trouxa macia donde vinham olhares ternos e tremuras suaves da fala. Pouco a pouco mudou, foi-se tornando agitada e sombria. Larga palavras contraditórias, emudece, perturba-se. Recobra a aspereza antiga, a soberbia, o despotismo; humilha-se de repente, parece que vai ajoe-

lhar-se, pedir perdão às criaturas ofendidas. Deixou de vir aqui ao quarto de manhã e de tarde, quando Brandão faz a visita. Aparece inesperadamente, ou não aparece. Depois duma ausência comprida, afeta desvelo excessivo, ataranta-se, faz perguntas à-toa, repete-as, procura em redor uma ocupação e só lhe ocorre meter-me o termômetro no sovaco. Tenho desejo de repelir o cuidado único. Trinta e sete e meio. Trinta e oito. Baixou, trinta e sete. Chateação. Mas conservo o termômetro de-baixo do braço, escuto a voz quebrada e lenta. Acabou-se. Livro-me do antipático objeto. Glória fica em pé diante de mim, espiando a coluna. Que diabo estará ela vendo no mercúrio? Vai, vem, faz observações descabidas, retira-se, ao cabo de minutos abre a porta de novo, põe sobre a mesa o tubo de vidro, que levou por inadvertência.

Hoje procedeu de maneira diferente, e foi isto que me provocou a suspeita. Examinou, como de costume, a coluna de mercúrio, absorta. Via-se bem que procurava alí, não a temperatura do meu sangue, mas qualquer coisa existente no interior dela. Certamente não achou o que buscava. Pregou os olhos na parede e notou, desanimada, que faltavam pijamas. Contrariando os seus novos hábitos, foi sentar-se na mala, junto ao monte de pijamas que a lavadeira tinha trazido pouco antes. Houve um longo silêncio. E, aqui sentado à mesa, abrí o caderno, como se estivesse inteiramente só. Nunca me havia sido possível, até aquele momento, escrever na presença de Glória. Sempre me fez medo. Não nasceu talvez para inspirar medo. Ligando-se, porem, a um indivíduo temeroso do pai, do professor, do examinador, do chefe, substituiu essas autoridades. Inchou demais, tratou-me

com altivez e algum desprezo. Surgindo sem ser esperada, causava-me sobressaltos.

Pois hoje escreví algumas linhas. Em seguida acendi um cigarro. O médico de Alagoinha proibiu-me o cigarro, mas ainda não me resolví a obedecer. Tanta ordem! É necessário que, pelo menos uma vez, o cidadão tenha um pouco de independência. Fumo, às escondidas, é claro, porque não tenciono discutir com o médico de Alagoinha. Também um cigarro de quando em quando não me prejudica. O homem é um animal que tem vícios, não é verdade? Repisei esta frase besta, soprando a fumaça. Baixei a vista, percebi num canto a figura de Glória, encolhida em cima da mala. Não experimentei o estremecimento ordinário, de-fato nem tive consciência de que se achava alí a pessoa que me torturava. Imovel. Súbitamente o peito se elevou, um ruidoso suspiro normalizou a respiração. Sentí uma alegria ruim. Que desastre! Glória, Maria da Glória, filha legítima do dr. Gomes, aniquilada, sucumbida na mala de viagem. Tão miuda! A satisfação cruel misturou-se a uma estranha piedade. Quis levantar-me, consolar a pobre mulher:

— Glorinha, que é que você tem?

Contive-me, hesitante. Nem alegria má nem piedade: o que agora havia era desconfiança, a impressão de que me espoliavam. Agarrei o maço de cigarros, encheu-me um ódio insensato ao médico de Alagoinha.

— Que estupidez!

Agitei a cabeça, esfreguei as mãos, constrangido. Ridícula a pessoa que se agachava alí perto, suspirando, segurando um termômetro. Supús de-chofre que ridículo era eu. Mas então... Erguí-me, fui à janela,

plantei com força os cotovelos no parapeito. Uma desgraça pode ser ridícula? Tantas desgraças juntas podem ser ridículas? Não me seria possível dizer quais eram as desgraças, mas certamente elas existiam. Desgraças muito sérias. Minhas e de Glória. Por que haveria eu de julgar que eram apenas minhas? Eu me atormentava em excesso ouvindo aqueles destemperos. Ela se atormentava destemperando, provavelmente. Nenhum meio de nos entendermos. O que me afligia era ser maltratado daquele modo. Queria escolher outros maus tratos.

— Que estupidez!

Tão diferentes! Padre Xavier juntara criaturas diferentes e não consentia que elas se separassem.

— Padre Xavier, o senhor não sabe o que está dizendo. O senhor nunca se casou, é um ignorante, padre Xavier. Estão aqui dois bichos inconciliáveis, padre Xavier. Seremos da mesma espécie ou seremos híbridos fecundos, idiotamente fecundos, que se atraem e se repelem? O senhor está fora da gaiola, desamarrado e de batina, livre. Um santo. Como não? O senhor é um santo, padre Xavier. Deixe de modéstia. Tem a sua santidade estabelecida. Infelizmente nós não somos santos. Eu, Mário de tal, nascido em Macururé, e d. Maria da Glória, filha do dr. Gomes, o advogado famoso que o senhor conhece, não somos santos. Somos bichos e não nos compreendemos quando nos metem na gaiola".

"Lúcia:

Tudo quanto escreví ali em cima é pedantismo e maluqueira. Não entendo de espécies nem de híbridos, Lúcia. Sou um pobre homem roído por dentro, meio

morto. Ouví esses disparates numa lição, guardei pedaços na memória. Talvez o professor não soubesse direito o que estava ensinando. Não há espécies, não há nada, Lúcia. O que há é um sofrimento, um horrível sofrimento. Posso dizer tudo aquí: ninguém lerá estas folhas machucadas e molhadas. Vou queimá-las. É. Vou queimá-las. Estou pensando nessa mancha que você tem na unha do polegar direito. Direito ou esquerdo? Direito, acho que é direito. Tenho pensado nisto muitas vezes. Não é o direito? A minha mão ferida estava em cima do seu joelho. Que lembrança, meu Deus! Era o polegar direito. Mancha escura na unha. E eu aquí falando em animais duros, coléricos. Perdoe, Lúcia. Você não tem nada com isto. Você nasceu longe, está longe, é fragil, quase sem ossos. É maravilha de seda, impalpavel. Impalpavel. Impalpavel. Por que não voa e não desaparece, Lúcia? Por que não me deixa em paz, rastejando, um tatú? Um tatú sabido. Não, um tatú besta e presunçoso. Lúcia, você está imóvel, pequenina e luminosa, no alto da montanha sagrada. E os tatús voaram. Voaram e caíram. Lúcia, veja esta desgraça, veja estes membros torcidos na agonia. Tenna compaixão desta miséria, Lúcia. Desça da montanha, Lúcia, Lúcia, Lúcia."

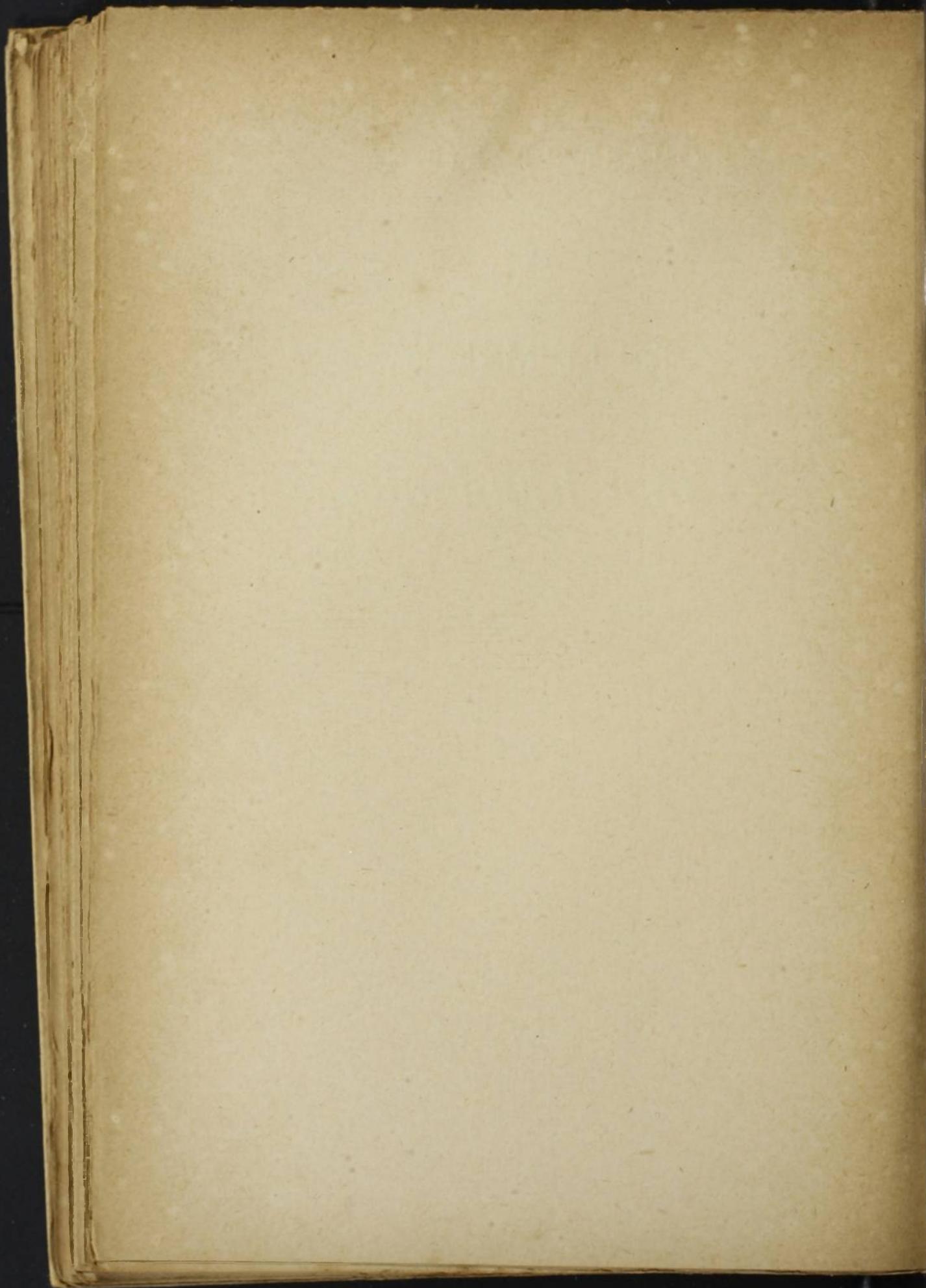
"Não escondí este caderno, como tinha prometido a mim mesmo, e Brandão tornou a folheá-lo. O meu desejo, enquanto ele virava as páginas, desatento, era morrer. Explicar-me em poucas palavras e acabar depressa. Perfeitamente. Bom que Brandão soltasse o caderno e me introduzisse um punhal entre as costelas.

— Chegue, Brandão, fure. Não tenho medo, agora não tenho medo, sou um sujeito de coragem. Pensa que vou ficar aquí tremendo, com os olhos esbugalhados, pedindo misericórdia? Não vou. Mate logo. Não quero é morrer assim, cheio de ruindades. Um peso imenso, Brandão. Preciso aliviar-me, converter-me em criança, pular na areia de pés descalços, ver os balões coloridos voarem no céu em noites de São João. Aquecer-me a fogueiras humildes em noites de São João, esquentar estas mãos trêmulas e molhadas. Depois, depois... Voarei como um balão. Quando retirarem desta imundície todo o sangue ruim. Trinta e sete e meio, trinta e oito, trinta e sete e meio. Meu Deus, como é doloroso! Ficarei leve e subirei, balão colorido em noite de São João. Irei cair longe, muito longe, e não me lembrarei disto. Serei outra coisa, outras coisas, livres disto".

QUARTA PARTE

Anibal M. Machado

O mar triunfante



PASSARAM-SE semanas. A tristeza que ia aos poucos invadindo Brandão não provinha apenas da presença de estranhos — Mário, febril, amalucado, Glorinha cada vez mais inconveniente — que envenenavam a atmosfera tranquila de Pau-d'Arco; nem da lesão cardíaca: seu coração, segundo a previsão médica, devia estourar precisamente seis meses depois da consulta, como uma bomba de relógio.

A tristeza de Brandão provinha principalmente de sua decepção com a companheira. Não compreendia, não podia compreender a transformação dela.

Lúcia nascera para ele no momento em que a tirara das águas. Daí para trás, quem sabia de seu passado? Nem ela mesma lho dissera nunca. Parecia que propositadamente, para estar sempre "vestida" de mulher misteriosa.

Estaria apontando na Lúcia de agora a desconhecida de outrora, anterior ao naufrágio? A Lúcia de raízes na Ásia e coração não se sabe onde? Será que a verdadeira é a "outra", a que hoje se mostra tão fria, tão estranha? E esses meses de doçura, as promessas, o desejo de ter uma criança?

Brandão não compreendia... Essa dúvida rasgava uma brecha na alma do velho marinheiro. No fundo dessa brecha, e pela primeira vez depois que chegou a Pau-d'Arco, insinuava-se a imagem do mar, luminosa e murmurante. Como se fosse um primeiro chamado a que ele não queria atender.

Que força desconhecida estaria agora arrebatando de suas mãos a mulher que tirara das águas? Pois era evidente que Lúcia se estava distanciando. Como pode a criatura humana mudar tanto e tão de-pressa! Influência de Glória? Presença funesta de Mário?

Brandão nunca se inquietava quando as coisas se lhe apresentavam confusas; agia com rapidez, por instinto. Na ação, não dava tempo ao seu espírito de formular e resolver os problemas da vida. Mas a transformação inesperada de Lúcia deixava-o atordoado. — "Nem o mar é assim, nem o mar!"

Seria ela uma simples aventureira? Estaria apenas no começo de uma vida, da qual ele, Brandão, com o exílio em Pau-d'Arco, já chegara ao termo?

Talvez houvesse simplesmente terminado para Lúcia o prazo da sua aventura com o velho marinheiro.

Essa conjetura amarga produziu no rude homem uma sensação de abismo. Não podia ir mais longe o seu pensamento. Até então, **sentia** apenas a sua companheira, vivendo com ela; agora, tinha necessidade de **explicá-la**, e era como se estivesse destruindo o seu amor. Nunca fizera isso: as mulheres que possuiu nos portos, jamais tentou decifrá-las. Nem elas tinham maiores segredos.

Tudo dantes inspirava confiança e parecia admirável: a alegria, a fazenda progredindo, o gado se crian-

do, as árvores dando frutos e até a passarada cantando como nunca. Como é que de repente começava a dar água em seu navio? Como pode uma companheira tornar-se súbitamente desconhecida?

Acabrunhava-se com essas interrogações que a si mesmo se fazia.

D. Elisabeth, às vezes lhe falava: — Não és o mesmo, meu filho.

— Sou sempre o mesmo, respondia-lhe Brandão — e depois de cismar algum tempo: a vida é que não está sendo a mesma para mim. Houve um equívoco. Chegou à janela; um rebanho levantava poeira na estrada: — "Um enorme equívoco". Passou a mão pela cabeça: — "Hum, hum!" . . .

A luz de alegria que clareava sempre o seu rosto, desapareceu. Ficara a máscara vincada de rugas de um homem desapontado diante da maior decepção de sua vida.

II

O luar, se iluminava bem os caminhos da várzea, não ajudava a ver o lado da mata que ficava numa faixa de sombra. É de lá que D. Elisabeth, aflita, na varanda, esperava ver chegar o filho retardado. Não podia ser ele o vulto branco que surgiu: um fantasma que, logo após, reapareceu mais perto, com jeito de quem claudica no andar, para sumir-se de novo na brenha. Pouco depois, era alguém que se aproximava e abria o portão:

— Sozinha assim pela noite, Glorinha?

A mulher de Mário se assusta, e responde, embaraçada, que sempre tivera esse hábito; não podia ver

lunar sem que lhe viesse uma vontade louca de sair, de andar sozinha, de gritar para as montanhas... E desanda a caminhar, a caminhar... Sem saber para onde... Como uma autômata. Às vezes, chegava até a chorar.

— Sempre fui assim, d. Elisabeth. Está mesmo uma maravilha a noite de hoje, não acha? Sobe-me uma coisa aquí no peito. Dá até vontade de a gente morrer...

D. Elisabeth respondera que só precisava do luar aquele momento para ver se distinguia o seu filho que ainda não chegara para o jantar e já era tão tarde.

— Uai! Não chegou ainda? exclamou Glorinha, a voz alterada e desviando o corpo da luz que vinha de dentro, receiosa de que a velha notasse os seus olhos vermelhos de chorar, o seu vestido sujo de terra. Desceu os degraus da varanda, entrou pelos fundos para não ser vista.

Brandão não vinha longe. Ao avistar a fazenda do alto da colina, deu-lhe uma vontade súbita de não entrar. Nove horas da noite. Sua mãe devia estar preocupada. A boa velhinha. Durante dez anos a abandonara pela aventura do mundo.

Pau-d'Arco lhe parecia calma ao longe, guardada pelos espetros dos antigos moradores. Nenhuma viração. Parado o moinho de vento. Apenas o luar batendo nas paredes brancas, lunar sem força para vencer a sombra das mangueiras. E aquela farinha translúcida de neblina a subir lentamente do chão da várzea.

Que estará havendo de-baixo daqueles telhados? — imaginava Brandão, freiando o cavalo. Tudo tão tranquilo por fora. Mas por dentro, que inferno! Mistura de gente estranha. Um padre; um preto de macumba;

um maluco; uma mulher desgovernada; sua pobre mãe sem nada entender; Lúcia, hostil e muda de repente!... Ah, se isso é viver tranquilo. E ainda estava por chegar mais gente... Quem virá mais? Tudo será metido lá dentro. E a confusão vai aumentar. — "Aquilo lá será mesmo Pau-d'Arco, refúgio de minha vida?"

Virou o cavalo. Foi seguindo pela estrada que ia dar na Grotta do Azulão. Antes fosse dar no mar, pensou; no mar que já o libertara uma vez da vida aborrecida de outrora.

Enquanto o cavalo trotava, começou a considerar o que lhe estava acontecendo. Persistia-lhe ainda no braço o ardor das garras de Glorinha, e, nos ouvidos, o som rouco de seus apelos — apelos de uma mulher desvairada. Chegara a empurrá-la, com asco a princípio, depois com dó, quando a vira caída na relva. Ela segurava as rédeas do animal para que Brandão não partisse.

Como soluçava a pobre mulherzinha, largada na estrada, a cabeça loura brilhando na luz noturna. Devia ter sido menos cruel, podia tê-la conduzido até perto da fazenda. Houve um momento em que chegou a desejá-la.

Parado agora diante do moinho, Brandão cismava no seu destino. O rumor das pedras triturando milho e o barulho das águas se escapando, abriram-lhe na memória recordações de um passado recente. Afinal, por que foi abandonar a vida do mar? — perguntava-se a si mesmo, oprimido pela própria interrogação que não quisera formular nunca. Por uma mulher, por uma ilusão...

Lá, na moldura das águas, Lúcia parecia-lhe de-fato um achado maravilhoso, uma coisa sem nome, ser irreal que houvesse surgido do fundo das águas. Recebera-a co-

mo um presente do mar. Guardava ainda a impressão de sua palidez, a impassibilidade com que se resignava à morte, a roupa molhada colada a um corpo desesperadamente branco e fragil que se entremostrava a cada momento. E quando ela abriu para ele os olhos, sentiu que era sua futura mulher quem lhe estava sorrindo. Fora tão forte o sortilégio na tensão da catástrofe, que chegara a ver no corpezinho palpitante da moça a forma de uma sereia que se agitava na brancura da praia, com reflexos de escama. Pois havia nela uma cauda de peixe, oh! havia...

Começara nesse momento a nova fase de sua vida. Largou o mar. Só agora começava a ver que, fora dele, sem a conivência das águas, Lúcia não existia. Metida em Pau-d'Arco, desaparecia o seu mistério, o prestígio dela perdia o encantamento. — "Com certeza, há-de estar pensando o mesmo de mim, — refletiu. Foi uma ilusão de nós dois".

Por que fosse insensível, parecia misteriosa; e o que nela era apatia dava a impressão de doçura.

— Antes devolvê-la à aventura do mundo, exclamou. Na verdade, ela nunca fora do mar. Apenas uma passageira ocasional, transfigurada poéticamente pelas circunstâncias em que fora encontrada.

Por que então aquele ar de mistério, sem querer explicar a sua vida? Por que continua enigmática diante dele, Brandão, tão direto, tão simples? Propositadamente, com certeza. Esfinge por atitude, como certas mulheres requestadas nos salões mundanos.

A vaga referência a um tio estabelecido com loja de antiquilhas em Singapura; a outro que fora executado por ocasião de um golpe militar em Tóquio, e a um ante-

passado que, partindo do Ceará, enriquecera nos seringaais no Amazonas para morrer depois de febre em Paris, — tudo isso, contado de uma maneira reticente e fragmentária, — ao invés de tornar maior o mistério da moça denunciava nela um jogo calculado. Talvez se tratasse mesmo de uma esfinge sem segredo, já que de misterioso ela só parecia ter aquele rosto de máscara de cera e aquele olhar oblíquo que transtornaram também a cabeça de Mário. E não era só o desinteresse de Lúcia pelas coisas da fazenda o que revoltava Brandão ("Este mesmo moinho, algum dia ela veio visitá-lo? Nunca"); era a sua indiferença por tudo. Que lhe importava a tragédia do mundo? Milhões de criaturas morrendo, lutando, tinham algum sentido para ela? A que leis secretas estaria obedecendo agora a companheira? A lei do amor?

A displicência de Lúcia respondia que não.

Assim ia Brandão acumulando no pensamento as razões contra a mulher que trouxera para ali, enquanto o ardor no braço ainda lhe recordava a cena de há pouco com a mulher do seu amigo.

Dez horas. Montou no cavalo e partiu.

A nuvem branca que envolvia o moinho encaminhava-se agora para o rumo de Pau-d'Arco. Será que Glorinha ainda está caída pela estrada? Olhou para trás.

As massas de montanhas já se haviam fundido numa só espessura luminosa. Tudo lhe parecia fantasmagórico.

Uma coluna imensa de garoa avançava como um oceano de espumas. Miragem de antigo marinheiro... Parecia que o mar vinha atrás para recuperá-lo.

III

Quando as botas do filho ressoaram na varanda, a velha acordou de um salto, deixando cair o rosário.

— Estão todos aí, mãe?

— Tão tarde, Pedro! Tão tarde...

Brandão procurava distinguir através da vidraça as figuras que enchiam a sala. A batina do padre aparecia pela metade; perto dela os sapatões de pai Leandro (pelo jeito parecia que conversavam); à frente, numa "chaise-longue", Mário, de pijama, com as mãos presas às de Lúcia; esta, com o ar indiferente de quem nunca sabe do que se passa com suas mãos; debruçada sobre a mesa, Glorinha folheava uma revista e era como a criatura mais inocente deste mundo.

D. Elisabeth, a-pesar-da penumbra, leu no rosto do filho o aborrecimento e a revolta contidos. Brandão espiava. — Um pouco de paciência, Pedro. São hóspedes... Entra. Vou te servir o jantar.

Entrou. Como o único estranho na sua própria casa. Glorinha que fingia ler a revista, ruminava a sua própria humilhação. Teve um ligeiro estremecimento. Só Brandão o teria percebido.

D. Elisabeth, desde a véspera, já havia arrumado o quarto para o macumbeiro. Ao padre reservara um aposento melhor no fundo do corredor. O padre fora mandado pelo juriconsulto, numa tentativa de influir na alma conturbada de sua filha. O pai de santo viera a chamado da própria Glorinha para ajudá-la na sua paixão cega pelo marido de Lúcia. Foi por intermédio de Joana, a costureira, que conseguira comunicar-se com

ele. Degradação de Glorinha: pai Leandro ia abrir-lhe agora o mundo tenebroso de Xangô.

A alma dela estava sendo disputada pelos dois gênios opostos, encarnados, um, no padre Xavier, e outro, no pai de santo. De momento, o padre representava para Glorinha o que lhe parecia mais odioso: — a virtude, a razão, a monotonia; enquanto, de outro lado, pai Leandro lhe prometia a força do pecado, o triunfo no amor, a aventura. Um era a imagem da pureza que não convinha à mulher de Mário; o outro, a da luxúria negra.

Já ambos durante o dia haviam trabalhado na alma da mulher do bacharel. O ato de Glorinha, saindo pela mata à noite para encontrar-se com Brandão, era já uma vitória do macumbeiro. Entretanto, o ministro de Deus e o agente de Ogum procuravam medir as forças antes, numa tentativa de apurar quem seria o piloto da alma de Glorinha. E a discussão entre os dois continuava na varanda onde se isolaram em conferência. A quem os observasse de longe, parecia que se entendiam, tanto se confundiam numa só, a fumaça que se levantava do cachimbo do pai de santo e a que se desprendia do charuto do vigário. De repente, padre Xavier levantou-se horrorizado e foi trancar-se no quarto. Glorinha aproveitou para conversar mais à vontade com pai Leandro.

Estava torturada como nunca, dissera ao crioulo; e humilhada. Brandão lhe demonstrara certo interesse a princípio; entretanto, nunca se sentia tão miserável, nem rastejara tanto, ao suplicar o amor do homem que a desprezara. Odiava Brandão agora, tinha nojo de seu marido, estava cansada de seu pai, esquecia-se das crianças, não queria nem ver padre Xavier. Anres não

tivesse nascido. Soluçava num lenço de cambraia, baixinho.

— Dá um jeito, pai Leandro, dá um jeito...

O preto começou a articular umas palavras misteriosas na língua nagô.

Glorinha sentiu voltar-lhe a calma sob a forma de um torpor que lhe subia pelas pernas e lhe ganhava todo o corpo.

O preto ficou, assim, longo tempo adormecendo a louca.

A garoa que vinha vindo de leste, dos lados da Grotta, envolveu a fazenda.

Brandão, o único na enorme sala, colava o ouvido ao rádio, menos por ficar mais perto dos acontecimentos do mundo do que para se distrair da insuportável atmosfera de Pau-d'Arco.

IV

Na manhã seguinte chegou a "jardineira" que parte da última estação, a doze quilômetros atrás e prossegue na viagem para o interior, levando as malas do correio e gente que emigra para São Paulo.

O padre Xavier, no curral, recusa-se a tomar o leite cru da mesma vaca da qual se tinha servido pai Leandro. Nem se deram bom dia àquela manhã.

As páginas do caderno de Mário, não se sabe como, talvez porque o vento as dispersasse da mesinha de cabeceira de seu quarto, vieram para fora, adejaram sobre os campos.

Algumas folhas pousaram aqui e ali no caminho por onde transitava o gado. Outras foram parar no curral.

Era a alma secreta do bacharel que se espalhava. Os escritos de sua confissão estavam sendo pisados pelas reses, misturados ao estrume das vacas.

Por onde andar ele, agora? Errando pelos caminhos úmidos, a-pesar-da febre; de pijama e sobretudo, a carregar uma radiografia que chegara pela jardineira.

A todo momento erguia a chapa ao sol. Se encontrava algum transeunte desconhecido, dizia: "Olha aqui a imagem do meu corao. Esta sombra, aqui... está vendendo? Enorme.  o meu corao. Isto : não  mais meu,  dela! Olha aqui que bruta sombra!  dela! Tudo isso  dela!..." E ia seguindo com os dedos os bordos crescidos da víscera famosa, enquanto os homens continuavam o caminho, certos de que o doutor andava maluco.

Alguns pretinhos perdiam-lhe o respeito e se divertiam com ele. Outros apanhavam-lhe pedaços do caderno para entreg-los a qualquer pessoa da fazenda. Como transitassem tambem caminhões pela estrada, era possível estivessem chegando a outras cidades informaes escritas sobre o drama que se passava em Pau-d'Arco. Folhas do seu diário voando por toda a Baía.

Glória deixava-se ficar na cama até tarde, moida, sem vontade de viver. Lúcia fechava-se no quarto a ler a correspondência. Conquanto soubesse que ninguem al entendia japonês, guardava cuidadosamente tudo o que chegava do Oriente.

A notícia da presença de um padre e de um curandeiro milagroso correu pelos casebres das imediaes. Tanto bastou para que afluísse  fazenda uma multidão miserável de cuja existência ninguem suspeitava em paragens tão risonhas. Estropiados, paralíticos, maláricos e

ulcerados. E mulheres amarelentas acompanhadas de fiapos humanos que pediam pão pelo gesto, porque já não tinham mais voz para fazê-lo.

Brandão que, a princípio, queria repelí-los, ficou desarmado diante do horrendo espetáculo. Pois não havia terra bastante? — perguntava-se a si mesmo. Que é que estava faltando? D. Elisabeth aproveitou o momento para exercer a caridade. Fornecia pão, dava café, levava água. Esvaziou-se logo a sua despensa. Lúcia e Glória fecharam-se no quarto para não verem aquela imundície, — doentes a encher a varanda, a exhibir feridas, a tossir por todos os cantos. As pobres criaturas atropelavam-se na pressa de beijar a mão de pai Leandro ou tocar a batina do padre Xavier. Brandão notou, cheio de pasmo, que a fome de milagre era nessa gente maior que a de comida.

Padre Xavier e o macumbeiro suavam naquela tenebrosa audiência. Alguns doentes passavam de um para o outro.

— Ou bem que ficam comigo, ou bem que estão com o feiticeiro! — exclamou o padre, contrariado.

Mas os pobres aflitos a nada atendiam, apelavam para as duas influências, querendo curar-se de qualquer maneira. Alguns ainda perguntavam por um médico que devia chegar, um moço que diziam iluminado pela ciência.

Ao fim de algumas horas, fatigadíssimos ambos, o padre e o pai de santo trocavam cordialmente de clientes. — Vai para o padre Xavier, meu irmão; ele faz milagre.

— Padre Leandro te cura, minha filha; ele tem muita força.

Quando a noite desceu, toda essa multidão pôde dormir mais tranquila, ao relento, de-baixo das árvores, entre as reses e os porcos. Para as mulheres e crianças, d. Elisabeth arrumara abrigo melhor numa dependência do curral de bezerros.

Da sala de jantar, Brandão, acabrunhado por tantas cenas de miséria, via os movimentos de Lúcia no quarto iluminado. A figurinha delicada era como uma bonequinha de seda atrás da vitrina. Mexia nas unhas, devia estar cantarolando. Mário, com certeza, ocupado com o seu diário.

"Lá vem a tosse dele, do fundo do corredor. "Pobre diabo"! Sempre delirando, arrasado pela febre, infernado pela esposa. Que se apaixone pela minha mulher, vá lá. Mas o pior é que depois conta tudo no diário e as folhas desse diário saem voando pela fazenda" . . .

Ligou o rádio, tentou ouvir o mundo, como vinha fazendo todas as noites. Era sempre o noticiário de guerra que o atraía. As estações anunciavam novos ataques aos combóios, navios que iam para o fundo do mar. Muitos eram barcos conhecidos com os quais cruzara no oceano, perto dos quais ancorara nos portos. Tanta destruição! E os companheiros que já teriam morrido! Por onde andaré o Pupp, do cargueiro holandês afundado no Mar do Norte? E Willy? E o grandalhão do Grog? E tantos outros? . . .

Ele mesmo, Brandão, desertara de tudo. O único talvez que abandonara a vida de marinheiro no maior momento da história do mar. . . E estava alí como que escondido em Pau-d'Arco, infeliz dentro de um casarão cheio de loucos, cercado de maltrapilhos.

Sentia-se descontente de si mesmo. Culpado de alguma coisa. De uma traição ao velho mar. . .

V

O que se passava em seu pensamento agravava-se com o que as emissoras irradiavam.

O mundo estava confuso. As nações discutiam pelas estações de rádio e brigavam pelas armas. Desligou o aparelho. Permaneceu imóvel, o olhar fixo em alguma coisa longe. Ouvia-se de novo a tosse do bacharel no fundo do corredor. Brandão resolveu não visitá-lo, nem tomar conhecimento de nenhum de seus hóspedes.

D. Elisabeth inquietava-se. Não podia ver o filho assim. Embora soubesse tê-lo para sempre ao seu lado, suspeitava às vezes de que forças obscuras estivessem trabalhando nele em surdina. O mar é que ela receiava, pois, a seu ver, só o mar poderia arrancá-lo de sua companhia. Mas ele jurou que nunca mais.

Embora não se ligasse ainda por uma afeição mais profunda a Lúcia, guardava certa gratidão pela nora que lhe restituira o filho. Que Lúcia o amasse muito, odiando-a embora, era o que desejava.

Na véspera, tivera um desgosto quando vira o filho buscar do fundo da mala as fotografias dos dois barcos de que fora tripulante. Lá estavam eles à cabeça de sua cama. Para que? — perguntava-se cheia de ansiedade. — "Tudo passaria; a fazenda haveria de voltar à vida normal; os hóspedes teriam que sair breve; a lavoura prometia, houve chuva bastante, Lúcia acabaria se adaptando".

A velha rondava em torno do filho, sem saber como desviar-lhe o pensamento para outra direção. Faltou-lhe

a coragem de interrompê-lo. Foi ele mesmo quem lhe falou: — Acordada ainda, mamãe! Tome o seu leite.

— Como? Você estava me vendo?

— Então!

— Eu pensava que você estivesse olhando para ele...

— Para ele, quem?

— Para o mar...

— Mas que idéia!

Ficaram mudos alguns instantes.

— Pedro, você promete? — disse-lhe com angústia na fisionomia.

— Prometo — respondeu Brandão sorrindo.

— E jura que nunca mais voltará para o mar?

— ... que nunca mais voltarei para o mar. Fez uma pausa, olhou com ternura para ela: — Vamos dormir, minha velha. Olhe o seu leite.

Ao entrar no quarto, Brandão notou que Lúcia escondia o papel em que escrevera qualquer coisa: — "Se deixaste algum amor pelo Japão pode dizer. Nesse caso, desmanharemos a nossa vida comum".

Ela sorriu com perfídia. Brandão mal conteve o impulso de espancá-la. De espancá-la com o mesmo ardor com que a abraçava nos primeiros dias.

O capataz, compreendendo mal as ordens de Brandão, enxotara das imediações da fazenda os maltrapilhos e estropiados que se instalaram por alí durante algum tempo. O vaqueiro, procedendo segundo o hábito de campear boi, empregara os cachorros nesse serviço, o que revoltara d. Elisabeth e ao próprio Brandão.

O jurisconsulto retardara propositadamente a sua vinda, a-fim-de dar mais tempo a que se fizesse sentir

a ação do padre na alma de Glorinha. O pai de santo já havia seguido. A frase: "Vasmicê há-de ver que estamos mais perto um do outro do que parece", que largara ao padre Xavier na hora da partida e que este julgara insultuosa à sua fé, circulou durante a noite na alma do vigário, com significações diferentes.

Enfim, tanto o padre como d. Elisabeth ficaram livres do demônio negro, com quem últimamente Lúcia vinha também confabulando. Era preciso fossem embora também o bacharel e sua esposa para que a tranquilidade pudesse voltar a Pau-d'Arco. O que d. Elisabeth queria era a segurança de que seu filho estava satisfeito com a sorte.

Brandão, compadecido da desgraça do amigo, não tinha coragem de insinuar-lhe que era tempo de largar a fazenda.

Mário quase não falava. Mas escrevia, escrevia... Não tendo podido realizar na vida o seu ideal, procurava agora passá-lo todo para o papel, às pressas e à última hora. Sentia e proclamava que sua morte não devia estar longe, a ver se comovia o coração de Lúcia. Brandão tentava despertar no amigo o sentimento da profissão — "Sua advocacia é grande, Mário?" Este respondera arregalando os olhos: — "Fabulosa" Teve assim o antigo marinheiro mais uma amostra da insanidade mental do amigo.

Não era dele, entretanto, que queria livrar-se. Era de Glória.

O que esta sofrera de Brandão não servia senão para exaltar-lhe ainda mais a paixão por ele.

Vontade de fazê-lo sofrer, de abraçar-se a ele para sempre, até liquidá-lo completamente. De destruir-se a si mesma. Esquecera os filhos com Generosa, esquecera

tudo por ele. Que valia a vida agora? À simples voz do homem, ao rumor dos passos dele, ficava como perdida. Lúcia mantinha-se indiferente. Percebia tudo, e não se importava. Brandão, tal como o via agora na labuta da lavoura e da criação, não lhe interessava mais. Como marinheiro, dera-lhe ele uma visão inesquecível: foi quando a erguera aos braços na noite do naufrágio. Parecia então um semi-deus marinho. Isso, sim, estava de acordo com os seus devaneios e os melhores momentos dos romances que lera. Mas já passou . . .

— Não sei por que, você não parece mais o mesmo que me salvou, Pedro. — Tu também não pareces a mesma que tirei do mar, Lúcia.

Brandão sentiu toda a amargura desse curto diálogo. E Lúcia, depois de algum tempo: — Como é esse doutor Jax?

— A que propósito a pergunta? E' um homem, com dois braços, olhos, nariz, pernas, etc. — respondeu Brandão, sardônico.

Glorinha olhava de longe sem ouvir o diálogo. Achava Lúcia atraente, mas um tanto apática, quase imbecil. E apreciava nela esse ar contemplativo. Era, entretanto, incapaz de compreender um homem como Brandão que tinha ao seu lado. Talvez estivesse nisso a força dela. — "Por que não sou como ela, imbecil e misteriosa?"

Da Baía, o padre Xavier escrevia a d. Elisabeth pedindo informações de Glorinha. Foi através da carta do vigário que a velha começou a ter idéia real da tempestade que ia na alma da mulher de Mário.

Brandão dedicava-se com redobrado afincamento aos trabalhos da fazenda para compensar-se da grande decepção de sua vida.

Futil e fria Lúcia! Como fora ele arranjar aquilo!

VI

Os sulcos do arado na várzea plana formavam sempre na sua imaginação um quadro de águas crispadas. Suas narinas sentiam cheiro de maresia. Sempre a obsessão do mar. Mas prometera a sua mãe que nunca mais...

O bacharel se arrastava como uma sombra. Escrevia o nome de Lúcia em toda parte, desenhava o rosto dela nas paredes. Certa manhã de domingo, vira-a de quimono a passear no jardim. Começou a espiá-la pela fresta da janela. E como pela primeira vez a ouvira cantando, experimentou-lhe como nunca o esquisito sortilégio. O colorido das flores sob o azul absoluto do céu ainda tornava mais graciosa a visão que o doente bebia pelos olhos, com o coração batendo. Quando o foram procurar no quarto, estava caído, babando-se. Parecia um ataque. Agora, não tiveram mais dúvida: chamaram o médico com urgência. Dessa vez foi o Dr. Jax.

Antes de começar a noite, um automovel de luxo parou o motor à entrada da fazenda. Os cachorros latiram, saiu o "chauffeur" com a maleta. Na maleta estava gravado o nome do "Dr. Jax" que mais não era do que a abreviatura do doutor Ajax de Gouveia. A maleta foi recebida na varanda, passou pelo corredor entre Glorinha e Lúcia e, levada por d. Elisabeth, foi ter à cabeceira de Mário. Enquanto o médico se deixava ficar alguns instantes dentro do carro, lendo ou fingindo ler revistas alemãs, a sua maleta, com o nome explosivo luzindo numa placa de prata, já começara a exercer uma

ação hipnótica sobre os outros. O doutor sabia o efeito que isto devia estar produzindo lá dentro, como não ignorava que a sua demora propositada, no carro, tornava mais solene a chegada de um facultativo. Por fim, subiu.

O doente atravessava um momento de crise e já se preparava para saltar pela janela, sempre com a radiografia debaixo do braço. Segurou-o o preto Josué.

Desde que adoecera gravemente, Mário só sabia sair pela janela. Dizia que estava farto de sair e entrar pela porta. O médico pediu informações antes de examiná-lo. Foi Brandão quem lhas prestou confidencialmente.

Enquanto Glória fixava com ardor o enorme Brandão, Lúcia inspecionava a figura elegante do doutor. Há quatro meses ela não via um homem bem posto. Brandão era desmazelado nos trajos, sua barriga já crescia; e o bacharel doente era uma lástima. Alí estava um tipo de cidade a lembrar-lhe, não sabia bem, que astro de cinema.

— Tudo isso, doutor — concluiu Brandão, puxando o médico pelo braço — está mais ou menos num caderno que ele vem escrevendo há tempos...

— Poderá obtê-lo?

Brandão correu ao quarto. Voltou em seguida com pedaços de papel na mão: — O Sr. vai desculpar, estão sujos, mas só temos esses pedaços.

— Ah, é pena, exclamou o facultativo guardando os fragmentos. Vamos primeiro ao doente. Onde o quarto?

O bacharel entregou docilmente o corpo para todos os exames. Mas de sua boca não saiu palavra. O médico procurava ler-lhe nos olhos. O doente desviava-os.

— Advogado? — Mário nada respondeu.

— Conheço muito o seu sogro... — O doente virou a cara.

— Gosta da vida da fazenda? (silêncio). Gosta da vida do campo?

— Gosta da... (soltou um palavrão e foi só o que disse).

Pediram desculpas. — Ora, minha senhora, estou tão habituado...

O Dr. Jax não se perturbou. Na sala, tirou os escritos, espalhou-os pela mesa. Glorinha aproximou-se.

— Tenho a impressão de que Mário é um caso perdido, — disse, afetando uma tristeza que mais parecia o disfarce de um tenebroso desejo.

— Veremos, minha senhora, e o Dr. Jax olhou-a apanhando-lhe o pensamento secreto.

O jovem facultativo não usava quase os processos corriqueiros de clinicar. Era mais pelos astros, pela grafologia, pela psicanálise que se orientava. Qualquer detalhe sobre a vida do doente, ou sobre as pessoas com as quais este convivia, valia-lhe muito mais. Se acaso era casado o cliente, procurava ler-lhe os primeiros sintomas no rosto da esposa ou do marido, no comportamento dos filhos se houvesse, na arrumação ou desordem da casa, no modo de todos atenderem ao telefone, na qualidade e tempero da comida, nos discos do rádio.

Assim, depois da chegada, já percebera, ainda que vagamente, a natureza das relações entre a esposa do doente e Brandão, assim como entre a mulher deste e o doente.

Não se surpreendia com as complicações do coração humano. Falava com facilidade, não sem certo

pedantismo. Nos últimos tempos, suas preocupações se voltaram exclusivamente para a vida obscura das glândulas. "A humanidade será feliz quando puder conhecer plenamente o funcionamento delas". Em certo ponto, embora pareça absurdo, os métodos do facultativo não divergiam muito dos do pai Leandro.

Eis, sobre a mesa, alguns pedaços do coração do bacharel. O doutor os vai ligando e examinando como pode. Já escureceu completamente lá fora, as luzes foram acesas. Há outras pessoas na sala e na varanda.

Brandão tomou providências para que não se repetisse com o jovem doutor o que se dera com o padre e o feiticeiro, evitando assim que a casa fosse invadida pela avalanche dos maltrapilhos, muitos dos quais estão agora de longe, espiando da cerca de arame, contidos pelos empregados.

O médico consegue ler uma ou outra frase quase sempre incompleta:

"... tanga de selvagem na cintura de uma danarina de café-concerto";

"... em Lúcia, quimonos e pagodes, coqueiros, bananeiras, cravos, canela, (apagado) mesquitas e turbantes". Interrompeu para uma pergunta: — Ele tinha o hábito de ler romances exóticos? — Não, respondeu a voz de Glorinha. Mas é louco por Mme. Butterfly. Assobia toda a partitura. E leu o Loti inteiro.

Outro pedaço: "Trinta e oito. Baixou, trinta e sete. Chateação". Noutro fragmento lia-se a custo: "Brandão é um vagabundo". Algumas palavras soltas não chegavam a recompor um período. Mas apareceu esse trecho completo: "Sou um pobre homem roído por dentro, meio morto". E mais este: "...depois..."

depois voarei como um balão". E este ainda, quase ilegível: "É maravilha de seda, impalpável. Impal..." E ainda: "Não vou. Mate logo".

O Dr. Ajax juntou tudo aquilo e guardou com cuidado na sua mala. — Não seria melhor queimar tudo logo? — sugeriu Brandão. — Não! É um material de primeira ordem. O Sr. nem sabe o que isso vale. É o rastro para outras descobertas. Daí é fácil conhecer o seu temperamento, o estado de suas glândulas, os conflitos morais em que se debate atualmente. A lesão pulmonar e a aortite têm pouca importância. Leu mais um fragmento que caíra ao chão. Agora uma pergunta: — Nas noites de luar ele costuma sentar-se na varanda ou prefere ficar metido com os livros de direito?

— Como? — interrogou Brandão, espantado.

— Eu pergunto: ele gosta de luar?...

— Sei lá! respondeu Brandão, como se fosse a uma brincadeira do médico. Este pediu que não se espantasse com as perguntas. Tudo era elemento para o diagnóstico. Queria ainda saber se o doente preferia os dias nublados aos de sol; se tinha por costume ouvir toda a "Hora do Brasil"; se a sua roupa de baixo era bem cuidada. Brandão se ri.

Glorinha achou prudente desaparecer da sala. Lúcia estava enlevada.

"Tudo isso, continuou o doutor, me é necessário. Se encontrarem fotografias antigas dele, poderão mostrar-mas, assim como os seus cadernos de colégio. É evidente que sofre de uma perturbação glandular. Seus freios há muito não funcionam. Astenia profunda, e depressão psíquica com intermitências de exaltação. Sua tiróide disparou. E as suprarrenais estão preguiçosas. Aliás, todo o seu sistema endócrino parece trans-

formado; essas glândulas são solidárias entre si, não são como nós que nos dividimos".

A sala já estava cheia de agregados da fazenda e de suas mulheres. O Dr. Jax era um místico das glândulas, via-se logo pela feição didática que dera à conversa. Boquiabertos, ouviam todos o conferencista inesperado. Duas vezes carregou Brandão o cachimbo e a preleção ainda continuava:

— "Podemos fazer o homem aumentar, diminuir, mudar de carater, e de tipo à vontade. Suscitamos o espírito materno às mulheres, as quais serão claras ou morenas, gordas ou magras, como e quando o quiserem; as mulheres serão amorosas ou frígidas, à vontade de cada uma e dos respectivos maridos. Para isso, dispomos dos hormônios. Podemos até fazer nascer bigodes nelas e dar voz fina aos homens, seja ele um Hitler ou um Churchill. Não falando nas consequências sociais: casais indiferentes serão felizes dia e noite. As revoltas serão evitadas".

Notou que Brandão estava cético, sorrindo por dentro. Continuou, olhando agora, para ele: — "Acreditem que não brinco nunca, não tenho o costume de fazer graça. Sobretudo com a ciência. Se alguém estudar profundamente essa questão, há-de verificar que um simples distúrbio de secreção interna na pessoa de um chefe de Estado, poderá determinar uma declaração de guerra, invasão de fronteiras, derramamento de toneladas de sangue. Conheço um Estado cujos impostos foram aumentados porque não estava funcionando bem uma das glândulas do seu interventor. Um povo é tanto mais pacífico e ordeiro quanto mais equilibrado for o sistema glândular de seus dirigentes. Leiam a minha en-

trevista ao "Diário da Baía". O homem não precisará mais explorar o seu irmão. A vida vai tornar-se melhor. Não é de Deus que virá a salvação da humanidade. É dos laboratórios. Os hormônios invisíveis substituirão as antigas divindades. Nessa base se levantará o moral do futuro. A biologia ditando as leis da moral, que prodígio!"

A conferência assumia o calor de uma pregação. Inesperadamente, fez uma pausa. Olhou em torno. O auditório que se improvisara alí era atento, mas simples demais para aquele tom oratório. Prosseguiu então mais familiar, apenas com os remanescentes do primeiro entusiasmo. Encarou algumas figuras da sala: — "Às vezes, de longe mesmo, podemos levantar alguns diagnósticos. Olhos esbugalhados, por exemplo, e pescoço com pequena protuberância, é perturbação da tiróide. Indica temperamento exaltado, insatisfeito. A senhora, por exemplo, — disse, dirigindo-se a Glorinha que voltara de novo à sala, — deve inquietar muito as pessoas com quem convive. Deve ser infeliz e fazê-las infelizes".

Glória enrubesceu e largou de novo a sala. Brandão aprovou em surdina. Lúcia e a mulher do capataz correram as mãos trêmulas pelo pescoço. Estava terminada a palestra.

Como Glória deve ser infeliz!, pensaram todos, olhando para ela. Serviram o café. O Dr. Jax manifestou desejo de andar um pouco a pé pela fazenda. Não era preciso que ninguém o acompanhasse, já estivera uma vez em Pau-d'Arco caçando perdizes. Saiu. Deixou na sala um espanto geral.

Glória sentira-se ofendida com a observação do médico. Irritava-se quando alguém pretendia devassar seu coração. Era de-fato infeliz, mas a causa estava ali perto, sentada junto do rádio: Brandão.

O capataz, de voz fininha e a filha do colono, que era anã, ficaram esperançados. Lúcia estava como que fascinada com os conhecimentos do doutor. Como ele falava bem! Era um encanto de homem. Lembrava um tipo que conhecera a bordo, um jornalista argentino, alto e esbelto.

Quando, meia hora depois, o doutor passava de volta entre os renques de eucaliptos, um vulto de mulher apareceu-lhe súbitamente. Logo depois ouviu-se a voz musical de Lúcia: — Não tem medo de andar sozinho pela noite?

— Nesse caso, a senhora que é mulher devia ter mais, respondeu o doutor reconhecendo-a.

Ficaram os dois frente a frente, mudos. Lúcia interrompeu o silêncio.

— As noites aquí em Pau-d'Arco são uma maravilha, têm um encanto especial; mas eu prefiro as noites lá de fora. Dos outros lugares. A vida aquí é triste...

O Dr. Jax continuava embaraçado.

— O sr. falou tão bem lá na sala. Aquilo tudo é verdade?

— Pois não, minha senhora.

— Que maravilha!

O doutor olhou para o céu: — Realmente está uma maravilha.

— Eu me refiro ao que o senhor disse, corrigiu Lúcia fixando-o muito.

Caminhavam lentamente, lado a lado.

— Que vontade eu tinha de partir no seu automovel...

O doutor se espantou. Lúcia não compreendia que o homem tão desembaraçado de há pouco, o moço que dissertara com tanto brilho sobre glândulas, ficasse daquele jeito alí, como um palerma, inibido.

— E então? — perguntou súbitamente, provocando-o. Nenhuma resposta. — Venha aquí muitas vezes, sim? É tão bom conversar com um homem de espírito.

— Minha clínica não permite, minha senhora. Sou muito ocupado.

Continuava embaraçado. Fora sempre assim, desde estudante no Rio. Só falava em mulheres, mas se se defrontava sozinho com uma, sua vontade era correr. Parecia o mais perigoso dos agitadores; chegada a hora da ação, a coragem lhe faltava para pegar uma arma, como lhe estava faltando agora para segurar a cintura de Lúcia, manobra que lhe daria o acesso facil à mulher que se lhe oferecia. Lúcia voltou então a tratar do luar, da beleza da noite, mas já sem resultado. Aqueles "minha senhora" cerimoniosos esfriaram-lhe o entusiasmo. E assim, perto e distantes um do outro, os dois se foram aproximando da casa. O carro do doutor já estava de motor ligado e faróis acesos. Lúcia avistou o marido: — Largue este rádio, Pedro. Vem conversar.

Brandão respondeu com certo atraso: — Quando a gente está num mundo que não entende, trata logo de encontrar-se com o outro, melhor, que já conhece. Resposta que a sua mulher, perturbada por outras emoções, não estava em condições de interpretar. D. Elisabeth,

porem, mais vigilante ao coração do filho, atalhou: — "Como se fosse melhor esse mundo que estás ouvindo agora, Pedro. Morte... Destruição! Desliga isso, meu filho".

O médico vinha se despedir. Mandaria as prescrições por carta. Seu carro arrancou para Salvador, deixando fumaça. Brandão refletiu no escuro da varanda: "Quantas coisas se descobriram em terra nos dez anos em que estive afastado dela". E teve uma frase: "Pode ser sabido, mas parece meio bobo". Lúcia concordou com o marido, mas por motivos diferentes, quase opostos.

Ficou intrigada, como que ofendida. Falhara o seu bote ao doutorzinho. "Tão gentil que ele é! Mas muito tímido". Parou indecisa. "Como serão as glândulas dele?..."

VII

A imagem de Glorinha não saía da memória de seu pai. Altas horas da noite, o jurisconsulto solitário interrompia os estudos para contemplar o retrato da filha sorrindo na moldura de prata fosca. Já não podia mais, teria que vê-la em Pau-d'Arco de qualquer maneira.

A vida de seu escritório se desorganizava. Perdia os prazos, rejeitava clientes, não terminava os pareceres. Recolhera os filhos de Glória, deixando-os a cargo de Generosa. Dera ultimamente para telefonar fora de horas para alguns amigos, fazendo perguntas cujo sentido não compreendiam bem. A um velho desembargador chegara a indagar, às duas da madru-

gada: — Sua filha é boa para você, Carvalho? As filhas são sempre boas para os pais?

O dr. Gomes quase nada entendia da vida. A lâmpada de seu escritório se apagava agora mais cedo. Era visto fora de horas, meio trôpego como um bêbado, a perambular pelas ruas, alheio aos que lhe tiravam o chapéu com respeito. Estava perdendo o interesse pela vida, não defendia mais o seu bom nome. Seu maior gosto agora era descer das estantes os tratados de direito para que as crianças de Glorinha brincassem de castelo com eles. Volumes preciosos da biblioteca foram parar na horta e no jardim. Todos notavam a transformação inexplicável de sua vida, o desleixo de um homem que primava pelo respeito às convenções. Era com prazer que via os netos destruírem-lhe a biblioteca.

Mário, esquecido de tudo, continuava em Pau-d'Arco. De nada lhe valeram os hormônios enviados da Baía. Estava crente de que a fazenda era dele, que a mulher do dono também era dele. Glorinha, por sua vez, deixava-se ficar por lá, sob pretexto de estar assistindo ao marido. Na verdade, não queria senão permanecer mais tempo perto de Brandão. Lúcia não guardava dela a menor mágoa; ao contrário, entre as duas criou-se certa camaradagem sustentada pelo interesse de Glorinha em conhecer através da amiga certas intimidades da vida de Brandão. Este, esquivando-se sempre da perseguidora, atirava-se brutalmente ao trabalho. A conselho de d. Elisabeth, procurava ser mais complacente para com o antigo colega. Apenas lhe negara papel para continuar o diário. Com a mulher dele, porém, chegava a ser grosseiro, o que ainda mais exacerbava a paixão de Glorinha.

A caprichosa filha do jurisconsulto não desanimava do seu propósito de dominá-lo a todo transe. O ódio já se misturava aos seus sentimentos. Queria vê-lo sofrer como ela estava sofrendo. Já não era a necessidade de dedicar-se ao homem que amava, era a vontade de vingar-se de alguém que lhe quebrara o orgulho. Ah, se o conseguisse! Voltaria satisfeita para casa, seria a boa filha de seu pai, — talvez até se tornasse boa esposa desse trambolho de marido que lhe coube por sorte. Mas, primeiro, precisava vencer Brandão, fazê-lo render-se apaixonado a seus pés para ter o gosto de desprezá-lo em seguida. Desprezá-lo? Amá-lo-ia talvez toda a vida.

O seu destino, o sentido de sua existência, só dependiam dessa conquista. Poder um dia dominar Brandão!

Com essa idéia fixa que a exaltava e lhe impelia as pernas, Glorinha caminhou quase correndo até a margem do rio, onde se deitou para sonhar e para chorar.

Sem mais esperança de obter resposta às suas cartas, resolvera o jurisconsulto seguir para Pau-d'Arco. Há muito vinha adiando essa visita com medo de defrontar-se com a nova criatura selvagem que repontou em sua filha. Sentia, porem, um dever de consciência botá-la no bom caminho. Era ela ainda todo o interesse de sua vida. Glória nem lhe abria mais as cartas. Para que? Aquela choradeira de sempre, aquele apelo contínuo aos deveres de esposa e filha. . . Para ela, era o pai um obstáculo à sua felicidade. Um inimigo.

O dr. Gomes não tardaria a chegar. A filha teve ímpeto de esconder-se. Mas considerou que seria demais, dava na vista.

A paixão de Glória estava numa fase em que a mulher odeia tudo o que lhe faça apelo à consciência, a

tudo o que sirva de obstáculo à marcha livre do amor. Era preciso que a mulher de Mário descesse até o fundo de seu rebaixamento; que sua paixão deflagrasse de qualquer maneira. Só depois, o seu ser moral poderia recompor-se de novo.

Atravessava-a uma vertigem de catástrofe. O jurisconsulto, tal como lhe aparecera agora, anêmico, o chale envolvendo o pescoço, o seu medo da vida, o seu formalismo — era qualquer coisa de odioso para ela. Sentia-se monstruosa, ingrata. E experimentava um deleite satânico nessa crueldade.

Mal chegara o dr. Gomes, Brandão saíra com ele a mostrar-lhe as dependências da fazenda. O recém-chegado parecia indiferente a tudo aquilo.

Mesmo que o não preocupasse exclusivamente o caso da filha, era insensível à poesia da terra, o espírito deformado pela aridez dos estudos jurídicos.

Estava aflito pelo encontro a sós com a filha. Enfim, subiu; entrou-lhe no quarto. Fora curto o diálogo. Mário andava fora, apanhando o sol da manhã.

— Minha filha!...

O dr. Gomes sentiu nela a contração de um animal à espera do ataque.

— Não adianta, papai, você insistir.

— Não é por mim. Nem pelo teu marido. Mas as crianças...

— Elas estão bem com Generosa.

— E é uma vergonha para o teu nome...

— Que me importa o meu nome!...

— . . . e para o meu.

— Isso não é comigo...

— Devia ser, minha filha. Tu falas uma linguagem que eu desconheço, que tua mãe desconheceria se viva fosse. Eu quero que voltes à razão. Brandão é casado, ama sua mulher. Tu também és casada.

— ... e não amo meu marido, respondeu com firmeza.

— Minha filha, estou ficando velho. Dei tudo por tua vida. Tudo...

— Foi o seu mal, meu pai. O nosso mal. Você me queria só para si, para sua vaidade, para...

— Já sei o que vais dizer. Volta para casa com Mário, eu te peço.

— Eu o detesto.

— Foi o marido que escolheste.

— O marido que você me arranjou.

— Volta hoje mesmo. Depois conversarás comigo. Esta casa não é a tua.

— Não posso. Ainda não me expulsaram dela.

— Não é necessário que esperes o momento dessa vergonha.

— Não posso. Uma coisa me prende aqui...

— Que é que te prende?

— Papai, você não me pode compreender. Deixe-me com minha vida. Eu estou num mundo, você está noutro. Volte você sozinho para o seu. Não posso sair daqui, não posso!

Caiu em pranto. O juriconsulto teve um estremecimento. Nunca lhe parecera tão forte a semelhança entre o rosto da filha e o da sua mãe morta. Ficou suspenso, a admirar a cabeça maravilhosa de Glorinha, aqueles olhos de lagoa em manhã de sol. Enterneceu-se, quis abraçá-la.

— Me larga, papai .. me larga.

— Mas eu te adoro, minha filha...

— Você me adora — respondeu sentando-se na cama — você me adora porque vê em mim a imagem da sua mulher, a minha mãe que morreu.

Parou hesitante e como alguém que desistiu do que queria dizer, prosseguiu nervosamente:

— Você não me entende, papai. Você lida com as leis, eu reclamo a vida. Você deu à minha mãe aquilo que não me pode dar. Ela amou você, eu terei que amar alguém. Eu sou mulher, você se esquece, e toda a vida me fechou ao amor dos homens. Você me tratou sempre como boneca e só de bonecos de salão me cercou.

Ele ficara boquiaberto, assistindo ao seu próprio julgamento pela filha.

Esta o encarou com expressão menos desumana e continuou: — Ainda posso ser a sua boa filha um dia... mas depois... depois que justificar a minha vida... depois de amar... de ficar quites com a vida.

— Filha, não estou te entendendo.

— É fácil me entender. Eu quero é viver, papai, — gritou; levantando-se. Viver!

Houve um silêncio pesado de alguns segundos.

— Que é viver, minha filha? — perguntou tímidamente o pai.

Glorinha lançou-lhe um olhar de desdém e raiva. Seu rosto ganhou uma luz sinistra, enquanto o do pai se encheu de lágrimas.

O jurista se sentiu o mais infeliz dos homens. Sua figura como que diminuiu. Foi saindo. Glorinha o viu desaparecer a porta, acabrunhado, seco, insignificante. Teve um impulso de chamá-lo, possuída de uma piedade súbita. Mas seu corpo tombou sobre a cama, sacudido de soluços.

VIII

Um portador misterioso, de face mongólica, desceu da "jardineira" com um embrulho bem lacrado. Expressava-se mal em português. O preto Josué disse-lhe que estava entregue. Mas o homem amarelo insistia em querer deixá-lo pessoalmente em mãos de Lúcia. Mostrava-se obstinado. A intervalos lançava um olhar rápido pela fazenda. O preto pensou que se tratava de algum parente de Lúcia. Da mesma raça, pelo menos: com aquele amarelão de impaludado. Foi chamá-la, Lúcia apareceu logo, sempre pálida.

Ficaram muito tempo conversando numa língua que nem d. Elisabeth nem Glorinha na sala próxima entenderam. Às vezes, dava o asiático a impressão de alguém que tivesse autoridade sobre a mulher de Brandão. De repente, se acaso sentia aproximar-se outra pessoa, mudava de tom, tornava-se cerimonioso, quebrando-se em mesuras.

Partiu inopinadamente, sem se despedir de ninguém. Lúcia, logo em seguida, foi correndo fechar-se no quarto.

D. Elisabeth, mal ouvira a nora falar uma língua indecifrável, tomou-se de certo medo dela. Depois da conversa em japonês, Lúcia parecia-lhe menos familiar ainda, mais distante do mundo brasileiro, de Pau-d'Arco, da vida de seu filho. Glorinha também experimentou essa sensação. Tanto que se abriu com a velha. Ao jantar, já na presença de Brandão, Lúcia compareceu mais pálida do que nunca. E muda. Apenas uma referência vaga às cartas que recebera de parentes do Japão.

— A vida dela deve ter um lado misterioso. A senhora reparou, d. Elisabeth? segredou-lhe Glorinha, no corredor. Não explicou nada ao seu filho...

Brotou na mulher do bacharel um pensamento instantâneo: mudaria de tática, trataria de incompatibilizar ainda mais Brandão e sua mulher. Nem sabe como não lhe ocorrera isso há mais tempo. Enquanto o marido dormia sob a ação de um entorpecente, Glorinha concertava seus planos.

Lúcia partiu na manhã seguinte para a Baía. Alegou que precisava fazer compras. Na bolsa levava o endereço do dr. Jax.

Brandão acordou alegre. Seu primeiro gesto foi tirar das paredes as fotografias dos barcos. Saiu e conversou longo tempo com o preto Josué e o capataz. Tomou várias providências. Demorou-se no quarto de Mário, fê-lo tomar leite. Cobriu Glorinha de atenções, deixando-a animada de esperanças novas. Abraçava-se à sua mãe repetidas vezes. Sugeriu-lhe várias providências sobre os serviços da fazenda. Não teve precisão aquele dia de ouvir o rádio, circunstância que agradou a d. Elisabeth que via no aparelho um desencaminhador de seu filho. Era de-fato outro homem. Sua alegria se transmitia à velha. Milagre das rezas dela. Glorinha, no íntimo, atribuía aquela transformação à ausência de Lúcia. O gosto da vida renascia em Brandão.

No dia seguinte, sua cama amanheceu vazia. — Madrugou para o serviço, pensaram todos. E como não regressasse mais: — "Com certeza partiu para se encontrar com a mulher na Baía".

Mas Lúcia regressou, os dias correram e a velha Elisabeth caiu num mutismo de mau presságio. Seu filho havia voltado ao mar, tinha certeza.

Pediram informações em Salvador, nas cidades das imediações, pelos botecos das estradas, pelos postos de gasolina. Nem o menor sinal de Brandão. Apenas o motorista da jardineira se referira a um passageiro corpulento e calado que viajou num certo trecho do percurso: tinha os olhos castanhos, a barba por fazer, e uma cicatriz no rosto.

— Ele voltou para o mar, eu sei! — exclamou d. Elisabeth numa lamentação desesperada. Ah, filho! tu me havias prometido que nunca mais! . . . Juraste falso, Pedro . . . Há mais de dez anos que tua mãe vinha morrendo à tua espera. Antes não tivesses voltado, porque agora tenho a certeza de que te perdí para toda a vida. Ah, Pedro, serás sempre o filho que foge. Nem sabes como fica o coração de uma mãe que vê escapar-lhe o único filho! Desalmado! . . . Por que te fui gerar, Pedro? Para me destruíres. . .

Olhou para os lados. O preto Josué, Lúcia e Glorinha, permaneciam mudos.

— "Filho mau! duas vezes me trocaste pelo mar. . . Ele pôde mais que o amor de tua mãe. Já não é mais o circo que te levou como no tempo em que eras quase criança. É "ele" de novo, esse mar maldito de tuas aventuras. . . Nunca mais hei-de ver a praia só para não ter que contemplar o ladrão que roubou o meu filho. Nunca mais! . . ."

Lúcia aproximou-se com um copo de água. A velha fez um gesto de quem não queria, como se tivesse afastando com a mão uma inimiga de seu filho. Sua voz mostrava um timbre surdo:

— Criança grande! Mal sabes que o mar que te espera agora não é mais o mesmo. Está cheio de traições e submarinos...

Glorinha tentou consolá-la:

— É possível que ele não tenha voltado ao mar, d. Elisabeth.

— "Ó menina, sou velha demais para ignorar o destino de um filho meu... Bem que eu sei. Parece até que o estou vendo todo molhado no tombadilho. . . Há tempos que ele não vinha pensando senão em voltar à vida antiga. O pobre do pai não resistiu à primeira fuga. Eu me aguentei, porque sabia que ele voltava. E fui a única a esperá-lo. A minha alegria quando o recuperei! Agora, o que me resta das minhas forças não dá senão para esperar a morte. Também já é tempo de me entregar a Deus. Ah, talvez não tenhas culpa... Eu estou vendo... O espírito de meu avô influiu em ti, Pedro. Ele também um dia se aborreceu do mundo, desceu o rio numa jangada e até hoje está descendo... Quem entende os homens? Sangue mau de antepassado mandando ainda no meu filho...

Fez uma pausa e suspirou; repetiu depois, abanando a cabeça:

— Quem entende os homens?...

De fora chegava a melopéia dos trabalhadores no eito.

— Ah, Pedro, Pedro... Logo agora que a colheita começou... os tapumes estão consertados... dezoito bezerros aumentaram o rebanho... As árvores que plantaste estão crescidas...

De-repente fixou com raiva os olhos em Lúcia e Glorinha. As duas mulheres sentiram desenhar-se no rosto da velha a expressão de um pensamento que não

havia sido dito. Atemorizadas, retiraram-se. A velha se levantou claudicando. Virou-se para a porta por onde elas haviam desaparecido e soltou o anátema: — Viragos! Foram elas que ajudaram a expulsar meu filho!"

Ninguém em Pau-d'Arco, a não ser d. Elisabeth, acreditava na ausência definitiva de Brandão. Largar a fazenda, por que? A esperança de que ele pudesse chegar de repente, fazia com que o capataz e os demais empregados continuassem a trabalhar ainda segundo as ordens e o gosto do dono desaparecido. No que dizia respeito, porém, ao ambiente moral da casa, a transformação foi completa. A velha se imobilizou no quarto, a rezar. Pouco lhe importava agora a vida; e muito menos a fazenda. Para Glorinha desapareceu por completo o interesse de permanecer ali. Nem esperou que o marido se restabelecesse: partiu com ele um mês depois para a Baía, alimentando a esperança, tênue mas constante, de encontrar Brandão por lá, metido nalgum subúrbio. Chegara a admitir ingênuamente que ele não correspondia à sua paixão por motivo de consciência, por ser amigo de Mário. Este, na hora do embarque, teve uma crise de excitação, pronunciou várias vezes o nome de Lúcia, cuja imagem evocava encostando os lábios à cicatriz do corte que ela tratara faz tanto tempo.

Quando fixou Lúcia na hora da despedida, parecia um homem em liquidação, tão encovado tinha o rosto e nublado o olhar.

Logo após, era a mulher de Brandão que partia. Ficava assim em Pau-d'Arco uma enorme casa despoçada.

Soube-se depois que Lúcia havia estado em São Paulo e que na Baía fora vista em companhia de Glorinha e do dr. Jax. O administrador não se conformava com

a venda de uma partida do melhor gado que ela efetuara às vésperas do embarque, provavelmente para custear as despesas de viagem.

O preto Josué falara de um homem misterioso que vira na jardineira quando Lúcia embarcou. Ficou intrigado porque ela e o desconhecido segredaram-se qualquer coisa antes de se terem cumprimentado. Podia ser que se enganasse, mas o homem lhe parecia aquele mesmo impaludado que há pouco tempo estivera na fazenda com um pacote de correspondência para ser entregue a Lúcia.

À velha pouco importavam o paradeiro e o procedimento de Lúcia. Privada da companhia do filho, não desejava senão qualquer notícia dele, um bilhete, um recado, um sinal de que estivesse vivo.

Dias inteiros olhou para os horizontes. De lá não chegava senão o rumor vazio do vento. Fechava-se de novo no quarto. Após três meses apareceu-lhe às mãos uma carta com a letra de Brandão. Quase enlouqueceu de alegria.

— "Mãe, voltei ao mar. Voltei porque era inevitável. E voltei fugindo porque não queria encontrar nenhum embaraço à minha resolução. Eu estava tão comovido na madrugada em que partí, que não tive jeito de escrever-lhe algumas linhas, explicando o meu ato. Fui cruel, mas você vai me perdoar.

"Mesmo que Lúcia fosse a companheira ideal que parecia a princípio, e não essa fria serpente que se revelou depois, acho que eu não aguentava viver aí como um refugiado do mundo. À medida em que me aborrecia dela e de tudo que se passou em Pau-d'Arco, o mar me ganhava de novo. Bem que você estava percebendo. Já encontrei vários companheiros (alguns morreram) e

revi alguns navios conhecidos (muitos afundaram). É esta a única vida que posso levar, minha mãe. Já não sei viver em terra firme, nem entendo bem o que acontece nela. Estou bom. E feliz como nunca. O coração está ótimo. É mais fácil (e preferível) ele se arrebentar por uma granada do que com a tal lesão que o médico da Baía inventou.

"Não sei como andam as coisas por aí em Pau-d'Arco. Pau-d'Arco mesmo já naufragou na minha memória: o mar passou por cima. Os malucos já partiram? Se Lúcia quiser deixar a sua companhia, tanto melhor, se é que ainda não o fez. Na verdade, até hoje não sei bem quem seja ela. Em Trinidad, o dono de um bote-quin me informou que ela não se chama Lúcia e que nasceu em São Paulo, de pais japoneses. O rádio-telegrafista do "Benedit" me garantiu que o seu comandante a vira dansar uma vez em Bangkok. Seja lá o que for, o principal é que me livre dela. Já tomei parte em dois combóios. No mês que vem vou mudar de oceano e de navio. Faremos a linha para a Europa carregando armamentos e munições. O cargueiro de que sou segundo piloto está agora em reparações e eu aproveitei para lhe escrever.

"Quero que você compreenda bem uma coisa, minha velha: é que, agora principalmente, o lugar de um homem que tem certa experiência do mar é aqui, arriscando a vida; não lá, em Pau-d'Arco, arriscando a felicidade.

"Pela primeira vez na vida estou trabalhando por um ideal, eu que nunca lutei por ideal algum, que só me preocupei com a minha própria aventura. O mar tem um grande papel nessa guerra. É preciso que não passem por

ele os que vêm escravizar a América. E isso depende bastante de nós que sabemos lidar com ele. Você pode imaginar como me sinto outro homem, depois que tomei consciência da minha nova responsabilidade. A gente se sente menos insignificante tratando com as coisas grandiosas. O mundo de hoje está em tal situação que é uma vergonha para quem quer que seja ter de desertar dos acontecimentos. Foi o que eu ia fazendo, levado por uma aventurezinha medíocre.

"Quando precisei do mar por simples aventura, servi-me dele; agora que ele precisou de nós, não era justo que eu me escondesse como um desertor numa fazenda. Não sei ver bem as coisas, mas a idéia que tenho, que todos temos, é que não tomamos parte numa simples guerra, mas ajudamos a transformação de um mundo errado, com todas essas Lúcias e Glorinhas e Mários que vi aí em Pau-d'Arco. E os maltrapilhos na cerca! . . .

"Parece que só agora começo a abrir os olhos.

"Ponha de lado o seu egoísmo, minha velha, e deixe que eu viva a vida plena, fazendo alguma coisa, arriscando-me por alguma coisa. Quero mesmo que você me dê a certeza de que não se está afligindo por mim. Para você seria talvez melhor que eu estivesse ao seu lado, assistindo aos seus últimos dias. É natural. Mas depois do que lhe disse, não ficará você mais satisfeita e orgulhosa acompanhando e aprovando de longe o que estou fazendo? Ah, se me responder que sim pela primeira carta que espero com ansiedade! Nunca me esqueço de você. Há momentos, à noite, quando o mar está calmo, em que quase ouço a sua tosse. É como se você andasse pelo convés do meu navio, com aquele chale. Vou mandar-lhe um novo".

.

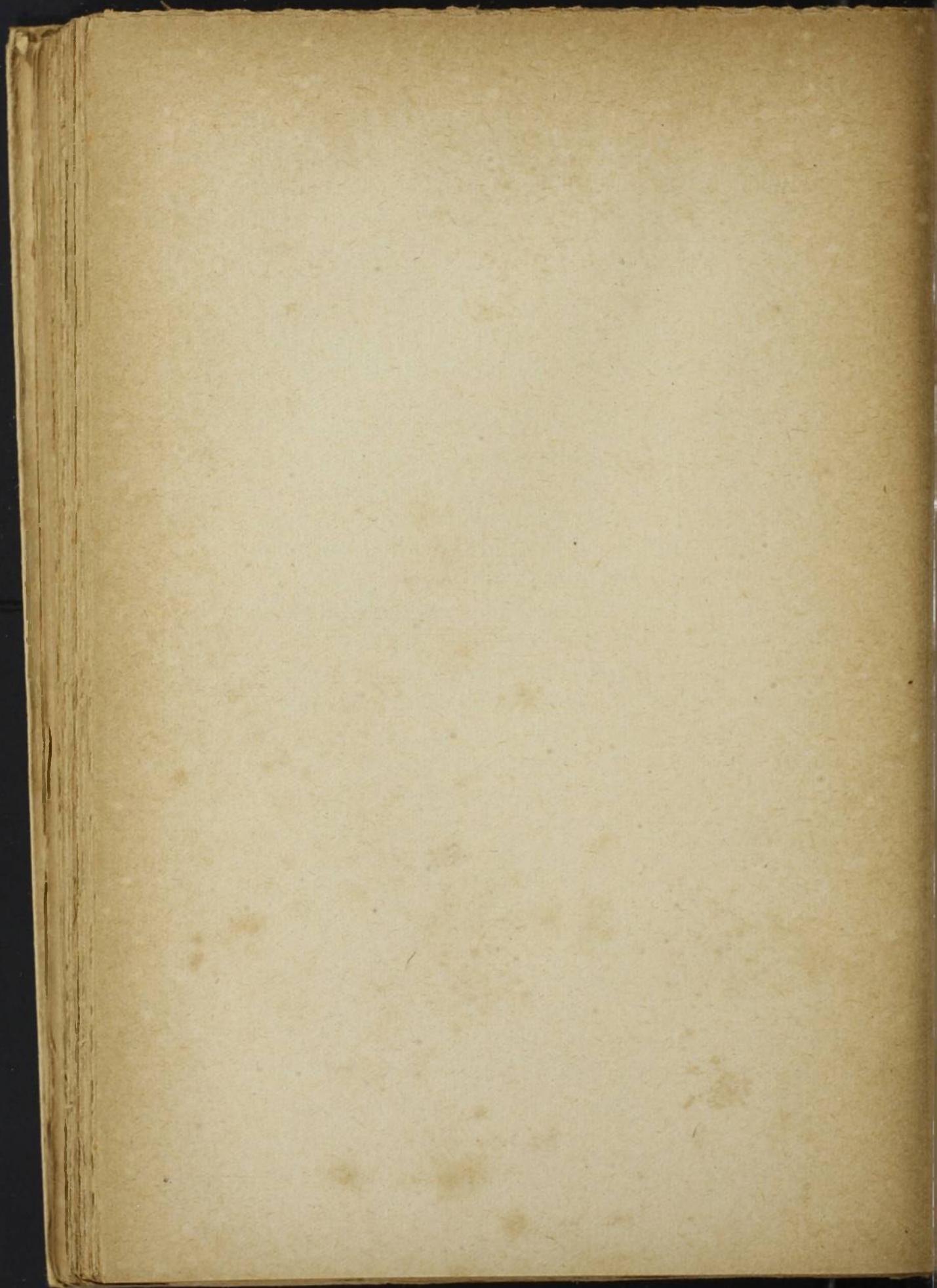
Terminada a leitura, algumas pessoas que estavam perto esperavam uma cena de desespero. Mas a velha, com a carta na mão, pôs-se de pé, começou a caminhar, abriu as outras janelas do salão. Saiu para o terreiro. Contou a Josué que o filho havia escrito. O preto não precisou perguntar se as notícias eram boas, tão evidente era a resposta na fisionomia alegre da patroa.

Que força nova teria despertado nela a carta do filho? Uma velha parenta acompanhava-a de longe. Teria enlouquecido? Receiava que ela tombasse, que adoecesse repentinamente. Desceu para ampará-la.

— D. Elisabeth! D. Elisabeth! — gritou de longe. Não se preocupe. Ele um dia voltará.

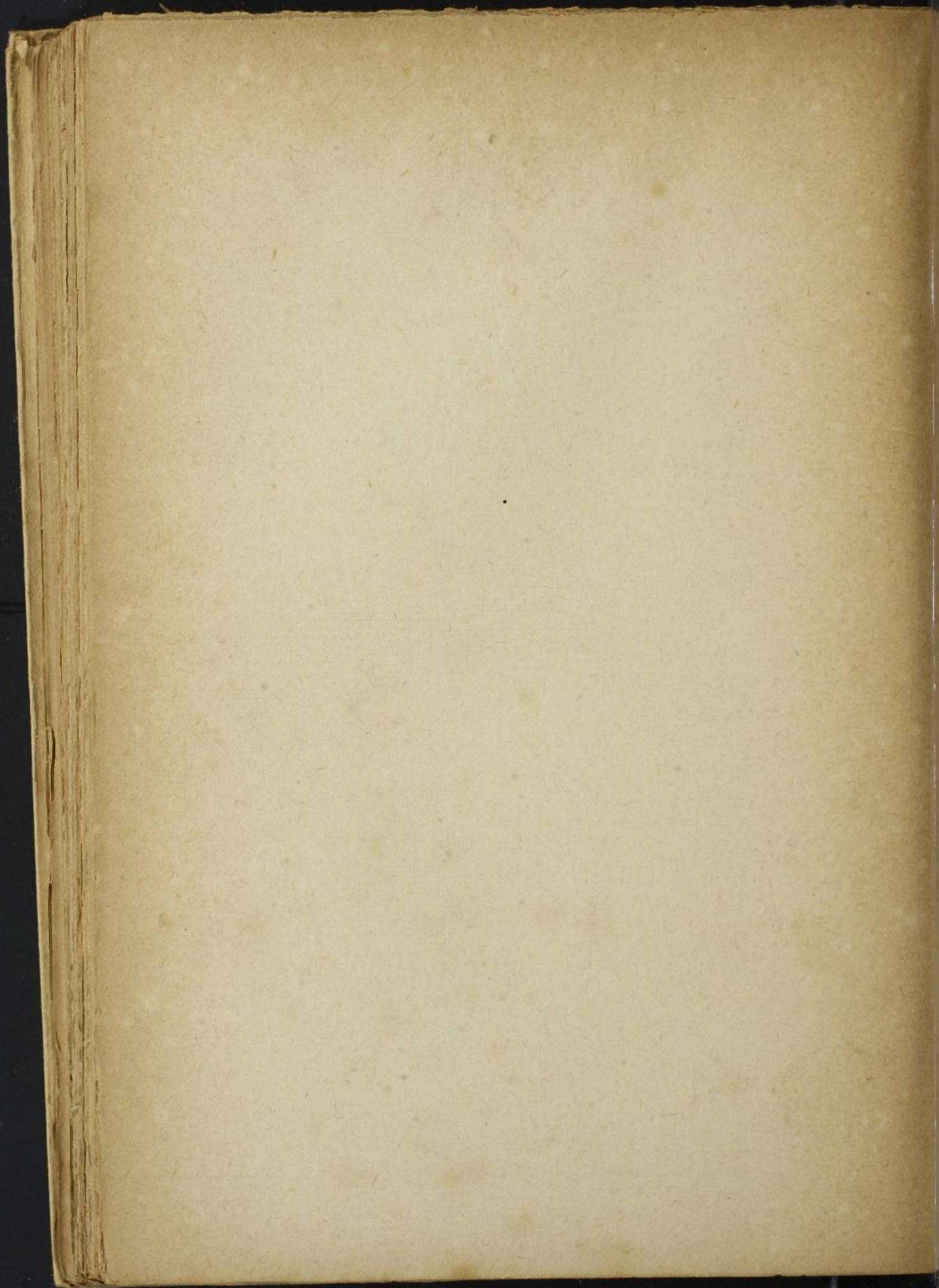
— Para que? Ele está bem, o meu filho! Que Deus o guarde. Ele tem razão.

Exaltada por uma embriaguez que nunca experimentara na vida, gritou ainda mais alto, enquanto o vento lhe agitava a cabeleira branca: — Ele teve razão! Ele fez muito bem! Ele sabe o que faz!... Fica, meu filho, fica no mar quanto tempo queiras... Agora te compreendo!... Só agora!...



QUINTA PARTE

Raquel de Queiroz



1

QUANDO pôs os pés no cais da Baía, Brandão sentiu mais uma vez aquela estranha impressão de imutabilidade que nos dá o contacto com a terra natal, depois de uma ausência grande. Tudo alí parecia eterno e parado, esperando-o, tal como o deixara ao partir. Os mesmos armazens antigos; a mesma cidade velha escalando os morros, lá em cima, com os seus sobradões. O mesmo preto ganhador, dormindo à sombra do guindaste, com a mão direita espalmada no ventre, e o braço esquerdo dobrado sob a cabeça raspada. Tudo familiar, tudo previsto.

Até mesmo o vulto de Lúcia, que caminhava, tímida, sob o sol forte, saída como uma sombra do abrigo de um armazem, não o surpreendia muito.

Brandão olhou a mulher serenamente, tristemente. E tinha uma preguiça antecipada de a saudar, de lhe ouvir as palavras, as possíveis explicações — uma preguiça infernal de tudo que aquele encontro preparava. Não procurava sequer indagar a si mesmo porque estaria ela alí, depois de separação, depois de tudo; porque o esperara, porque caminhava agora ao sol, medrosa e leve.

O que há de mais desolador nas paixões apagadas é isso: é essa espécie de anestesia que se segue ao delírio. Lá vinha Lúcia, depois de tanto tempo de ausência. Fora

a sua mulher, a sua amada, mudara toda a face da sua vida durante algum tempo. E no entanto tudo aquilo agora, já não lhe dizia nada.

Ela chegara; Brandão falava-lhe, apertava-lhe a mão; nada. E enquanto isso, a moça tremia. Que tinha mais ele com aquela mulher? Talvez já houvesse gemido de amor naqueles braços, talvez houvesse conhecido neles céu e inferno; mas como é que se podem recuperar sensações perdidas? Tudo tinha sido uma música ouvida, depois olvidada.

A memória ingrata nada recordava; ou antes, ia recordando aos poucos, como contra a vontade, reavivando lentamente as lembranças: lá estavam as mãos pequenas, ageis e firmes, o risco do cabelo, o sorriso descaído dos lábios e aquela palidez que era a sua força e o seu mistério, que falava ao infantil coração dos homens, sugerindo românticamente nela a estrangeira, a desconhecida.

Ele continuava sem saber o que dizer. Ela, visivelmente, procurava falar e não o podia; afinal Brandão perguntou:

— Então você aquí? E rápido, depois, como repentinamente assustado: — Que é que quer?

Lúcia conseguiu balbuciar qualquer coisa, através da garganta estrangulada:

— Eu já estava esperando o navio há dias e dias. Faz quatro horas que estava em pé, alí, espiando o seu desembarque.

O sol parecia mais forte ainda; Brandão não cuidava dele; e no lábio de Lúcia, que não parara de tremer, o suor ia porejando, como se brotasse daquele frêmito aflito.

Afinal Brandão falou:

— O melhor é sairmos daqui. Para onde você quer ir?

Lúcia teve um gesto nervoso com a mão.

— Não sei. Não tem importância. Qualquer parte. Preciso lhe falar.

— Eu imaginava você longe, tratando da sua vida. Não supus que cuidasse mais em mim. Quem lhe disse que eu voltava?

— Sua mãe. Disse que você estava doente, que o coração piorara. Depois me mostrou suas cartas.

Brandão corou fortemente:

— Mamãe lhe mostrou minhas cartas? Escreví para ela só. Desculpe as coisas desagradáveis que eu falei de você.

Fez uma pausa.

— Aliás, pensando bem, foi melhor assim. Você compreendeu que já sei de tudo. Por isso mesmo não entendo porque me esperou aqui.

Lúcia ergueu os olhos e o olhou, sem sorrir, mas ficou calada. Continuaram andando. Brandão caminhava, com suas grandes mãos vazias, como sempre. A bagagem deixara-a a bordo. Não sabia se devia ou não segurar o braço da moça; não tinha vontade nenhuma de tocá-la. E ficou distante.

E os dois marchavam constrangidos, ele desagradado e indeciso, sem saber bem onde a levasse, ela fechada com a sua preocupação que a absorvia toda, dando dois passos miudos por cada larga passada dele, passiva, humilde, pequenina.

Afinal viram um café. Ele apontou com a mão:

— Quer entrar ali?

Lúcia acenou que sim e o acompanhou docilmente. Sentaram-se. Brandão continuava ainda mergulhado dentro da mesma pressão contraditória de irrealdade e rotina; a terra, a Baía, o café, Lúcia, ali...

— Bem... você disse que soube de minha vinda por informação de minha mãe. Onde descobriu mamãe?

— Fui ao Pau-d'Arco. Ela me recebeu mal; todo o mundo a tinha envenenado contra mim... até você... Mas acabou tendo pena. E estava muito abatida com a sua doença... — quanta tolice naquelas suas cartas! Quanta tolice a meu respeito! Não sabia que você era tão ingênuo, e ouvia histórias de marinheiros. Você, tão orgulhoso, ir falar de mim àquela gente, e acreditar nas coisas que eles inventavam!...

Brandão, irritado com a superioridade que ela afetava, um pouco curioso de ouvir os desmentidos — novas mentiras de-certo, — ia ruminando reminiscências literárias, (Capitú, Bovarí, Cleópatra, sereias mentirosas de romances de espionagem, a neta de Fu-Manchú, o sorriso torcido de Greta Garbo em Mata-Hari...)

Lúcia continuava:

— Você diz numa das cartas que soube em Trinidad que eu nem ao menos me chamava Lúcia! Como é que essa gente me conhecia? Eu nunca fui a Trinidad. E então aquela história de Bangkok! Não sei nem onde é Bangkok!

O lugar mais longe para onde viajei foi Buenos-Aires, e voltava de lá quando você me encontrou. Se fiz mistério de minha vida, foi porque nunca você perguntou nada, e o que eu tinha para dizer não era nem bonito nem agradável. Julguei melhor esquecer tudo. E você, como não sabia de onde eu vinha, me olhava como se eu fosse uma sereia saída do mar... Todo o mundo

imaginava coisas misteriosas a meu respeito; e eu não podia deixar de gostar disso...

Brandão a olhava, cada vez mais afastado e infeliz; aquilo tudo era ridículo, miserável. Que importavam agora as histórias dela? Falar em sereia! tudo tão banal, tão postiço! (esquecia que ele próprio, tempos atrás, tivera palavras idênticas, e se comprazia em atribuir à mulher origens maravilhosas). Que tinha mais ele a ver com os mesquinhos mistérios de Lúcia? O mundo devora tudo!

Ela, porém, continuava, obstinada, sem enxergar o tédio hostil do homem, ávida por contar tudo, por esvaziar diante dele as misérias, as torpezas represadas cuidadosamente durante anos.

— Depois que você fugiu, um japonês foi me procurar no Pau-d'Arco.

— Você é mesmo japonesa?

— Não; isto é, sim e não. Sou filha de pai japonês. Não declarei que era brasileira, quando nos casamos? Nasci em Marília, como disse...

Brandão empurrou o copo de cerveja com um gesto cansado. — Não vi sua certidão de nascimento, naquele tempo.

— Eu não tinha certidão; tinha a carteira de identidade e o passaporte para a Argentina. Você próprio foi quem mandou preparar os papéis do casamento. E nos meus documentos dizia isso mesmo: "nascida em Marília, Estado de São Paulo".

Brandão refez o seu gesto cansado.

— Naquele tempo eu não quis indagar. Pensei que tudo fosse mentira, que aquilo fossem papéis fabricados, mas não queria saber nada da sua vida; dizia a mim mesmo que não achava generoso violentar o seu

mistério; no fundo, de-certo, tinha medo de saber coisas ruins. E repetia para mim que queria apenas você.

Lúcia o olhava, apertando os pequenos olhos oblíquos à claridade forte do sol que vinha de fora.

— É, você e os outros viviam imaginando coisas... e eu deixava, ficava vaidosa. É bom ser sereia, ser on-dina, ser uma espécie de espiã regenerada pelo amor... E me parecia que você também tinha uma vaidade secreta de ter sido o homem que reformou a aventureira... tinha a impressão que estávamos vivendo num filme...

Brandão a interrompeu, sem saber se ela zombava:

— Quem era esse japonês que foi ao Pau-d'Arco?

Lúcia sorriu:

— Causou muita impressão lá... todo o mundo ficou pensando as coisas mais estranhas. Era um representante de uma dessas sociedades de propaganda japonesa. Eles tinham lá o meu endereço, e queriam que eu obtivesse dados, estatísticas, sobre aquela zona. Creio que estavam pensando em adquirir terras para instalar um núcleo de colonização. Pelo menos era o que diziam os papéis que me mandaram.

Brandão insistiu:

— Isso não deixava de ser um trabalho ilegal, proibido...

Lúcia murmurou apenas:

— Ora, Pedro!

E ele estremeceu. Há quanto tempo ninguém o chamava de Pedro!

Depois a mulher voltou a falar de sua vida, da infância em Marília, dos pais que plantavam hortaliças e frutas, da escola japonesa...

Brandão mal a ouvia, desinteressado, aborrecido. A cerveja esquentava no copo, ele chupava nervosamente o cigarro e sentia vontade de deixá-la alí, com suas histórias, andar, ganhar a rua, rever a cidade. Mas Lúcia, resolvida a se explicar, prosseguia. E Brandão, aquí e além, guardava alguma coisa da narrativa dela: "... todos nós éramos registrados no consulado." "A escola pertencia a Fukei Kevai."

Depois Lúcia passou a falar da casa de chá em São Paulo onde fora garçonette. Mais tarde, sem se saber como (ela preenchia mal os claros, ou ele não os ouvia bem), ei-la corista num casino de Santos. Pudicamente, a rapariga fazia alusões veladas aos primeiros amantes: "então um amigo disse..." "eu tinha viajado para o Rio com um amigo..." "E uma pessoa que se interessava por mim..." Observava o efeito do que dizia na cara de Brandão; porem ele, a cada nova revelação, continuava frio, impassível, sem um comentário. Ela então, irritada, pôs-se a catar minúcias escabrosas, para o ver reagir. Ele, entretanto, mal parecia escutar:

"... e que é que eu havia de fazer, para pagar o apartamento? Andava doente com aquela vida, e o ordenado do casino mal dava para os vestidos. Eu era tola, o mais que sabia arranjar era alguém que me pagasse um whisky... Nunca soube explorar, como as outras..."

Brandão fitou-a de súbito, e repetiu:

— As outras? ah, as outras!

Ela não entendeu, teve um pouco de medo, mas prosseguiu.

Andavam moscas pelos restos de açúcar, na mesa. Um grande negro, bonito e grave, bebia uma batida no balcão. O garçon abriu a porta da geladeira perto

deles, e espalhou-se um cheiro especial de peixe, de comida guardada, pela sala toda. Brandão teve saudade de qualquer coisa, do navio, de-certo; estremeceu, tornou a encarar Lúcia. Ela já estava agora no Rio, e contava um furto de jóias, de todas as suas jóias. De onde as teria tirado, tais jóias? — . . . o comissário mandou prender, mas não adiantou. Foi embora tudo . . .

Brandão a interrompeu:

— Você ainda agora falou em Fukei Kevai. Que é?

— É uma instituição educativa; o japonês que foi ao Pau-d'Arco era de lá.

— Você esteve sempre em contacto com eles?

Lúcia hesitou:

— Não . . . Isto é, eles não esquecem a gente, desde a escola. Estão sempre mandando livros, circulares . . .

— Como é que sabiam da sua vida?

— Todos nós temos obrigação de avisar as mudanças de endereço no Consulado. Creio que eles têm um fichário muito bem organizado. Aliás nunca me interessei muito por isso; tinha minha vida, minhas dificuldades em que pensar. Só no Pau-d'Arco, porque não tinha nada que fazer, e eles insistiam . . .

O pensamento de Brandão se deteve nas pequenas aranhas japonesas, tecendo, sabe Deus o que, e para que. E tudo lhe parecia tão fragil, tão frívolo. Que urdiriam eles? De que lhes serviria Lúcia. Tão pequena, tão impotente neste mundo tão grande e tão difícil? E lembrava as árvores gigantes, nas matas do Pau-d'Arco, e o vulto pequenino de Lúcia caminhando entre elas . . . Teve vontade de rir; achava aquela conversa falsa, artificial; parecia-lhe que estava discutindo as absurdas manchetes de jornais sensacionalistas.

Na sua história, que prosseguia como um zumbido incessante, Lúcia já estava falando em Buenos-Aires. Mais detalhes sórdidos, dinheiro, homens, brilhantes, pensões, passagens.

"... e eu estava voltando, desesperada, sem dinheiro, sem saber o que fazer de mim, quando encontrei você..."

Brandão parou de pensar, e fitou de novo a mulher. Que queria ela com a sua história? Não lhe ocorrera a princípio que ela quisesse alguma coisa; mas agora, essa inquietação o obcecava. Escutara-a com paciência, mas o seu desejo de fugir decuplicara.

— Você me encontrou, e daí?

— Eu gostei de você, Pedro! Tinha sofrido muito; e nunca poderei pagar o que você fez por mim. Amparou-me, sustentou-me, chegou até a casar comigo...

— Sim, e daí? — teimava ele em perguntar.

— ... por que é então que você me abandona, depois de tudo que fez? Não tenho ninguém no mundo. Tenho andado por aí, esperando-o. Tenho vivido só Deus sabe como.

— Como?

Lúcia baixou os olhos.

— Sua mãe me deu algum dinheiro. Não falei que ela acabou tendo pena de mim?

— Mamãe não tinha dinheiro bastante para lhe sustentar aqui na Baía.

Lúcia explicou, hesitante:

— Recorrí a uns amigos... e estava esperando por você, Pedro!

Brandão não respondeu logo. Chamou o garçon, pagou a despesa, pingou meticulosamente no pires os

niqueis da gorgeta, ergueu o corpo a meio, depois tornou a sentar. Afinal falou:

— Não adianta, Lúcia; nada disso que você contou me importa mais. Não quero mais saber de você. Tenho pena que tenha ido mexer com mamãe. Para que? Não adianta. Nada adianta. Fui embora porque estava cansado de você e de tudo, cansado e desiludido. Fui embora porque já não podia mais.

— Mas, o que foi que eu lhe fiz?

— Não sei mais. Agora já não tem importância. Para que entrar com recriminações? Não me adianta que você explique nada: não me interessa.

— Mas, Pedro, você casou comigo!

— Que é que eu posso fazer contra isso?

— Você casou comigo, e agora não tem direito de me abandonar!

Ele tornou a fitá-la, estranhamente:

— Que me importa? Por que não tenho direito? Não quero mais saber da sua vida.

— Mas eu gosto de você, Pedro!

— Ora! Você já deve ter gostado de muitos, muitas vezes. Já disse, não adianta, Lúcia.

A mulher pôs-se a chorar. Brandão sentia fadiga, irritação, impotência.

— Lá no Pau-d'Arco você era diferente. Muitas vezes me desesperei por sua causa. E agora é que você está chorando. É tarde.

Ela murmurou entre os soluços.

— Eu mudei, Pedro, compreendí você melhor. A gente poderia recomeçar, Pedro; que é que lhe custa recomeçar? Você gostava de mim!

Que é que custava? Seria possível que ela não compreendesse que aquilo era irrealizável? Recomeçar

o que? Quem lhe devolveria a paixão passada? Nada mais havia a recomençar senão aquele tédio, aquele nojo. Tudo estava estragado, morto.

— Pedro, não me abandone! Tenho sofrido tanto! Até sua mãe, teve pena de mim!

Ele também tinha pena. Sentia-se como se passasse pelas enfermarias de um hospital e visse um doente gemendo, entre dores. O coração se aperta, vem um dó intolerável, e a gente só quer fugir dali, esquecer aquele mal alheio, contra o qual não pode fazer nada.

E Brandão disse ainda:

— Você se habitua, Lúcia. Esqueça que me conheceu; recomece sua vida. Você é moça, bonita, — e experiente. Não será o que lhe falte, experiência...

Porem ela pareceu não perceber a intenção ofensiva, toda entregue ao desejo de o reter ainda, a despeito de tudo.

— Por que você não experimenta? Não se lembra como nós fomos felizes?

— Não. Se houve felicidade, não me lembro. Não lembro nada de bom, só aquela angústia, depois a solidão absoluta.

Era verdade, nada despertava em Brandão àquele apelo da mulher. Não se lembrava e não tinha interesse em se lembrar mais se fora feliz ou não. Para que? Sabia apenas que não o seria agora. Mas tornou a falar com suavidade, porque ela parecia prestes a chorar de novo:

— Ninguém pode consertar certas coisas, Lúcia. Você está se iludindo e quer me iludir. Nem você mesma poderia reviver o que se passou, se recomeçassemos. E além disso, por quantas mãos já andou, depois das minhas?

A rapariga teve um grito:

— Você está com ciumes! Eu juro, Pedro, eu...

Porem Brandão a deteve:

— Não adianta, Lúcia. Nenhuma explicação me interessa. Para que me serve compreender e até mesmo perdoar? Não tenho mais nada com você e ninguém se interessa em perdoar um estranho. Tudo que disser, lhe será apenas uma humilhação inútil.

Ergueu-se. Ela ficou sentada, e ainda insistiu:

— Você vai mesmo embora?

Brandão foi caminhando, decidido a sair dali, de qualquer modo. Ela hesitou, depois se levantou às pressas e o acompanhou. Na calçada pararam. Um bonde vinha chegando a uma centena de metros, além.

— Até logo, Lúcia. Não pense mais nisso. Não tem mais jeito. Vou tomar aquele bonde.

Ela ainda disse:

— Pedro!

Mas o bonde vinha chegando, diminuiu a marcha, parou, recebeu Brandão no estribo, e partiu num silvar de freios.

Lúcia ainda estendeu o braço como para o reter. Porem Brandão procurava não a ver mais, e olhava resolutamente para diante.

E ela ficou alí, só, no meio da rua, perdida, pequenina, desolada.

II

No meio do banco, no bonde, havia um lugar vazio. Brandão sentou-se de-vagar e cruzou as pernas compridas. O seu coração doente, cansado do esforço feito para subir ao bonde, cansado principalmente da penosa

entrevista com Lúcia, batia com força, incômodamente.

A presença de Lúcia lhe perturbara todos os planos. Tinha medo, agora, de ir para junto da mãe, receoso de lá encontrar a mulher. E, desorientado, não sabia o que fazer de si. Porque o seu desejo, quando o mandaram embora do navio, depois do exame médico, depois da descoberta do aneurisma, que esperava traiçoeiramente a hora para rebentar, emboscada nas veias secretas do seu peito, — o seu desejo fora apenas voltar para junto da mãe, e morrer sossegado, repousando a cabeça no mesmo regaço amado onde nascera.

Sós, ele e ela, na velha casa da Baía, seria um fim suave, talvez até compensador. A mesma casa onde o pai morrera, e que ficara fechada todos aqueles anos, cheia de livros, de altos moveis fora da moda, e de morcegos.

Já agora, depois do encontro com Lúcia, não sabia, não sabia. — Sentia-se fraco, sentia-se só. Já não tinha amigos, nem tinha ninguém.

Pensou em Mário; porem ao mesmo tempo a lembrança de Glória também lhe veio, e ele espantou a memória importuna, apressadamente.

Na sua angústia, como se procurasse socorro, olhou os passageiros que viajavam no mesmo banco. Uma mulata madura e gorda, toda farfalhante num vestido de tafetá azul-pavão, ficava-lhe à direita, serena, enchendo amplamente o assento com a grande massa de carne e seda. Tinha um dente de ouro que apareceu, radioso, quando ela sorriu e deu adeus para uma amiga que lhe acenara da porta de uma quitanda.

Do outro lado, um rapaz de liceu, magro e cheio de espinhas, com o pomo-de-adão saliente no pescoço fino, segurava um livro inglês com as mãos maltratadas,

e lia obstinadamente, soletrando as palavras mais difíceis, balbuciando como se rezasse. De-certo não entendia muito a língua estranha, mas o pouco que entendia evidentemente o fascinava.

Seria até infantil, pedir, esperar socorro. Nada é mais distante e inacessível que o nosso próximo. A mulata era de-certo uma senhora, mãe de família, entretida com comadres, devoções e quitutes. O rapaz, esse não chegava nem para si mesmo, dado todo às suas ambições, áquelas histórias de terras estranhas onde se afundava — aquele Jack London que decifrava, e cujas aventuras de marinheiros o seduziam tanto quanto outrora haviam seduzido o moço Brandão.

E Brandão sentia vontade de chorar. Curioso, se aquele gigante plácido, de mãos enormes e cicatriz no queixo, se pusesse a chorar, alí no bonde, como uma moça nervosa!

O mundo lhe parecia cheio de caminhos fechados. Tudo lhe era proibido; ou proibido ou indesejado. Lúcia, — um beco sem saída — a mãe — obscurecida pela ameaça da importuna presença de Lúcia. Amigos, — quem são amigos? — amigos são flores de primavera: precisam de sol e felicidade para se expandir. E além disso, ele nunca se fixara bem em amigos.

O bonde ia chegando às proximidades do elevador que leva à cidade alta. A mulata de azul-pavão, preparava-se para descer, arrumando a coleção de embrulhos que lhe repousavam ao lado, no banco. O estudante, esse, não dava acordo de nada, encostando cada vez mais ao livro os olhos míopes.

Chegou o ponto terminal; os passageiros todos desceram, até o estudante, que levantou os olhos de brusco e pulou do assento, assustado. Todo o mundo

saiu correndo para a entrada do elevador, sob a premissa dessa curiosa e inútil pressa que atormenta as criaturas das cidades. Andam sempre correndo, para o bonde, para o trem, para o ônibus, e, dentro dele, irritam-se quando o veículo não anda na velocidade que a sua urgência exige.

Brandão foi o único que não correu para o elevador. Depois de descer do bonde ficou em pé, no passeio, com as mãos nos bolsos, indeciso. Tinha medo de encontrar Lúcia, mal transpusesse a porta de casa; ao mesmo tempo, pensava em que a mãe já o devia estar esperando, vestida de seda preta, o cabelo grisalho preso atrás pelos grampos de tartaruga, indo e vindo dentro de casa, num alvoroço.

Para o esperar é que deixara o Pau-d'Arco, onde já começava a se readaptar. Por ele é que reabriria a casa velha, erguida junto a um sobrado centenário, com o seu jardim de lado; no jardim havia um tanque seco, cheio de folhas mortas, morada eterna de lagartixas, que se emboscavam alí na sombra fofa, como dragões numa floresta. Ao canto do muro, uma estátua de anão, grotesca e sorridente, estendia o braço curto para a frente, no gesto de segurar um cajado que já não existia, pois a mão fora decepada pelo pulso. E na varanda do lado da sala, trepava pelas colunas um pé de jasmim, tão velho que quando o juiz fora viver alí, ele já era assim velho, montanha cheirosa de folhas verdes e florinhas alvas.

Brandão recordava isso tudo e hesitava. Que faria, que significaria a sombra importuna de Lúcia por entre aquelas relíquias? Via a mãe espanando a poeira dos velhos volumes do Corpus Juris do pai, todos roídos de traças. Via o quadro de formatura do então bacharel

Luiz de Sousa Brandão, numa severa moldura preta, erguido alto a-cavaleiro da estante do fundo. Via o tapete da sala, onde havia a figura dum grande leão estirado na relva, desbotado e majestoso. E os retratos dos avós, em moldura de ouro, a avó, gorda e de bandós lisos, e o avô com uma gravatinha estreita e o rosto emergindo das suíças. E via o seu próprio quarto onde passara a infância e sofrera as angústias da adolescência, oprimido pelos estudos, pela ambição do pai, sentindo o coração inquieto tangido por todos os ventos contraditórios que sopravam de fora.

Era aquela, na verdade, a sua primeira volta para casa. O episódio com Lúcia, o estágio no Pau-d'Arco não haviam sido senão uma nova aventura — tal como a fuga com o circo, a carreira de marinheiro, e aquela sua segunda tentativa marítima que o aneurisma frustrara, miseravelmente.

Agora é que se recuperava, agora é que iria regressar à antiga vida que fora a sua, agora é que voltava realmente, e renunciava a tudo, pois já não tinha ambições nem projetos.

Insensivelmente foi-se encaminhando para a entrada do elevador e deixou-se arrastar pelo novo grupo de gente apressada que queria ir para cima. Mas, saindo do elevador, viu-se também tomado de uma pressa súbita; esqueceu os receios, apanhou um automovel, deu um endereço, e viu-se levado pela rua nova, pavimentada de asfalto, ladeada de vitrinas vistosas; depois dobraram, passaram várias outras ruas de solo íngreme, meteram-se por uma ruela estreita, tão estreita que os pas-

sageiros dos bondes poderiam quase tocar com as mãos o reboco secular das casas vetustas. Subiu e desceu ladeiras, até que o chauffeur, estirando o pescoço, para ler o número da casa, parou o carro velho num ruído de freios.

Brandão pagou, quis descer; sua mão tremia agarrada à maçaneta da porta do carro, que enguiçara. O motorista o ajudou e ele empurrou quase tímido o alto portão enferrujado, que permanecia alí mais como um símbolo do que como guarda, pois nem mais ferrolho tinha. O jardim, menor, mais seco e sujo do que o recordara, dormia ao sol, silencioso, como deviam dormir também as lagartixas do tanque. E lá no canto o anãozinho erguia sempre para o ar o punho mutilado.

Brandão bateu à porta, esperou um pouco, estranhando não ouvir a voz de d. Elisabeth. Afinal apareceu uma preta — criada nova, desonhecida. Ele perguntou pela mãe. A preta, da rótula, sem abrir a porta, explicou que a patroa estava de cama. Mas quando Brandão deu o nome, ela sorriu, desculpou-se, correu atarantadamente o ferrolho, explicando que só esperavam a chegada do navio no dia seguinte.

Brandão entrou, com um peso no coração, se encaiminhou para o antigo quarto dos pais. Mas a criada o atalhou:

— D. Elisabeth está no quarto pequeno. Disse que tinha medo de ficar sozinha naquele quarto tão grande.

E correu na frente dele, entrou de quarto a dentro, exclamando:

— D. Elisabeth, D. Elisabeth, o seu Pedro já chegou!

Quando Brandão entrou no quarto, viu a mãe, sentada na cama, procurando aflitamente os chinelos; foi

preciso que a rapariga se ajoelhasse no chão e a calçasse. O velho corpo, que a doença mingudara ainda mais, cobria-se todo com o alvo camisolão de amplas mangas. E a trança grisalha lhe escorria pelas costas, — traço de juventude inesperado e patético na trêmula e franzina criatura que lhe estendia as mãos.

Brandão se sentou ao seu lado, apertando-a nos braços.

— Não se levante, minha velha, não se levante. O que é que você tem?

Ela não respondeu, e repetia apenas, trespassada pelo choque da surpresa feliz:

— Pedro, meu filho, meu filhinho.

Do canto onde estava, a criada espiava, sorrindo. E de-repente D. Elisabeth, tomando acordo de si, perguntou:

— Você já almoçou, meu filho?

E como ele dissesse que sim, ela insistiu:

— Tome ao menos um café. Maria, vá fazer um café para seu Pedro. Sirva na salva de prata.

Brandão depôs a cabeça fatigada da mãe no travesseiro alto. D. Elisabeth deixou-se agasalhar, mas protestava, sorria, jurava que não tinha nada, só macacoas de velha.

Depois parou de sorrir, olhou intensamente o filho, e disse, num suspiro:

— Agora, já posso morrer sossegada.

E Brandão, sentando na beira da cama, segurando a mão trêmula que procurava a sua, murmurou consigo:

— E eu também,

III

À noite, Mário apareceu. Vinha sempre visitar D. Elisabeth, ouvir as novidades que ela contava a respeito do filho, fugindo um pouco, junto da velha, naquela sala quieta e severa, das complicadas misérias em que se debatia.

Continuava vivendo na mesma casa em que moravam o sogro e a mulher. Glória não lhe falava quase, deixava-o ao cuidado da velha Generosa, e ele vivia relegado num quarto onde as crianças não podiam entrar nunca, por ordem da mãe, que temia o contágio. Sua saúde se mantinha numa espécie de equilíbrio precário, e ele bebia leite, engulia pilulas, ia de vez em quando ao médico, e todas as manhãs tomava sol no jardim, enquanto os filhos brincavam mais longe. Lia, escrevia os seus extravagantes diários, cujas folhas soltas rasgava depois, ou perdia.

Desde que D. Elisabeth voltara do Pau-d'Arco, ele, quase todas as tardes, bem agasalhado, em passos trêmulos, dirigia-se à casa dela, que ficava ali perto. Sentia-se de certo modo ligado à velha por todas as outras afeições perdidas, — Lúcia, Brandão, entre elas, — e pela vida que desaparecera.

Numa dessas visitas encontrara Lúcia lá. Não a sabia na Baía, pois a velha nunca lhe falara na nora, e não sei quem, talvez, Glória, talvez o dr. Gomes, lhe dissera que Lúcia tinha embarcado para São Paulo.

Ela o olhou, sem surpresa, enquanto ele balbuciava e tremia. E despediu-se logo, saiu, pálida e impassível, depois de beijar a mão da mãe de Pedro.

Mário, depois que a viu partir, ousou uma pergunta, admirado daquela presença alí; não ignorava o rancor antigo da sogra, assistira a partida quase clandestina da moça, no Pau-d'Arco.

D. Elisabeth explicou entretanto, constrangida:

— Coitada — veio saber notícias de Pedro. Tem sofrido muito. Afinal, ela não tem culpa, é assim mesmo. Loucura foi a dele; coitadinho do meu filho, nunca teve cabeça, só tem coração...

E passou a mostrar a última carta em que Brandão dizia o nome do navio em que voltava, o dia provavel em que desembarcaria na Baía, — carta curta, seca, onde a inteligência perturbada de Mário não pôde entrever nem o amargo desengano, nem a renúncia definitiva daquele regresso.

Agora estava alí, com as magras pernas cruzadas, o olhar vago, sentado tristemente num canto do sofá.

D. Elisabeth, do seu quarto, os chamou.

Reuniram-se lá. Mário numa cadeira, Brandão na cama, junto da mãe.

Estavam já assim há alguns minutos, d. Elisabeth fitando o filho, Brandão com os olhos esquecidos num São Jorge de madeira que feria sorridente um dragão de língua rubra e de olhos revirados, e parecia procurar uma derradeira salvação no teto do pequeno oratório posto sobre a cômoda. Então Mário falou de-súbito:

— Lúcia não apareceu?

D. Elisabeth estremeceu. Não falara ainda ao filho no nome de Lúcia. Procurou dizer alguma cousa, explicar as visitas da moça, advogar-lhe de qualquer modo a causa, segundo prometera.

Mas Brandão atalhou: — Já a vi no cais.

Depois, quando Mário saiu, ele voltou ao quarto da velha e disse quase áspero:

— Não quero mais ver nem saber de Lúcia, mamãe. Não a receba mais. Nós dois já nos dissemos tudo o que ainda havia a dizer, nesse encontro de hoje.

Parou um pouco. Depois tornou:

— Sei que a senhora tem pena dela. Porém Lúcia é moça, tem muita vida na frente. E nós dois precisamos de sossego.

Saiu sem a olhar. Fez bem, porque d. Elisabeth pusera-se a chorar, com o rosto virado para a parede. Chorava sem saber de que, de pena, de comoção, de fraqueza.

IV

D. Elisabeth viveu mais um mês. Num dia se finou suavemente, sozinha, sem um grito, sem um apelo, enquanto na sala vizinha o filho almoçava. Parece que procurava se erguer da cama, e caiu de borco, surpreendida pela morte no meio do esforço. Quando Brandão entrou no quarto, calmamente, depois de tomar café e fumar um cigarro no jardim, já a achou morta, fria.

Ele mesmo a vestiu, com a mortalha preta de freira que ela preparara há muito tempo, para derradeiro vestido, e guardava entre saquinhos de ervas cheirosas e bolas de naftalina na última gaveta da cômoda. Pôs-lhe o rosário ao pescoço, cruzou-lhe cuidadosamente, sobre o peito, os dedos esguios que o tempo enge-lhara. Hesitou pensando em lhe tirar do anular as duas alianças de casamento, — a sua e a do marido, que usava em sinal de viuvez. Mas deixou-as afinal onde estavam,

certo de que ela preferiria ser enterrada levando na mão o anel do marido morto.

Depois do enterro, Brandão ficou pela casa, passeando e fumando; mas ao cabo de algum tempo, o cheiro insuportável de incenso, a angústia, a saudade, o expulsaram dali.

Parou numa venda, chegou ao balcão, tomou um cálice de conhaque, sem se importar com as proibições do médico. Passava um bonde. Subiu nele, e deixou-se levar até ao cais.

Lá, encostado à torre dum guindaste, ficou-se parado, a olhar a água suja e oleosa, o ruidoso trabalho dos estivadores e dos guindastes, no outro armazem, descarregando um navio que trazia a bandeira nacional pintada largamente no costado.

Tomou o hábito de vir alí, todas as tardes. A vida lhe decorria numa monotonia estranha, que concordava bem com o vazio do seu coração.

Não trabalhava, sustentava-se com os poucos recursos que lhe vinham do Pau-d'Arco abandonado, dum boi que mandava vender quando aqueles recursos escasseavam mais. Não pensava no futuro, nem no que faria quando o Pau-d'Arco se esgotasse de todo. Talvez vendesse a casa e voltasse para lá, trabalhasse um pouco a terra para tirar dela o sustento. Mas esperava morrer antes disso.

Despedira a preta logo depois da morte da mãe, desejoso de ficar só. Com a sua prática de marinho arrumava ele próprio a cama, varria as pontas de cigarro e preparava a comida em horas irregulares, sempre que tinha fome.

Lúcia aparecera ainda uma vez, quando a mãe ainda vivia. D. Elisabeth a mandara despedir pela empregada,

cumprindo as ordens do filho. Dias mais tarde chegou uma carta, com a letra dela no envelope, — carta que Brandão rasgou sem ler .

Depois disso, não deu mais notícias; Mário, que ainda aparecia de longe em longe, e deixava-se estar, imóvel e abstrato, no seu canto empoeirado do sofá, contou ter sabido por Glória que Lúcia embarcara.

Brandão não comentou, não fez nenhuma pergunta, e o assunto morreu ali.

Uma tarde, ele estava no cais, como sempre, parado, triste, olhando o movimento.

O sol poente mergulhava o céu num vermelho angustioso, e o canto dos estivadores, carregando em fila os sacos de cacau, tinha uma melancolia de morte.

Brandão sentara-se num frade de pedra, à beira mesmo da água. Havia pouco movimento ali, e à sua frente, uma chata vazia se balouçava de leve na água, esperando carga.

Um pretinho, pernalta e alegre, com um caniço de pesca no ombro, uma lata de minhocas na mão, aproximou-se dele. Chegou até à beira do cais, olhou a chata que flutuava a pouco mais de um metro do paredão, depois sorriu atrevido para o homem. De-certo queria ir pescar na chata vazia. Brandão o viu olhar da embarcação para o cais, como se medisse a distância, e de-repente armar o pulo. Mal o seu pé atingiu o rebordo do barco, resvalou pelo costado; e depois de bater com a cabeça no gancho de ferro do remo, o pretinho afundou na água que o enguliu rapidamente.

Brandão olhava, assustado, sem poder evitar o que acontecera, tão rápido fora tudo. Esperou um pouco, mas vendo que o pequeno não aparecia, tirou o paletó

e os sapatos e pulou com repugnância para a água suja e morna.

Quatro vezes mergulhou sem encontrar nada. Da última vez, quando o coração já parecia querer lhe estalar no peito, sua mão encontrou, entre duas águas, um pano flutuante, e dentro dele o braço do menino. Agarrou-se ao pano, emergiu, entregou-se arquejante aos braços que se estendiam no cais; foi içado ao mesmo tempo que o pequeno, coitadinho, desacordado ou morto, enquanto se fechava em torno deles o grupo de curiosos que depressa se formara.

Brandão sentia uma dispnéia aflitiva, uma dor intensa no peito, e deitaram-no no chão ao lado do pretilho, que, de tão imóvel, devia estar realmente morto.

Veio-lhe à boca um gosto de sangue. A falta de ar aumentava sempre, e a dor no peito o sufocava mais, como se uma pedra o esmagasse.

Olhou em torno de si, talvez procurando auxílio. Alguem falou que o homem precisava de espaço para respirar, e a multidão se afastou, lentamente, uns empurrados pelos outros.

Brandão perdeu de vista as caras curiosas que o espiavam, e o seu olhar foi banhado de novo pela luz sangrenta do sol que se punha.

Quando a ambulância chegou, já estava morto.

E o médico que lhe fechou compassivamente os olhos, não reparou que apagava ao mesmo tempo um lampejo vermelho de sol que ainda brilhava nas pupilas vazias.

★ Este livro foi composto e impresso na
Emprêsa Gráfica da "Revista dos Tribunais"
Ltda., à rua Conde de Sarzedas, 38 —
São Paulo, para a Livraria Martins, em
Julho de 1942.

29803

meçava a assustar os seus próprios autores. A criação adquiria contornos e formas imprevistas, o romance ganhava corpo, situava-se no tempo e no espaço, dotado de estrutura sólida. Ao continuá-lo, Anibal Machado enfrentou nma situação perigosa. Nada menos de três grandes romancistas o tinham precedido. Embora ainda não seja autor de livro algum, o contista de "A Morte do Porta-Estandarte" é um dos nomes mais conhecidos nos meios literários do Brasil. Todos sabem que uma página de Anibal Machado é sempre uma página definitiva. Não faltaram, portanto, os mais imprevistos prognósticos quanto à maneira de como iria ele sair-se da empresa. Mas, ao entregar a sua parte, as atenções se transformaram em aplausos irrestritos. Superando-se a si mesmo, manteve "Brandão entre o mar e o amor", no mesmo elevado nível, entregando-o a Raquel de Queiroz, para que a romancista de "O Quinze" o concluísse. E Raquel de Queiroz, — será preciso dizê-lo? — soube concluí-lo como autêntica e grande romancista.

Reunindo aos nomes desses escritores o do grande ilustrador e pintor Santa Rosa, que se encarregou de confeccionar a capa, a Livraria Martins entrega agora, aos leitores do Brasil, "Brandão entre o mar e o amor", certa de que não somente pela garantia dos nomes que nele figuram, como pela originalidade do tema e da tentativa, constituirá um legítimo sucesso para as letras brasileiras. A diversidade de estilos, longe de prejudicar o romance, vem movimentá-lo e enriquecê-lo, levando-nos através de suas páginas, a um autêntico torneio no qual se defrontam nomes que ocupam os primeiros postos na literatura contemporânea brasileira.

Algumas de nossas edições

FAGUNDES VARELA

por Edgard Cavalheiro

Neste trabalho, estudo arguto e percuciente do desventurado cantor do nosso romantismo, o autor reviveu em páginas magistrais a época e o meio social em que viveu Fagundes Varela.

Um vol. com 360 págs., ilustrações de Belmonte 15\$000

EÇA DE QUEIROZ

por Clovis Ramalhete

Dominando como poucos o idioma, Clovis Ramalhete era bem o escritor indicado para falar sobre Eça. O seu trabalho, laureado pela Academia Brasileira de Letras, constitui um dos mais belos e compreensivos volumes sobre o grande nome da literatura portuguesa.

Um vol., com 280 págs., capa e ilustrações de Pacheco 15\$000

A B C DE CASTRO ALVES

por Jorge Amado

Alem de representar autêntica obra de arte de um grande romancista, constitui este trabalho a mais completa das biografias já escritas sobre o mais popular dos poetas brasileiros.

Um vol. com 390 págs., capa e ilustrações de Santa Rosa 15\$000

ANQUINHAS E BERNARDAS

por Mário Sette

Ampliando a sua visão sobre o nosso passado, o autor reuniu uma série de curiosas e pitorescas crônicas sobre temas, usos, costumes e singularidades do Brasil de ontem.

Um vol. ilustrado por Nestor Silva, com 230 págs. 10\$000

CARTAS DO MEU AMOR

por Guilherme de Almeida

Pequena jóia bibliográfica na qual o poeta da nossa emoção reuniu cerca de vinte das suas melhores produções.

Um vol. ilustrado por Noêmia em três cores 12\$000

LIVRARIA MARTINS EDITOR

RUA 15 DE NOVEMBRO, 135 — S. PAULO